

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

JESSYCA CHRISTYNA SOARES DA SILVA

**A VARIAÇÃO DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NAS REVISTAS EM
QUADRINHOS DO CHICO BENTO**

VITÓRIA

2020

JESSYCA CHRISTYNA SOARES DA SILVA

**A VARIAÇÃO DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NAS REVISTAS EM
QUADRINHOS DO CHICO BENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lilian Coutinho Yacovenco

VITÓRIA

2020

Jessyca Christyna Soares da Silva

A variação de primeira pessoa do plural nas revistas em quadrinhos do Chico Bento

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 30 de novembro de 2020

COMISSÃO EXAMINADORA:



Profª Drª Lilian Coutinho Yacovenco (UFES)

Orientador e Presidente da Comissão Examinadora



Profª Drª Maria Marta Pereira Scherre (UFES)

Examinador Interno



Profª Drª Leila Maria Tesch (UFES)

Examinador Externo

Com todo o amor e gratidão do mundo:

Aos meus pais;

Ao meu Lucas;

E ao meu Bernardo.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, Stella e Cláudio. Obrigada por nunca medirem esforços para fazer com que os seus filhos fossem além e alcançassem os seus sonhos. Vocês são os meus maiores incentivadores.

Agradeço ao meu companheiro de estrada Lucas Eduardo. Obrigada por toda a compreensão, carinho e cada palavra de acalento. Obrigada por acreditar em mim, quando nem eu mesma acreditei.

Agradeço aos meus irmãos, Lucas, Isabella e Leonardo, por todo o apoio e incentivo. Em especial, ao Léo, por toda ajuda com as revistas em quadrinhos e motivação dada.

Agradeço, também, a Maria José, por todo cuidado e preocupação que sempre teve comigo. Obrigada pelos cafés que recarregavam as minhas energias. Agradeço ao João Marcos, por todos os discursos motivacionais.

Não posso deixar de agradecer, em especial, à minha orientadora, prof.^a dr.^a Lilian Coutinho Yacovenco. Essa pesquisa só foi possível por ter acreditado em mim, desde o início. Obrigada pela paciência, dedicação, ensinamentos e palavras acolhedoras.

Meus sinceros agradecimentos à prof.^a dr.^a Maria Marta Pereira Scherre. É uma felicidade tê-la na minha banca e desfrutar da sua experiência e ensinamentos. Agradeço à prof.^a dr.^a Leila Maria Tesch, por toda disponibilidade e sugestões na minha qualificação. Agradeço, ainda, ao prof. dr. Paulo Ramos, pela disponibilidade em me ajudar e indicações de leitura e discussões. Com certeza, as contribuições de vocês fizeram com que o meu estudo fosse melhor.

Agradeço a Caroliny Batista Massariol e ao André Poltroniere, pesquisadores e amigos, por compartilhar comigo momentos tão felizes e, por vezes, de desespero. Obrigada por todos os conselhos valiosos e por toda paciência que tiveram – e têm! – comigo.

O meu caminho foi menos árduo por ter tido pessoas maravilhosas ao meu lado.



RESUMO

No português brasileiro, há duas maneiras para expressarmos a primeira pessoa do plural: a variante *nós* e a variante *a gente*. Ao consultarmos as gramáticas normativas (BECHARA, 2009; CUNHA & CINTRA, 2008; e ROCHA LIMA, 2013), percebemos uma carência de registros desta segunda variante, apesar de, cada vez mais, pesquisas sociolinguísticas evidenciarem sua inserção no sistema pronominal brasileiro. Estudos anteriores ao nosso, com dados oriundos da fala (FOEGER, 2014; LOPES, 2003; MENDONÇA, 2010, OMENA, 1996; SEARA, 2000, TAMANINE, 2010), apontam, no geral, que estamos diante de uma mudança linguística em curso. Todavia, no que concerne aos estudos sobre este tema em dados escritos, percebemos uma escassez de pesquisas, em especial, nas revistas em quadrinhos (MENON, LAMBACH & LANDARIN, 2003). Em virtude disso, nos propomos a analisar a variação e mudança linguística da primeira pessoa do plural nas revistas em quadrinhos de Chico Bento e Chico Bento Moço, de Maurício de Souza, observando (1) a alternância *nós/a gente* em todas as funções sintáticas, (2) a alternância *nós/a gente* na função de sujeito e (3) a concordância verbal de primeira pessoa do plural. Para tanto, nos baseamos nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, de W. Labov (2008 [1972]) e, para a análise quantitativa dos dados, nos valemos do programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH 2005). Na análise da alternância de *nós* e *a gente* em todas as funções sintáticas, na Turma Criança (Chico Bento), a variante *a gente* foi favorecida, com significância estatística, em função sintática diversa do sujeito, no pretérito imperfeito, no presente igual ao pretérito perfeito, no presente diferente do pretérito [-saliente], no local de fala urbano e pela data de publicação mais recente, a década de 2010. Na Turma Jovem (Chico Bento Moço), foram selecionados como estatisticamente significativos os fatores para o uso de *a gente* o pretérito imperfeito, o presente igual ao pretérito perfeito e o presente diferente do pretérito [-saliente] e o grupo social [República]. Para a variação na função de sujeito, na Turma Criança, *a gente* foi favorecido no pretérito imperfeito, no presente diferente do pretérito [-saliente], no presente igual ao pretérito, na referência genérica, nos grupos sociais de [-poder; -influência] e no ambiente urbano. Na análise de concordância de primeira pessoa, na Turma Criança, favoreceram a marcação da concordância as décadas mais recentes, os personagens [+poder; +influência], as personagens femininas, as formas verbais de maior saliência fônica e os personagens de faixas etárias mais velhas. Na Turma Jovem, a concordância foi, praticamente, categórica com ambas as formas pronominais e não houve seleção estatística.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista, alternância *nós/a gente*, concordância verbal de primeira pessoa do plural, revistas em quadrinhos, Chico Bento.

ABSTRACT

In Brazilian Portuguese there are two ways to express the plural first person: “*nós/a gente*” (matches we). When consulting the normative grammars (BECHARA, 2009; CUNHA & CINTRA, 2008; and ROCHA LIMA, 2013), we notice a lack of records of this variant, despite the fact that, increasingly, sociolinguistic research shows the increasing insertion of *a gente* in the pronominal system Brazilian. Studies preceding ours with data from speech (OMENA, 1996; SEARA, 2000, TAMANINE, 2010; LOPES, 2003; MENDONÇA, 2010; FOEGER, 2014) indicate, in general, that we are facing an ongoing linguistic change. However, with regard to studies on this topic in written data, we noticed a lack of research, especially in comic books (MENON, LAMBACH & LANDARIN, 2003). As a result, we propose to analyze the variation and linguistic change of the first person plural in the comic books of Chico Bento, by Maurício de Souza, observing (1) the alternation between *nós/a gente* in all syntactic functions, (2) the alternation between *nós/a gente* in the subject function and (3) the verbal agreement of the first person plural. For that, we are based on the theoretical and methodological assumptions of Sociolinguistics Variation, by W. Labov (2008 [1972]) and, for the quantitative analysis of the data, we use GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH 2005). We obtained the following results for the variation *nós/a gente* in all syntactic functions, in the child class magazines: *a gente* was favored in the non-subject functions, the past imperfect, the present equal to the past perfect and the present different from the past [-salient], the urban location speech and the decade and; in the teen class magazines: the past imperfect, the present equal to the past perfect and the present different from the past [-saliente] and the social group [República] favored the *a gente*. For variation in the subject function, in the child class magazines: the past imperfect, the present different from the past [-salient] and the present equal to the past, the generic reference, the social group [-power; -influence] and the urban environment favored *a gente*. For verbal agreement in the child class magazines: the most recent decades, the social group [+ power; + influence], female characters, the most prominent verbal forms and the characters of older age groups. In the Youth Class, the agreement was practically categorical with *nós/a gente* and there was no set of factors selected.

Key words: Variationist Sociolinguistics, interchange *nós/a gente*, plural first-person verbal agreement, comic books, Chico Bento.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – SUPER TOKEN DE EMPREGO DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NAS REVISTAS EM QUADRINHOS DE CHICO BENTO.	26
FIGURA 2 – SUPER TOKEN DE EMPREGO DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NAS REVISTAS EM QUADRINHOS DE CHICO BENTO.	27
FIGURA 3 – USO DE A GENTE COMO OBJETO DIRETO.....	28
FIGURA 4 – EMPREGO DE <i>NÓS</i> COMO <i>OBJETO DIRETO</i>	28
FIGURA 5 – SUPER TOKEN DE CONCORDÂNCIA VERBAL DO PRONOME <i>NÓS</i> + <i>-MOS</i> E <i>NÓS</i> + DESINÊNCIA VERBAL <i>-Ø</i> [ZERO].	36
FIGURA 7 – A COMICIDADE ATRAVÉS DO CONTORNO DO QUADRINHO.	52
FIGURA 8 – EXEMPLO DE MARGEM DE QUADRO QUE DEMARCA TEMPORALIDADE.	53
FIGURA 9 – MOVIMENTAÇÃO DE PERSONAGEM POR MEIO DE LINHAS CINÉTICAS.	54
FIGURA 10 – BALÃO-FALA DA PERSONAGEM COTINHA, MÃE DO CHICO BENTO.	55
FIGURA 11 – BALÃO DE PENSAMENTO DO PERSONAGEM ZÉ LELE, PRIMO DO CHICO BENTO.	56
FIGURA 12 – BALÃO-COCHICHO DA PERSONAGEM <i>VIOLETTE/FRANCIS</i>	56
FIGURA 13 – BALÃO-TRÊMULO DOS PERSONAGENS <i>VIOLETTE/FRANCIS</i> E VESPA, COLEGAS DA UNIVERSIDADE DO CHICO BENTO.	57
FIGURA 14 – ELEMENTOS DISTINTIVOS NA GRAFIA DAS LETRAS QUE INDICAM GRITOS.....	58
FIGURA 15 – REPRESENTAÇÃO SONORA POR MEIO DE CARACTERES ALFABÉTICOS.	59
FIGURA 16 – USO DE METÁFORA VISUAL PARA CORROBORAR A TROMBADA DOS PERSONAGENS.	60
FIGURA 17 – REPRESENTAÇÃO ESTÉTICA DE PERSONAGENS BANDIDOS.....	61
FIGURA 18 – REPRESENTAÇÃO ESTÉTICA DE PERSONAGENS POLICIAIS.....	62
FIGURA 19 – CONTRASTE DA COMPOSIÇÃO IMAGÉTICA DE PERSONAGENS URBANO E RURAIS.....	63
FIGURA 20 – ROUPA DO CHICO BENTO NO MEIO URBANO.....	64
FIGURA 21 – ROUPA DA ROSINHA NO MEIO URBANO.	65
FIGURA 22 – ROUPAS EMPRESTADAS DA PRIMA DA ROSINHA.....	66
FIGURA 23 - CHICO BENTO NAS TIRAS HIROSHI E ZEZINHO.	70
FIGURA 24 – PRIMEIRA EDIÇÃO DA REVISTA EM QUADRINHOS DO CHICO BENTO, DE MAURÍCIO DE SOUSA.	71

FIGURA 25 – TRANSFORMAÇÃO DO PERSONAGEM CHICO BENTO, DE MAURÍCIO DE SOUSA.....	72
FIGURA 26 – CARTA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGUÍSTICA À EDITORA ABRIL.....	74
FIGURA 27: PERSONAGEM CHICO BENTO APRESENTANDO O SEU PAI, TONICO, AOS LEITORES.....	75
FIGURA 28 – PERSONAGEM CHICO BENTO APRESENTANDO A SUA MÃE, COTINHA, AOS LEITORES.	76
FIGURA 29 – PERSONAGEM CHICO BENTO APRESENTANDO O SEU PRIMO, ZÉ LELÉ, AOS LEITORES.	76
FIGURA 30 – PERSONAGEM CHICO BENTO APRESENTANDO OS SEUS AMIGOS, ZÉ DA ROÇA E HIROSHI, AOS LEITORES.	77
FIGURA 31 – NOVOS PERSONAGENS DA REPÚBLICA.	78
FIGURA 32 – NOVOS PERSONAGENS, COLEGAS DA UNIVERSIDADE DO CHICO BENTO.	79
FIGURA 33 – PERSONAGENS GENÉSIO E SUA NAMORADA AMERICANA ANNA <i>RUMBLE</i>	80
FIGURA 34 – EXEMPLO DE AUTOMONITORAMENTO DA FALA DE CHICO BENTO.....	81
FIGURA 35 – PRECONCEITO CULTURAL DE UM PERSONAGEM DA UNIVERSIDADE PARA COM CHICO BENTO.....	81
FIGURA 36 – ZÉ LELÉ EXPLICA AO CHICO BENTO O PORQUÊ DE NÃO QUERER IR PARA A CIDADE ESTUDAR.	82
FIGURA 37 – PRONOME <i>A GENTE</i> EM FUNÇÃO DE OBJETO DIRETO.....	86
FIGURA 38 – PRONOME <i>NÓS</i> EM FUNÇÃO DE OBJETO DIRETO.....	86
FIGURA 39 – EXEMPLO DE <i>A GENTE</i> EM FUNÇÃO DE COMPLEMENTO PREPOSICIONADO.....	87
FIGURA 40 – EXEMPLO DE <i>NÓS</i> EM FUNÇÃO DE COMPLEMENTO PREPOSICIONADO.....	87
FIGURA 41 – EXEMPLO DE ADJUNTO ADNOMINAL COM O PRONOME <i>A GENTE</i>	88
FIGURA 42 – EXEMPLO DE ADJUNTO ADNOMINAL COM O PRONOME <i>NÓS</i>	88
FIGURA 43 – EMPREGO DE <i>A GENTE</i> EM FUNÇÃO DE AJUNTO ADVERBIAL.....	89
FIGURA 44 – OCORRÊNCIA DE <i>NÓS</i> EM FUNÇÃO DE ADJUNTO ADVERBIAL.....	89
FIGURA 45 – EMPREGO DE <i>A GENTE</i> NA FUNÇÃO DE COMPLEMENTO NOMINAL. ...	90
FIGURA 46 – EXEMPLO DE <i>NÓS</i> COMO COMPLEMENTO NOMINAL.....	90
FIGURA 47 – EXEMPLO DE <i>A GENTE</i> COM REFERÊNCIA GENÉRICA.	96
FIGURA 48 – EMPREGO DE <i>A GENTE</i> COM REFERÊNCIA ESPECÍFICA.....	96
FIGURA 49 – USO DE <i>NÓS</i> COM REFERÊNCIA GENÉRICA.....	97

FIGURA 50 – EXEMPLO DE <i>A GENTE</i> PREENCHIDO E NÃO PREENCHIDO.....	98
FIGURA 51 – OCORRÊNCIA DE <i>NÓS</i> PREENCHIDO.	99
FIGURA 52 – EMPREGO DE <i>NÓS</i> EXPLÍCITO COM VERBO SEM PARADIGMA VERBAL - <i>MOS</i>	99
FIGURA 53 – EMPREGO DE <i>NÓS</i> SEM PREENCHIMENTO.	100
FIGURA 54 – OCORRÊNCIAS DE <i>NÓS</i> E <i>A GENTE</i> POR PERSONAGEM FEMININA...	103
FIGURA 55 – OCORRÊNCIA DE <i>A GENTE</i> POR PERSONAGEM URBANO NO MEIO URBANO.	109
FIGURA 56 – OCORRÊNCIA DE <i>A GENTE</i> POR PERSONAGEM URBANO NO MEIO RURAL.	110
FIGURA 57 - EMPREGO DA DESINÊNCIA VERBAL - <i>MOS</i> COMO MARCAÇÃO DO PRETÉRITO PERFEITO.	122
FIGURA 58 - EMPREGO DE <i>NÓS</i> SEM CONCORDÂNCIA E <i>A GENTE</i> COM CONCORDÂNCIA DE TERCEIRA PESSOA DO SINGULAR PARA MARCAR O PRESENTE.	123
FIGURA 59 – CASOS DE NÃO CONCORDÂNCIA VERBAL COM O PRONOME INOVADOR <i>A GENTE</i>	136
FIGURA 60 - EXEMPLO DE NÃO CONCORDÂNCIA PELO PERSONAGEM ESTRANGEIRO ZÉ DA RÚSSIA.	138
FIGURA 61 - EXEMPLO DE NÃO CONCORDÂNCIA VERBAL COM O PRETÉRITO PERFEITO NA REVISTA DA TURMA CRIANÇA.	148
FIGURA 62 – CORREÇÃO DE FALA DO PERSONAGEM CHICO BENTO PELA PROF. ^a MARICOTA.	150

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – ATUAÇÃO DO TRAÇO SEMÂNTICO DO SUJEITO SOBRE A VARIANTE A GENTE.....	41
TABELA 2 – VALORES DA APLICAÇÃO DO A GENTE POR AMOSTRAS.....	43
TABELA 3 – TIPOLOGIA SEMÂNTICA EM TEMPO REAL DE CURTA DURAÇÃO DO A GENTE.....	44
TABELA 4 – ATUAÇÃO DA ENTREVISTADORA SOBRE A VARIANTE A GENTE.....	49
TABELA 5 – RESULTADOS OBTIDOS PARA A REVISTA EM QUADRINHOS.....	114
TABELA 6 – DISTRIBUIÇÃO DOS DADOS DE A GENTE E NÓS CONFORME A DÉCADA DE PUBLICAÇÃO NAS REVISTAS EM QUADRINHOS DA TURMA CRIANÇA.....	116
TABELA 7 - EFEITO DA VARIÁVEL FUNÇÃO SINTÁTICA SOBRE O PRONOME PESSOAL A GENTE EM TODAS AS FUNÇÕES SINTÁTICAS.....	119
TABELA 8 - EFEITO DA VARIÁVEL TEMPO VERBAL + SALIÊNCIA FÔNICA SOBRE A GENTE NA TURMA CRIANÇA E JOVEM EM TODAS AS FUNÇÕES SINTÁTICAS	120
TABELA 9 - EFEITO DA VARIÁVEL LOCAL DE FALA (RURAL X URBANO) SOBRE A GENTE NAS REVISTAS EM QUADRINHOS DA TURMA CRIANÇA EM TODAS AS FUNÇÕES SINTÁTICAS	124
TABELA 10 - EFEITO DA VARIÁVEL GRUPOS SOCIAIS SOBRE O A GENTE NAS REVISTAS DA TURMA JOVEM EM TODAS AS FUNÇÕES SINTÁTICAS	125
TABELA 11 - EFEITO DA VARIÁVEL DÉCADA SOBRE A GENTE NA TURMA CRIANÇA EM TODAS AS FUNÇÕES	126
TABELA 12 - RESULTADOS DA VARIAÇÃO NÓS/A GENTE NAS REVISTAS EM QUADRINHOS DO PATO DONALD.....	127
TABELA 17 - EFEITO DA TEMPO VERBAL + SALIÊNCIA FÔNICA SOBRE O A GENTE NA FUNÇÃO DE SUJEITO.....	129
TABELA 18 - EFEITO DA VARIÁVEL REFERENCIALIDADE SOBRE O A GENTE NA TURMA CRIANÇA NA FUNÇÃO DE SUJEITO.....	131
TABELA 19 - EFEITO DO GRUPO SOCIAL SOBRE O A GENTE.....	132
TABELA 20 - EFEITO DO LOCAL DE FALA SOBRE O A GENTE NA TURMA CRIANÇA NA FUNÇÃO DE SUJEITO.....	133
TABELA 21 - COMPARATIVO DAS AMOSTRAS DAS REVISTAS EM QUADRINHOS COM AS AMOSTRAS DE SANTA LEOPOLDINA/ES E DE VITÓRIA/ES. REGRA DE APLICAÇÃO: A GENTE.....	134
TABELA 23 - DISTRIBUIÇÃO DA CONCORDÂNCIA VERBAL NA TURMA CRIANÇA E JOVEM.....	138

TABELA 24 - RESULTADOS PERCENTUAIS DA VARIÁVEL TEMPO VERBAL + SALIÊNCIA FÔNICA NA RODADA TERNÁRIA TURMA CRIANÇA.....	140
Tabela 25 - RESULTADOS PERCENTUAIS DA VARIÁVEL TEMPO VERBAL + SALIÊNCIA FÔNICA NA RODADA TERNÁRIA TURMA JOVEM.....	141
TABELA 26 - EFEITO DA VARIÁVEL DÉCADA SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL...	143
TABELA 27 - EFEITO DA VARIÁVEL GRUPO SOCIAL SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NAS REVISTAS DA TURMA CRIANÇA.	145
TABELA 28 - EFEITO DA VARIÁVEL SEXO SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NA TURMA CRIANÇA.....	146
TABELA 29 - EFEITO DO TEMPO VERBAL + SALIÊNCIA FÔNICA SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NA TURMA CRIANÇA.	147
TABELA 30 - EFEITO DA FAIXA ETÁRIA SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL NA TURMA CRIANÇA.	149

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
3. OS FENÔMENOS LINGUÍSTICOS INVESTIGADOS.....	25
3.1 A PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL.....	25
3.2 A PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NOS COMPÊNDIOS GRAMATICAIS	29
3.2.1 Gramáticas Tradicionais	29
3.2.2 As Gramáticas Analítico-Descritivas.....	31
3.3 CONCORDÂNCIA VERBAL DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL.....	35
3.4 ESTUDOS VARIACIONISTAS SOBRE OS FENÔMENOS LINGUÍSTICOS INVESTIGADOS	37
3.4.1 Omena (1996).....	37
3.4.2 Naro, Gorski, Fernandes (1999)	38
3.4.3 Seara (2000).....	40
3.4.4 Lopes (2003).....	42
3.4.5 Menon, Lambach e Landarin (2003).....	44
3.4.6 Mendonça (2010).....	46
3.4.7 Foeger (2014)	48
4. AS REVISTAS EM QUADRINHOS	51
4.1 O GÊNERO DISCURSIVO DAS REVISTAS EM QUADRINHOS	51
4.3 A TURMA DO CHICO BENTO	69
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	83
5.1 VARIÁVEL DEPENDENTE.....	83
5.2 VARIÁVEIS INDEPENDENTES	83
5.2.1 Variáveis independentes linguísticas.....	85
5.2.2 Variáveis independentes extralinguísticas	100
5.3 O TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS COLETADOS.....	110
6. RESULTADOS	114
6.1 RESULTADOS DE <i>NÓS</i> E <i>A GENTE</i> EM TODAS AS FUNÇÕES SINTÁTICAS.... Erro! Indicador não definido.	
6.2 RESULTADOS DE <i>NÓS</i> E <i>A GENTE</i> NA FUNÇÃO DE SUJEITO	128
6.3 A CONCORDÂNCIA VERBAL DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL	134
6.3.1 Rodadas ternárias de concordância verbal de primeira pessoa do plural ..	140
6.3.2 Rodadas binárias de concordância verbal de primeira pessoa do plural ...	142
7. CONCLUSÕES	152
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	157

1. INTRODUÇÃO

Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 2008 [1972]) surge por meio de reflexões críticas sobre os postulados teóricos do Estruturalismo e do Gerativismo. Até então, a língua era considerada um sistema imutável, homogêneo e invariável, e seu estudo era realizado com distanciamento social. Por conseguinte, a fala era considerada o lugar do “caos” linguístico e, pela falta de uma metodologia de análise adequada, foi relegada pelos estudos linguísticos por muito tempo.

Foi a partir do estudo de William Labov (2008 [1972]) sobre a centralização fonética dos ditongos /ay/ e /aw/ na fala dos habitantes da ilha de Martha’s Vineyard e do seu estudo sobre a estratificação do /r/ em Nova York que houve a elaboração de uma metodologia quantitativa que conseguia auxiliar o linguista a “explicar” a fala. Uma das questões mais relevantes dessa corrente teórica é a de que não há variação livre, isto é, não existe um “caos” linguístico. A língua é um sistema heterogêneo e variável regido por regras variáveis, não categóricas, que influenciam o uso das formas linguísticas por seus falantes (CEZARIO & VOTRE, 2017; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; SANKOFF, 1988)

A essas formas linguísticas variáveis dá-se o nome de *variantes*, isto é, duas formas de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade, sendo sua realização decorrente de circunstâncias linguísticas e extralinguísticas. À vista disso, nos propomos, inicialmente, a analisar a variação e mudança linguística da primeira pessoa do plural, *nós* e *a gente*, nas revistas em quadrinhos de Chico Bento, de Maurício de Souza.

A Sociolinguística Variacionista aponta que os estudos dos fenômenos linguísticos devem ser analisados a partir de dados de fala espontânea, isto é, a partir do vernáculo. F. Tarallo (1986) postula que é possível estudar a variação linguística também na escrita, pois, mesmo que a mudança linguística em processo ocorra, primeiramente, na fala, posteriormente, será refletida na escrita. Considerando os resultados de pesquisas já realizadas acerca do nosso objeto de estudo, cujos dados são provenientes do vernáculo (OMENA, 1996; SEARA, 2000; TAMANINE, 2010; LOPES, 2003; ZILLES, 2007; MENDONÇA, 2010; FOEGER, 2014; e SCHERRE, YACOVENCO E NARO, 2018), percebemos que, no geral, todos apontam uma

mudança no paradigma pronominal. Buscamos observar, portanto, o comportamento deste fenômeno em um *corpus* escrito, as histórias em quadrinhos de Chico Bento.

Para tanto, compusemos dois *corpora* com diferentes tipos de gibis: o primeiro é constituído por 47 revistas da década de 1980, 25 revistas da década de 90 e 50 revistas da primeira década dos anos 2000, da Turma do Chico Bento, versão dos personagens crianças. O segundo *corpus* é formado por 24 edições da Turma do Chico Bento Moço, versão dos personagens adolescentes.

Encontramos algumas dificuldades para a composição dos nossos *corpora*, em especial, no referente às edições mais antigas. Conseguimos uma parte das revistas por meio de contatos na internet com colecionadores e/ou vendedores e a outra parte nos foi cedida pelas professoras Marta Pereira Scherre e Lilian Coutinho Yacovenco.

Ao longo do nosso estudo percebemos que tínhamos uma amostra frutífera não apenas no tocante à primeira pessoa do plural, mas, também, a um fenômeno bastante estigmatizado pelos falantes do português brasileiro, a concordância verbal de 1ª pessoa do plural. Por esse motivo, nos propusemos a investigá-lo também.

Postos os nossos fenômenos variáveis, passamos à seleção dos condicionamentos linguísticos e não linguísticos que poderiam influenciar a realização de uma variante em detrimento da outra. Para isso, nos valem da rica contribuição de estudos anteriores ao nosso. Como fatores extralinguísticos, controlamos: a década da revista (anos 80, anos 90 e anos 2000), o sexo do personagem, o personagem (individualizado), a faixa etária e o local de fala (se meio rural ou se meio urbano); analisamos como fatores linguísticos a função sintática, a variável tempo verbal + saliência fônica (NARO, SCHERRE & YACOVENCO, 2018), a referencialidade; o preenchimento do sujeito; olocutor (o personagem quem fala) e o interlocutor (o personagem com quem se fala).

No Capítulo 2, apresentamos, de modo sucinto, as principais correntes teóricas linguísticas, o Estruturalismo e o Gerativismo, bem como seus principais postulados, teorias que levaram ao pensamento crítico que originou a Sociolinguística Variacionista, de W. Labov (2008 [1972]) e sobre a qual discorreremos sobre os seus conceitos mais relevantes.

No Capítulo 3, apresentamos os nossos objetos de estudo, (1) a primeira pessoa do plural, em suas realizações no português brasileiro, através dos pronomes *nós/a gente*, e (2) a concordância verbal de primeira pessoa do plural. Em seguida, trazemos a nossa revisão da literatura, ou seja, discorremos sobre o levantamento bibliográfico que fizemos sobre o fenômeno linguístico em tela. Para isso, buscamos compreender de que modo os fenômenos linguísticos estudados são tratados nas gramáticas tradicionais, nas gramáticas analítico-descritivas e, também, nas pesquisas variacionistas já realizadas sobre o assunto, no intento de nos situarmos acerca da atual conjuntura do fenômeno.

No Capítulo 4, descrevemos os nossos *corpora* de pesquisa. Para tanto, abordamos as principais características do gênero discursivo das revistas em quadrinhos. Posteriormente, apresentamos, especificamente, as revistas em quadrinhos da Turma do Chico Bento e a Turma do Chico Bento Moço, denominadas em nosso estudo como Turma Criança e Turma Jovem, respectivamente. Neste trecho, aproveitamos para tratar dos nossos problemas empíricos de pesquisas neste tipo de *corpus* à luz da Sociolinguística Variacionista.

No Capítulo 5, tratamos os procedimentos metodológicos que adotamos neste estudo. Sendo assim, construímos o nosso envelope de variação, isto é, descrevemos os nossos fenômenos em variação e as suas variantes e os contextos em que podem ocorrer, ou seja, quais fatores motivam ou não a sua manifestação nos diálogos dos quadrinhos. Por fim, explicamos, brevemente, o tratamento estatístico facultado aos nossos dados linguísticos coletados, realizado por meio do programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que nos fornecerá resultados quantitativos para subsidiar nossas reflexões qualitativas.

Finalmente, no Capítulo 6, apresentamos nossos resultados e elaboramos nossas discussões. Neste trecho, mostramos os resultados em termos percentuais e em pesos relativos dos grupos de fatores condicionadores que analisamos, demonstrando, também, aqueles que foram selecionados e aqueles que não foram considerados como estatisticamente relevantes.

Por fim, listamos as referências bibliográficas que utilizamos neste estudo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Durante o século XIX, os estudos da linguagem eram eminentemente históricos e buscavam, através do método histórico-comparativo, identificar o parentesco entre as línguas e mostrar que a mudança linguística era um processo regular, universal e constante. No entanto, no século XX, os estudos linguísticos tomaram um novo rumo com o surgimento do Estruturalismo, cuja abordagem elevou os estudos da linguagem ao *status* de ciência (PETTER, 2017, p. 11-13). Por esse motivo, iniciamos o nosso texto com essa corrente teórica.

O Estruturalismo Europeu teve seu início a partir da publicação do *Curso de Linguística Geral*, obra póstuma de Ferdinand Saussure, publicada em 1916. Para essa perspectiva teórica, a linguagem apresenta duas faces: uma, de caráter social, a língua; e outra, de caráter individual, a fala, não sendo, entretanto, possível conceber uma sem a outra. Um dos principais pressupostos teóricos dessa corrente linguística é retratado através de dicotomias, entre elas, língua (*langue*) vs. fala (*parole*) (SAUSSURE, 2006 [1916]).

Segundo Saussure (2006 [1916]), a língua é considerada um sistema homogêneo de signos arbitrários herdado socialmente. É considerada um sistema herdado, pois funciona a partir de um conjunto de regras constituídas por normas aprendidas pelo falante desde muito cedo, por meio do seu convívio social:

Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos [...] (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 21).

Sendo assim, a língua é concebida como a essência da linguagem. O indivíduo, sozinho, não poderia criá-la ou modificá-la (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 22). A fala, por sua vez, corresponderia ao uso individual desse sistema, constituído pelas combinações das unidades linguísticas realizadas pelos falantes e por um mecanismo psicofísico, que possibilitaria externar essas combinações (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 22). É compreendida, desse modo, como heterogênea, assistemática e variável.

Saussure não nega a relação existente entre a *língua* e a *fala*, uma vez que uma mudança no sistema pode ser oriunda de fatos de *fala*. Entretanto, a *fala* só será pertinente ao estudo linguístico quando esse fato interferir diretamente numa mudança nas relações internas. Assim, “[...] a Lingüística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma.” [SAUSSURE, 2006 [1916], p. 271], pois é nela que se encontra a essência da atividade comunicativa. Toda a preocupação extralingüística é deixada de lado e a estrutura da língua é descrita a partir de suas relações internas, do valor dos elementos no sistema.

O estruturalismo norte-americano, por seu turno, apresentou características independentes dos postulados saussurianos. Destacam-se, nessa corrente linguística, as formulações propostas por Leonard Bloomfield, apoiado na psicologia behaviorista, fortemente difundida nos Estados Unidos da América (EUA) a partir de 1920 (COSTA, 2017, p. 123-124).

Segundo suas proposições, a aquisição da linguagem se dava por meio da relação estímulo e reação, isto é, através das experiências comunicativas dos falantes. Essa vertente do estruturalismo defendia que a linguagem era “[...] um fenômeno externo ao indivíduo, um sistema de hábitos gerado como resposta a estímulos e fixado pela repetição [...]” (KENEDY, 2017, p. 128).

Em oposição às ideias bloomfieldianas, surge, em 1957, o Gerativismo, cujo principal representante é Noam Chomsky. O pesquisador fez duras críticas à visão comportamentalista e destacou a capacidade criativa infinita dos seres humanos em elaborar construções linguísticas inéditas (KENEDY, 2017, p. 127-128). Se a criatividade é um dos principais aspectos do comportamento linguístico humano, não caberia, portanto, uma teoria que refuta eventos criativos na linguagem. Para Chomsky, essa habilidade para a linguagem que os seres humanos apresentam decorre de um dispositivo inato, uma capacidade genética e biológica, que é destinada a constituir a competência linguística do falante. Esse dispositivo ficou conhecido como *faculdade da linguagem* (KENEDY, 2017, p. 129).

Ademais, similarmente aos apontamentos sobre *língua* e *fala* da corrente estruturalista, no gerativismo os pesquisadores propõem a diferença entre a *competência linguística*, concebida como o conhecimento linguístico que o falante tem sobre a sua língua, e o *desempenho linguístico*, *performance* ou *atuação*, que

corresponde à materialização do uso da língua (KENEDY, 2017, p. 134; NEGRÃO, SCHER & VIOTTI, 2017, p. 114).

Portanto, apesar das diferenças existentes entre os dois modelos teóricos formalistas (Estruturalismo e Gerativismo), depreendemos que ambos apresentavam o interesse semelhante em estudar a *língua* interna, ou seja, a homogeneidade linguística. A variabilidade, o valor social das estruturas linguísticas e a mudança linguística não eram objetos relevantes para esses estudos.

Em 1966, durante o Simpósio “Direções para a Linguística Histórica”, que ocorreu na Universidade do Texas, a confluência dos trabalhos de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), culmina no ponto de partida para a dinâmica dos estudos sobre a mudança linguística (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968], p.10).

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) rompem com a concepção de que a língua é um sistema homogêneo e que a variabilidade é irrelevante aos estudos linguísticos. Segundo os pesquisadores, estudar a língua, a partir de recortes homogeneizados, gera inúmeros paradoxos: “Se uma língua tem de ser estruturada para funcionar eficientemente, como ela funciona enquanto a estrutura muda?” (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968], p.13).

A partir de reflexões críticas sobre os postulados teóricos formalistas, os autores propõem um novo modelo teórico, que concebe a língua como um sistema heterogêneo e ordenado (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968], p.10), a Teoria da Variação e Mudança Linguística. Nessa perspectiva teórica, a língua é tida como heterogênea pois é inerentemente variável, ou seja, a variabilidade é uma característica intrínseca às línguas, sendo, também, ordenada, uma vez que não é aleatória, caótica, mas, sim, governada por fatores internos e externos à língua (WEIREICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968], p. 98).

A metodologia variacionista se consolidou, principalmente, a partir dos trabalhos de William Labov (2008 [1972]). Em seu estudo pioneiro, entre 1961 e 1962, o autor percebeu que no Atlas Linguístico dos Estados Unidos havia o registro de um uso linguístico distinto das demais regiões americanas numa comunidade de fala na ilha de Martha’s Vineyard, localizada no estado de Massachussetts. Os habitantes da ilha produziam ditongos /aw/, como em *house*, e /ay/, como em *right*, mais centralizados.

Para investigar essa diferenciação linguística, W. Labov (2008 [1972]) constituiu um *corpus* de 69 entrevistas que contemplavam a fala espontânea, a fala monitorada e o estilo de leitura. O autor buscou estratégias para que os falantes usassem palavras em que esses ditongos fossem possíveis, criando, então, um questionário lexical, perguntas sobre juízos de valor e observações em situações casuais¹. Ao final, Labov obteve cerca de 3.500 ocorrências de /ay/ e 1.500 casos de /aw/ (LABOV, 2008 [1972], p. 31-33).

Além da influência de fatores linguísticos, o autor buscou compreender a elevação dos ditongos centralizados por meio da interação do fenômeno linguístico com os fatores sociais da comunidade de fala. Para ele:

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum modo remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (LABOV, 2008 [1972], p. 21)

Segundo Labov (2008 [1972]), a ilha de Martha's Vineyard é um belo lugar para se morar, no entanto, é um dos municípios mais pobres do Estado e depende do turismo para sobreviver (*Ibidem*, p. 46-47). A inserção dos turistas na comunidade provocou, entretanto, sentimentos distintos entre os nativos da ilha.

O autor revela que, para alguns moradores, a sensação é a de entusiasmo por impulsionar a economia turística, tendo em vista a contribuição dos veranistas à economia local. Por outro lado, para outros, a impressão é a de que os “estrangeiros” estavam usurpando o local que lhes pertencia e não se importavam com as tradições e os costumes dos residentes (*Ibidem*, p. 48).

Sendo diversa a pronúncia dos ditongos por parte dos moradores quando confrontada com a pronúncia dos “estrangeiros”, podemos observar uma forte relação entre a língua e as características sociais. “O estudo dos dados mostra que a alta

¹ Segundo o autor, essas observações casuais eram, apenas, para controles suplementares sobre as gravações das entrevistas e eram caracterizadas por situações espontâneas em ruas, lanchonetes, bares, lojas e etc. (LABOV, 2008 [1972], p. 32).

centralização de /ay/ e /aw/ está intimamente correlacionada a expressões de grande resistência às incursões dos veranistas” (LABOV, 2008 [1972], p. 48).

O pesquisador concluiu, portanto, que o sentimento de pertencimento à ilha é um dos aspectos que está por trás da mudança linguística. Moradores que expressavam sentimentos positivos em relação à ilha apresentavam um grau de centralização maior do que aqueles que almejavam sair dali (*Ibidem.*, p.57-59).

Ao se optar por estudar a língua em seu contexto social, conforme W. Labov, o pesquisador se depara com alguns impasses metodológicos. Para se obter uma grande quantidade de dados linguísticos, por exemplo, a entrevista individual seria um método apropriado a ser aplicado. No entanto, os dados podem sofrer interferência em virtude da interação entrevistado-entrevistador, já que a fala da entrevista é uma fala cuidada, pensada, diferentemente do vernáculo da vida cotidiana, com menor grau de monitoramento da fala (*Ibid.*, p. 63)

Com base nisso, em seu segundo estudo, W. Labov investigou a estratificação do (r) em vendedores de três lojas de departamento da cidade de Nova York de diferentes *status* social² a fim de constatar se a linguagem, mecanismo usual da sociedade, produziria diferenças sistemáticas entre instituições e pessoas e, por conseguinte, provocariam hierarquizações sociais (*Ibid.*, p. 64-65).

Labov (*Ibid.*, p. 71-74) observou que havia um aumento da frequência do (r) consoante à classe social do público-alvo na loja, ou seja, a loja, cujos clientes pertenciam à classe social mais favorecida (*Saks*), apresentou maior taxa de (r), enquanto as lojas cujos consumidores pertenciam às classes sociais intermediária e baixa, apresentaram índices de (r), respectivamente, intermediário e baixo.

Com base nessas pesquisas linguísticas, W. Labov demonstrou que, para se estudar a língua, é necessário levar em consideração seu contexto histórico-social, já que a variação de usos linguísticos emergentes surge sob a influência de condicionadores internos e externos à língua. Caberia, então, ao pesquisador variacionista descobrir

² As três lojas escolhidas por Labov (2008 [1972], p. 65-66) foram a *Saks*, a *Macy's* e a *Klein*. O autor esclarece que, com base na diferença de público dos jornais *New York* e *Daily News*, cujos leitores em sua maioria são, respectivamente, da classe média e da classe trabalhadora, observou que a loja *Sak's* e *Macy's* possuem anúncios no *New York*, ao passo que a *Klein* e a *Macy's* são anunciantes no jornal *Daily News*. Esse fato e, também, os valores dos produtos oferecidos por cada estabelecimento, validariam o *status* social de cada loja: *Saks* (*status* superior), *Macy's* (*status* médio) e *Klein* (*status* inferior).

os fatores condicionadores que estão por detrás do uso de uma variante em detrimento de outra.

Outro aspecto importante a respeito desta corrente teórica é a perspectiva de que a mudança nas línguas acontece lentamente. Em um primeiro momento, há uma disputa entre duas variantes linguísticas, em que as formas ocorrem no mesmo momento histórico e, por vezes, posteriormente, uma forma pode superar a outra, tratando-se, assim, de uma mudança linguística completa. Todavia, caso a mudança não se concretize e o uso variável se mantenha, teremos apenas variação linguística. Dessa maneira, a sociolinguística aponta que uma mudança linguística é oriunda de uma variação, mas não necessariamente uma variação findará em uma mudança linguística (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968]; TARALLO, 1986).

Para que possamos compreender se determinado fenômeno linguístico se encontra em variação estável ou em mudança em curso, Labov (1994) propôs duas abordagens temporais de estudo da língua, são elas: o estudo em tempo aparente (*aparent time*) e o estudo em tempo real (*real time*).

Fundamentados na hipótese de que a língua do indivíduo se estabiliza durante a puberdade e, desde então, não sofre mudanças expressivas, os pressupostos sociolinguísticos propõem uma metodologia de análise denominada estudo em *tempo aparente*, segundo o qual a fala de pessoas mais velhas representaria os usos passados e a fala dos mais novos corresponderia ao uso atual (NARO, 2017, p.44). Desse modo, no estudo em *tempo aparente*, observamos a distribuição das variáveis linguísticas entre as faixas etárias dos indivíduos numa mesma sincronia (LABOV, 1994, p.45-46. Tradução nossa³).

Caso haja diferença significativa do uso de determinado fenômeno linguístico entre a fala dos mais jovens e dos mais velhos, podemos considerar esse fato um indicativo de mudança linguística em curso. Todavia, caso não haja diferenças expressivas, podemos estar diante de uma variação estável (LABOV, 1994).

Por sua vez, os estudos em tempo real (*real time*) tratam de dados de indivíduos em sincronias diferentes. Nele, tem-se o estudo de tendência (*trend studies*) e o estudo

³ Do texto original: "The first and most straightforward approach to studying linguistic change in progress is to trace change in apparent time: that is, the distribution of linguistic variables across age levels" (LABOV, 1994, p. 45-46).

painel (*panel studies*). No primeiro, são analisados dados de falantes diferentes em épocas distintas, mas que possuem o mesmo perfil social. Já no segundo são analisados dados dos mesmos falantes, porém em sincronias diferentes (LABOV, 1994, p. 76). No primeiro caso, observamos se a mudança se baseia na comunidade e, no segundo, no indivíduo.

Em virtude de nosso *corpus* ser composto por revistas em quadrinhos, não foi possível encaixar o estudo com precisão dentro de uma dessas abordagens temporais. Inicialmente, acreditávamos que poderíamos analisar um estudo em tempo real, uma vez que investigamos os gibis ao longo de décadas diferentes. No entanto, não foi possível enquadrá-lo com exatidão nessa metodologia, pois, apesar de haver diferenças entre as diversas sincronias, representadas pelas edições das revistas, observamos que os personagens permaneciam crianças, com a mesma faixa etária, em todos os períodos. Dessa forma, não se poderia dizer que haveria um estudo de painel, já que o personagem mantém sua idade. Também não seria um estudo de tendência, já que não há mudança de indivíduos, que são sempre os mesmos nas mesmas faixas etárias. Contudo, podemos perceber que, num entendimento largo, trata-se de um estudo em tempo real quando comparamos as revistas do Chico Bento criança em diferentes sincronias, décadas de 1980, 1990 e 2000.

Ao refletirmos se o estudo das revistas de Chico Bento criança e jovem seriam em tempo aparente, já que ambas as publicações são do mesmo período, os anos 2000, não pudemos inseri-lo nessa metodologia, já que, nos anos 2000, são os mesmos personagens de idades diferentes, porém na mesma época, não o caso de pessoas de diferentes idades na mesma época.

Essas dificuldades de enquadramento metodológico, entretanto, não diminuem o interesse de pesquisa, já que podemos observar como os autores dessas revistas encaram o comportamento linguístico de seus personagens em diferentes estágios de vida (criança x jovem) ou como o comportamento linguístico dos autores se modifica ou não ao longo das décadas.

3. OS FENÔMENOS LINGUÍSTICOS INVESTIGADOS

Neste capítulo, abordamos os objetos de estudo da nossa pesquisa: a primeira pessoa do plural no português brasileiro e a concordância verbal da primeira pessoa do plural. Para que possamos estudar e compreender o comportamento desses fenômenos morfossintáticos à luz dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, é importante que observemos como os compêndios gramaticais tratam o assunto e de que maneira estudos sociolinguísticos anteriores delineiam essas variáveis linguísticas.

3.1 A PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

No português brasileiro, a primeira pessoa do plural varia entre duas formas linguísticas diferentes, o pronome pessoal *nós*, forma tradicional, e o pronome pessoal *a gente*, forma inovadora.

Segundo Lopes (2003, p. 9), o substantivo *gente* deriva do substantivo latino *gēns*, *gēntis*, que fazia referência ao “[...] povo de um país, comarca ou cidade [...]” e, com o decorrer do tempo, passou pelo processo de *gramaticalização*⁴ e assumiu a função de pronome pessoal através do sintagma nominal *a gente*.

De acordo com Tagliamonte (2006), a melhor maneira de exemplificarmos um fenômeno linguístico variável é por meio dos *super dados* (*super tokens*), pois, neles, temos as variantes investigadas num mesmo trecho do discurso de um falante e no mesmo contexto de fala (*Ibidem*, p.96. Tradução nossa⁵). As figuras 1 e 2 ilustram como essa variação pode ocorrer nas histórias em quadrinhos:

⁴ A gramaticalização consiste no processo pelo qual um item lexical (como nomes, adjetivos e verbos) passa e se transforma em um item gramatical e, se já gramatical, se torna ainda mais gramatical (GONÇALVES, LIMA-HERNANDES & CASSEB-GALVÃO, 2007).

⁵ Citação original “A requisite component of a variation analysis is to illustrate the linguistic variable. At the beginning, it is important to substantiate the crucial characteristics of equivalence and distribution as well as intra-speaker and inter-speaker variation. In the ideal situation you will find a ‘super token’: alternation of variants by the same speaker in the same stretch of discourse”. (TAGLIAMONTE, 2006, p. 96)

FIGURA 1 – SUPER TOKEN DE EMPREGO DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NAS REVISTAS EM QUADRINHOS DE CHICO BENTO.



Fonte: Revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição n.º 06, p. 26, 1982.

Na figura 1, Chico Bento conversa com seu amigo Zé da Roça sobre afazeres que podem realizar para “agitar” seu dia. Nesse exemplo, há as seguintes construções pronominais:

- no primeiro quadro, emprega-se o pronome *nós* + verbo *fazer* no presente do indicativo (“**É! Nós faz** um poço mais perto di casa!”, grifos nossos);
- no segundo quadro, usa-se o pronome *nós* + verbo *dar* no presente do indicativo (“I, por último, **nós damo** um jeito no teiado lá di casa!”, grifos nossos);
- no terceiro quadro, aplica-se o *nós* + locução verbal *vamos morrer* (“Mais, dispois, **nós vamo morre** di cansado!”, grifos nossos) e;
- no quarto quadro, o pronome *a gente* + verbo *descansar* no presente do indicativo (“**A gente descans** uns dois o treis meis antis di começa!”, grifos nossos).

Todos esses empregos são utilizados pelo mesmo personagem, Chico Bento. Além da variação existente entre os pronomes, há, também, variação na concordância verbal (exemplos a e b). Cabe destacarmos que, por ser um *corpus* de revistas em quadrinhos, a maior parte dos diálogos são curtos e, por isso, não há muitos exemplos num mesmo trecho de discurso. Mas, se considerarmos a mudança de uma forma para outra ao longo dos quadrinhos na mesma página, isto é, a pouca distância de quadros de um emprego pronominal para o outro, a variação é bastante recorrente.

FIGURA 2 – SUPER TOKEN DE EMPREGO DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NAS REVISTAS EM QUADRINHOS DE CHICO BENTO.



Fonte: Revista do Chico Bento, ed. 64, 1985, p.07.

Na figura 2, Chico Bento responde, impaciente, a uma mudinha de pé de manga, que reclama sobre a sombra grande que sua mãe – um pé de manga adulto – faz sobre ela. No primeiro quadro, o personagem emprega *a gente* + verbo *cortar* no presente do indicativo com concordância verbal em terceira pessoa do singular (“**A gente** num **corta** coisa nenhuma, sua mudinha besta!”, grifos nossos). No quadro seguinte, há a

variação com o *nós* + verbo *gostar* no presente do indicativo com concordância –*mos* (“**Nóis** inté **gostamo** di fica perto dos pai”, grifos nossos).

Pontuamos que essas variações mencionadas tratam da variação *nós* e *a gente* quando em função de sujeito. Destacamos que essa variação ocorre, também, quando o pronome se encontra empregado em outras funções sintáticas, como objetos direto e indireto, complemento nominal e adjuntos adverbial e adnominal, conforme ilustrado nas imagens que seguem:

FIGURA 3 – USO DE A GENTE COMO OBJETO DIRETO



Fonte: Revista em quadrinhos do Chico Bento, edição 09, ano 1982, p.09.

FIGURA 4 – EMPREGO DE NÓS COMO OBJETO DIRETO



Fonte: Revista em quadrinhos do Chico Bento, edição 168, ano 1993, p.17.

Na figura 3, o personagem Chico Bento desculpa-se com Quinzinho por tê-lo assustado enquanto namorava Mariazinha. O adolescente responde a Chico com a seguinte construção: “Pensei qui fosse o Nhô Dito, pai da Mariazinha! Ah, si ele pega **a gente** namorando...” (Grifos nossos). Já na figura 4 o leitor se depara com Chico

Bento implorando por sua própria vida e pela de Rosinha, sua namorada, ao gigante que quer sua bota mágica de volta “Por favor, seu gigante feioso! Num mata **nóis**” (Grifos nossos). Em ambas as situações, tanto o pronome *a gente* quanto o pronome *nós* possuem função sintática de objeto direto na construção.

3.2 A PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NOS COMPÊNDIOS GRAMÁTICAIS

Optamos por observar o tratamento do fenômeno linguístico em tela em dois tipos diferentes de gramáticas: as tradicionais e as analítico-descritivas.

As gramáticas tradicionais propõem-se a registrar o bom uso do português brasileiro, ou seja, recomendam ou sugerem regras para que o falante alcance o uso ideal da língua (POSSENTI, 1996, p. 62-63). Já as gramáticas analítico-descritivas têm a proposta de descrever e/ou explicar as línguas tais como elas são faladas (POSSENTI, 1996, p. 63-64), ou seja, buscam atrelar em seu conteúdo as pesquisas linguísticas sobre variação e mudança na língua.

Esse levantamento é importante para o nosso estudo, pois, a partir dele, podemos compreender como o nosso objeto de estudo é retratado neste tipo de literatura para que possamos refletir futuramente sobre os usos reais da língua.

3.2.1 Gramáticas Tradicionais

Para a análise das gramáticas tradicionais, observamos a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Bechara (2009); a *Gramática do Português Contemporâneo*, de Cunha & Cintra (2008) e; a *Gramática Normativa de Língua portuguesa*, de Rocha Lima (2013).

Bechara (2009, 164) define os pronomes pessoais como responsáveis por designar as duas pessoas do discurso e a não pessoa, considerada, pela tradição, a terceira pessoa. Além disso, o autor apresenta um quadro pronominal do Português brasileiro

(p. 139), sem, entretanto, mencionar *a gente* junto aos pronomes canônicos relacionados.

Posteriormente, ao tratar das *Formas de Tratamento*, o gramático afirma que há formas substantivas de tratamento indireto de segunda pessoa que levam o verbo para a terceira pessoa quando, então, o pronome emergente é apresentado, porém em forma de observação:

4.a) O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e **se emprega fora da linguagem cerimoniosa**. Em ambos os casos o verbo fica na 3.^a pessoa do singular. (p. 140-141, grifos nossos)

Conforme destacamos na citação, o uso de *a gente* é sugerido na linguagem coloquial e sendo sua concordância verbal realizada com a terceira pessoa do singular, diferentemente de *nós*, cuja concordância verbal se dá com a primeira pessoa do plural (*-mos*).

Na obra de Rocha Lima (2013), a temática divide-se em duas partes: a primeira denomina-se *Pronome* e trata de conceitos e descrições; a segunda refere-se ao *Emprego do Pronome* e trata das suas funções sintáticas. No tópico conceitual, ao tratar dos pronomes pessoais, o autor indica que:

A primeira pessoa, aquela que fala, chama-se eu, com o plural **nós**; a segunda pessoa, tu, que é com quem se fala, com o plural vós; a terceira, que é a pessoa ou coisa de que se fala, é ele ou ela, com os plurais respectivos eles ou elas. (p.156. Grifo nosso)

Em seguida, o autor comenta a existência de alguns pronomes de segunda pessoa que levam o verbo para a terceira pessoa e exemplifica com *você/vocês* e *senhor/senhora*. Apesar de listar os pronomes pessoais e observar a existência de um pronome não canônico (*você*), o *a gente* não é mencionado.

Cunha & Cintra (2008) também definem os pronomes pessoais como aqueles que caracterizam as três pessoas gramaticais e, afirmam, em uma observação, que “A pessoa com quem se fala pode ser expressa também pelos chamados pronomes de

tratamento, que se constroem com o verbo na 3.^a pessoa [...]” (*Ibidem*, p. 290). Logo após, a gramática apresenta ao leitor um quadro das formas dos pronomes pessoais, porém, o *a gente* não é citado.

Os autores registram a alternância da forma padronizada *nós* pela forma coloquial *a gente* no tópico *Fórmulas de representação da 1.^a pessoa*, no qual afirmam que “No colóquio normal, emprega-se o *a gente* por *nós* e, também, por *eu* [...]” (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 214, destaques dos autores) e recomendam que o verbo deve ser conjugado na terceira pessoa do singular.

Posto isso, observamos que as três gramáticas tradicionais registram limitadamente as mudanças que ocorreram no quadro pronominal, pois, quando a forma emergente *a gente* é exposta, é tratada em campos de observações à parte do quadro dos pronomes pessoais canônicos. Todavia, acreditamos que, apesar desses registros serem marginais, sua existência demonstra, de certa forma, que a nova forma pronominal está penetrando cada vez mais no português brasileiro.

A seguir, observamos de que maneira as gramáticas de cunho analítico-descritivo abordam o fenômeno linguístico estudado. Esse modelo gramatical torna-se relevante para nossa pesquisa, pois, conforme mencionamos anteriormente, essas obras propõem atrelar as pesquisas linguísticas à descrição da língua em uso

3.2.2 As Gramáticas Analítico-Descritivas

Considerando a proposta das gramáticas de perspectiva analítico-descritivas, buscamos observar de que maneira as obras de Maria Helena de Moura Neves (2000), de Ataliba de Castilho (2010) e de Marcos Bagno (2012) discorrem sobre a primeira pessoa do plural.

Neves (2000) afirma que sua obra tem por proposta mostrar “[...] como está sendo usada a língua portuguesa atualmente no Brasil [...]” (p. 13) e, para isso, descreve os fenômenos gramaticais do português brasileiro a partir de um *corpus* de língua

escrita⁶, armazenado no Centro de Estudos Lexicográficos da UNESP de Araraquara (p.14). Ao tratar dos pronomes pessoais, a autora os define como as três pessoas gramaticais do singular e do plural e apresenta o seguinte quadro pronominal:

QUADRO 1 – REPRESENTAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAIS DO CASO RETO NA GRAMÁTICA.

	SINGULAR	PLURAL
1ª Pessoa	Eu	Nós
2ª Pessoa	Tu, você	Vós, vocês
3ª Pessoa	Ele, ela	Eles, elas

Fonte: Quadro adaptado da obra de NEVES (2000, p. 450).

No quadro 1, observamos que há o registro da forma de 2.^a pessoa *você/vocês* que, pelas gramáticas tradicionais, não é considerada junto às formas canônicas (Cf. Cunha & Cintra, 2008; Bechara, 2009 e; Rocha Lima, 2013). Contudo, o *a gente* não é mencionado, apesar de haver pesquisa sociolinguística sobre o tema à época (Cf. OMENA, 1996).

Ao tratar das particularidades de emprego dos pronomes pessoais, Neves (2000, p.469) apresenta, pela primeira vez, a forma pronominal *a gente*. Segundo a autora, o sintagma nominal é empregado na linguagem coloquial e pode apresentar referência à primeira pessoa do plural e a todas as pessoas do discurso, tendo, portanto, referência genérica. A pesquisadora aponta, também, a existência de outros sintagmas nominais que possuem referência genérica, entretanto, não têm tanta identificação com a classe dos pronomes como o *a gente* (NEVES, 2000, p. 470).

A. Castilho (2010), por sua vez, informa que a sua obra é fruto de vários anos de reflexão e de dedicação ao estudo da língua. Baseando-se em pesquisas

⁶ Moura Neves (2000) justifica a utilização de um *corpus* escrito afirmando não haver composição de *corpus* com dados de fala “Infelizmente, como se sabe, não há disponível, no Brasil, nenhum banco de dados representativos da língua falada contemporânea” (p.14). Todavia, insta salientarmos que, à época da edição da obra, havia bancos de dados de língua falada, como o NURC (Norma Linguística Urbana Culta) – RJ, cuja “[...] divulgação do material transcrito deu-se também através da publicação de três volumes de transcrições de parte do acervo (*corpus* compartilhado): A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo (1992, 1993 e 1994) (cf. <http://www.nurcrj.lettras.ufrj.br/>), e o PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), cujo banco de dados possui amostras representativas da escrita e da fala e foi constituído, inicialmente, com a *Amostra Censo*, entre 1980 e 1985 (cf. <http://www.lettras.ufrj.br/peul/amostras%201.html>).

desenvolvidas nos últimos trinta anos, o autor afirma que “Esta não é uma gramática-lista [...]. Em lugar disso, procuro olhar o que se esconde por trás das classificações, identificando os processos criativos do português brasileiro [...] (p. 31-32).

Dessa maneira, podemos considerar que se trata de uma obra na qual se adota uma postura científica e não normativista. Científica por fundamentar-se em diversas teorias linguísticas e não normativista por não prescrever regras e, sim, provocar reflexões acerca do uso linguístico.

No que tange ao tratamento da primeira pessoa do plural, num primeiro momento, Castilho exibe o seguinte quadro pronominal:

QUADRO 2 – QUADRO PRONOMINAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.

PESSOA	PB FORMAL		PB INFORMAL	
	SUJEITO	COMPLEMENTO	SUJEITO	COMPLEMENTO
1. ^a pessoa sg.	Eu	Me, mim, comigo	Eu, a gente	Eu, me, mim, Prep + eu, mim
2. ^a pessoa sg.	Tu, você, o senhor, a senhora	Te, ti, contigo, Prep + o senhor, com a senhora	Você/ocê/tu	Você/ocê/cê, te, ti, Prep + você/ocê (docê, cocê)
3. ^a pessoa sg.	Ele, ela	o/a, lher, se, si, consigo	Ele/ei, ela	Ele, ela, lhe, prep + ele, ela
1. ^a pessoa pl.	Nós	Nos, conosco	A gente	A gente, prep+ a gente
2. ^a pessoa pl.	Vós, os senhores, as senhoras	Vos, convosco, Prep + os senhores, as senhoras	Vocês/ocês/cês	Vocês/ocês/cês, prep+ vocês/ocês
3. ^a pessoa pl.	Eles, elas	Os/as, lhes, se, si, consigo	Eles/eis, ela	Eles/eis, ela, prep+ eles/eis, ela

Fonte: Quadro adaptado de CASTILHO (2010, p. 477, grifos nossos).

O quadro 2 contrapõe os registros pronominais padronizados pelas gramáticas tradicionais consultadas (Cf. BECHARA, 2009; CUNHA & CINTRA, 2008; ROCHA LIMA, 2013) e se mostra mais amplo do que a gramática analítico-descritiva de Neves

(2000), uma vez que o autor menciona o *a gente* como sujeito de primeira pessoa do singular e do plural e a sua ocorrência como complemento.

M. Bagno (2012) apresenta um quadro para cada índice de pessoa e expõe uma relação de pronomes que também se mostrou mais ampla do que a gramática de Neves (2000). Vejamos:

QUADRO 3 – INDICADORES DA 1.^a PESSOA DO SINGULAR E DO PLURAL

INDICADORES DA 1. ^a PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO		
FUNÇÕES	SINGULAR	PLURAL
Sujeito	Eu; me; mim	Nós; a gente
Obj. Direto	Me; eu	Nos; nós
Obj. Indireto	Me; a mim; para mim; para eu	Nos; a nós; para nós; a gente; para a gente
Reflexivo	Me	Nos; se
Comp. Oblíquo	Mim (comigo); eu	Nós (conosco); a gente

Fonte: Quadro adaptado da obra de BAGNO (2012, p. 743)

Em seguida, com exemplos de dados reais (NURC-Brasil⁷), o autor discorre sobre os pronomes pessoais de primeira pessoa do plural nas funções de sujeito, objeto direto, objeto indireto e complemento oblíquo.

Ao tratar a função de sujeito, Bagno afirma que no português brasileiro contemporâneo há a concorrência entre as formas *nós* e *a gente*, tendo os falantes preferência pela segunda. Salieta, também, que nos livros didáticos se distinguem as duas formas com base na variação estilística, sendo o *nós* a escolha para contextos mais monitorados e o *a gente* menos monitorados.

Insta ressaltar, ainda, que não apenas os livros didáticos distinguem o uso da primeira pessoa do plural. Ao consultarmos as demais gramáticas anteriormente, observamos

⁷ O projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro (NURC/RJ) é um acervo constituído por 350 horas de entrevistas gravadas com informantes cariocas na década de 70 e na década de 90. Este banco de dados é considerado referência nacional para estudos linguísticos da norma culta do português brasileiro (cf. <http://www.nurcrj.letas.ufrj.br/>).

que, em algumas, há prescrições de uso distintos para cada uma das formas (Cf. BECHARA, 2009; NEVES, 2000).

Apesar de o *a gente* em função de objeto direto não constar no quadro 3, ao tratar da função, o autor afirma que o emprego da forma *nos* é raro, inclusive entre os falantes urbanos mais letrados. Em seu lugar, é empregado *a gente* e *nós* (BAGNO, 2012).

Considerando-se que a intenção inicial desses autores era realizar uma abordagem da língua apoiada na descrição do uso e em teorias linguísticas, percebemos que os autores que mais se aproximaram de seus objetivos foram Castilho (2010) e Bagno (2012), já que trouxeram um quadro contendo a maioria das formas de representação da primeira pessoa, baseando-se em estudos teóricos e dados reais de fala.

Concluimos com a reflexão de Lopes (2012), segundo a qual não seria nosso intuito o de criticar esses pesquisadores, mas, sim, mostrar ao leitor que há, ainda, muito o que se considerar sobre a língua e, para a sua melhor apreensão, é necessário que todas as formas sejam abordadas.

3.3 CONCORDÂNCIA VERBAL DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

A concordância verbal da primeira pessoa do plural no português brasileiro pode ser realizada através das seguintes construções: (a) *nós* + *desinência verbal -mos* (marcação de plural tradicional, sem estigma); (b) *nós* + *desinência verbal -∅* [zero] (sem marcação de plural, forma estigmatizada); (c) *a gente* + *desinência verbal -∅* [zero] (marcação de plural tradicional, forma sem estigma) e; (d) *a gente* + *desinência verbal -mos* (marcação não padrão, forma estigmatizada) (SCHERRE, YACOVENCO & NARO, 2018, p.15). Vejamos exemplos dessas construções em nossa amostra:

FIGURA 5 – SUPER TOKEN DE CONCORDÂNCIA VERBAL DO PRONOME *NÓS* + *-MOS* E *NÓS* + DESINÊNCIA VERBAL *-Ø* [ZERO].



Fonte: Revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição 86, 1985, p. 09.

Acima, Tônico, pai de Chico Bento, conversa com um homem desconhecido na área urbana. No primeiro quadro, o homem pergunta ao pai “O senhor é daqui da cidade?”, prontamente, Chico Bento responde “**NÃO!**” e Tônico completa “**Nóis somo** di casa!” (grifos nossos). Neste trecho, vemos o uso do *nós* com concordância verbal, ou seja, o verbo apresenta desinência verbal *-mos*. No segundo quadro, o homem da cidade reflete “Com certeza, do interior!” e, em seguida, Tônico concorda “É! **Nóis só tá** aqui di passage!” (grifos nossos). O pronome e o verbo grifados indicam uma construção sem concordância verbal padrão, pois, o verbo *estar* não apresenta o *-mos*.

No terceiro balão de fala, o personagem Tônico utiliza *nós com -mos*, caso considerado como concordância verbal (“**Nóis somo** di casa!”, grifos nossos). No segundo quadro, temos um exemplo de caso de não concordância verbal, *nós sem -mos*, pelo mesmo personagem “É! **Nóis só tá** aqui di passage!” (grifos nossos).

As gramáticas tradicionais caracterizam a concordância verbal a partir do tipo de sujeito (cf. ROCHA LIMA, 2013) ou, ainda, da relação do verbo com a pessoa do discurso (cf. CUNHA & CINTRA, 2008), porém, não há menção sobre a existência da não concordância verbal e os motivos que levam a essas construções, estigmatizadas socialmente.

Já a gramática de cunho analítico-descritivo de A. de Castilho (2012, p. 411) indica que a concordância verbal consiste numa conformidade morfológica entre uma classe (verbo) e o seu escopo (sujeito), contudo, ressalta que as regras de concordância no

português brasileiro estão sujeitas a restrições linguísticas, como a saliência fônica, a proximidade/distância entre o sujeito e o verbo, o paralelismo linguístico e, ainda, o nível sociocultural dos falantes⁸.

3.4 ESTUDOS VARIACIONISTAS SOBRE OS FENÔMENOS LINGUÍSTICOS INVESTIGADOS

Neste momento, trazemos uma revisão concisa sobre estudos linguísticos que investigaram a primeira pessoa do plural e a sua concordância verbal, com destaques aos pontos que consideramos mais significativos. Esse levantamento é fundamental, pois esses estudos subsidiaram as hipóteses de nossa pesquisa.

3.4.1 Omena (1996)

Omena (1996) foi a precursora dos estudos variacionistas sobre a primeira pessoa do plural, tendo analisado uma amostra com 64 falantes cariocas do banco de dados do Projeto Censo Linguístico do Rio de Janeiro⁹ (PEUL). Esses falantes foram divididos conforme sexo (feminino e masculino); faixa etária (de 07 a 14 anos, de 15 a 25 anos, de 26 a 49 anos e > 50 anos); nível de escolarização (ensino fundamental I, ensino fundamental II e ensino médio, rotulados, à época, de primário, ginásio e segundo grau, respectivamente).

⁸ A. Castilho (2012) ressalta que, apesar de fatores sociais como o nível econômico e a escolarização estarem relacionados a falta de concordância verbal no Português brasileiro, não podemos sinonimizar esses tipos de construções oracionais com ignorância gramatical, pois, no Português brasileiro popular, há uma gama de outros fatores que favorecem ou não o seu uso.

⁹ O Programa de Estudos sobre o Uso da Língua – PEUL -, iniciou suas atividades em 1979 com um projeto chamado Censo da Variação Linguística do Rio de Janeiro, sob a orientação do prof. Anthony Julius Naro. O objetivo do grupo era “descrever a sistematicidade da variação observada no português brasileiro” e, para isso, foi constituído um banco de dados representativos da fala e da escrita, conhecido como Amostra Censo. O PEUL possui três amostras de fala: uma de 1980, outra de 2000, para o estudo de tendências, e mais uma de 2000, Recontato, para um estudo de painel (cf. <http://www.lettras.ufrj.br/peul/historia.html>)

Após a coleta dos dados da amostra e de seu tratamento estatístico, os resultados da pesquisa apontaram que a percentagem geral de uso de *a gente*, nas entrevistas coletadas, foi de 69%. (OMENA, 1996, p.191)

Em relação à idade, a autora percebeu que a forma *nós* é favorecida por pessoas mais velhas, de 26-49 anos e de 50-71 anos, com peso relativo de 0,64 e 0,78, respectivamente, e desfavorecida por pessoas mais novas, de 7-12 anos e de 15-25 anos, com peso relativo de 0,26 e 0,33, respectivamente. Para a autora, isso demonstra que os falantes mais novos favorecem a forma inovadora, fato indicativo de que pode haver uma mudança em curso (OMENA, 1996, p. 313).

Omena (1996) também observou a atuação da idade e do sexo sobre o uso de *nós*, tendo os resultados mostrado que os homens e as mulheres das faixas etárias mais velhas favoreciam o pronome tradicional, ao passo que ambos sexos das faixas etárias mais jovens desfavorecem o uso de *nós* (homens: 7-14 anos = 0,23 e 15-25 anos = 0,24; mulheres: 7-14 anos = 0,30 e 15-25 anos = 0,40) (OMENA, 1996, p. 314).

Quanto às variáveis linguísticas, Omena verificou que a forma *a gente* ocupava majoritariamente a função sintática de sujeito (1979 de *a gente* e 722 de *nós*). Já na função de complemento, foram 600 casos (291 de *a gente* e 307 de *nós*).

Ao analisar a distribuição de uso da forma *a gente* nas funções sintáticas, Omena percebeu que sua entrada na fala dos cariocas deveria ocorrer através da função de adjunto adverbial, cuja frequência de uso pelas crianças foi de 100% e 77%, pelos adultos. Em seguida, aparece como sujeito (82% de uso pelas crianças e 70%, pelos adultos) e complemento (90% por crianças e 65% por adultos). Na posição de adjunto adnominal, há apenas 14% de frequência de uso de *a gente*, prevalecendo, portanto, o uso do possessivo *nosso* (OMENA, 1996, p. 191).

3.4.2 Naro, Gorski, Fernandes (1999)

Através de um estudo de tempo aparente, Naro, Gorski e Fernandes (1999) pesquisaram a variação da primeira pessoa do plural e a sua concordância verbal na fala carioca. Nos anos de 1980, os pesquisadores gravaram 64 entrevistas de,

aproximadamente, 45 minutos, com falantes nascidos no Rio de Janeiro. Os falantes foram organizados por idade (6-12, 13-20, 21-40, +41 anos), sexo e escolarização (NARO, GORSKI e FERNANDES, 1999, p. 202).

Considerando que estudos anteriores sobre o uso de marcas de concordância do sujeito, verbo e predicado demonstraram que o grau de diferenciação das formas em competição influenciava a determinação da forma linguística preferida, os autores elaboraram uma escala hierárquica da saliência fônica para a primeira pessoa do plural *-mos* e a 3.^a pessoa do singular \emptyset associadas à referência semântica da primeira pessoa do plural.

A característica básica nessa hierarquia é a tonicidade da vogal temática (*stress*). O nível 1 é o mais baixo na escala e consiste em formas como *falava/ falávamos* [faláva/falávamus], em que a oposição se realiza em sílabas finais átonas em ambas formas. Todas as formas nesse nível são do pretérito imperfeito. No nível 2, a vogal é tônica apenas na forma com *-mos* *fala/falamos* [fála/falámus]. Nesse nível, a maioria das formas verbais é do presente, bem como certas formas do pretérito. Os demais níveis apresentam oposição tônica em ambas formas verbais e o seu ordenamento se dá através da diferença de material fônico entre as formas verbais (NARO, GORSKI, FERNANDES, 1999, p. 203).

Os resultados demonstraram que, nos falantes mais velhos, a saliência fônica foi selecionada como estatisticamente significativa no uso de *nós*. Como as desinências verbais do pretérito são mais salientes do que as desinências verbais do presente, há uma distribuição natural com *-mos* ocorrendo com mais frequência como referência ao tempo passado. No entanto, o tempo não é estatisticamente significativo nos dados dos falantes mais velhos (NARO, GORSKI & FERNANDES, 1999, p. 204-205).

Nos falantes jovens, o tempo é selecionado como estatisticamente significativo, após a saliência fônica. Nos dois grupos mais novos, o tempo verbal é um fator determinante no uso das desinências verbais, com o pretérito favorecendo o uso de *-mos* em ambas as formas pronominais (NARO, GORSKI & FERNANDES, 1999, p. 204-205).

Em suma, para a variante *nós*, a variável mais importante foi a saliência fônica em todos os grupos etários. Todavia, com o passar das gerações, a variável tempo verbal adquiriu maior expressividade e se tornou estatisticamente significativa no grupo dos

mais jovens. Para a variante *a gente*, a principal variável é a saliência fônica, porém, somente nos falantes mais velhos. Para os demais grupos etários, o tempo se torna a principal variável.

Os autores concluíram que, até aquele momento, não havia mudança na gramática em si. Ademais, no sistema antigo, a desinência *-mos* era semanticamente redundante, controlada basicamente pelo princípio da saliência. No novo sistema, ao contrário, o *-mos* está associado ao pretérito e, com isso, tem adquirido o papel de morfema marcador de pretérito (*Ibid.*, p. 209).

3.4.3 Seara (2000)

Seara (2000) estudou a alternância *nós/a gente* em função de sujeito na fala de Florianópolis, tendo selecionado um *corpus* de 12 entrevistas gravadas pelo Projeto de Variação Linguística da Região Sul do Brasil – VARSUL¹⁰. Os falantes foram estratificados por seu sexo, faixa etária (de 15 a 24 anos, de 25 a 50 anos e acima de 50 anos), e escolaridade (primário e colegial).

Os grupos de fatores considerados significativos, em ordem de seleção, foram o tempo verbal, o sexo, o traço semântico do sujeito, a faixa etária, os graus de conexão do discurso e a escolaridade. A hipótese inicial do estudo era a de que a variante *a gente* seria mais recorrente quando comparada à forma conservadora *nós* na fala de Florianópolis. Esta hipótese confirmou-se na pesquisa de Seara (2000), pois, segundo os resultados obtidos, há 72% de uso do *a gente* em detrimento de *nós*.

Controlaram-se os tempos presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito do modo indicativo, tendo em vista a probabilidade de aparecimento dessas formas em decorrência do teor das entrevistas (em sua maioria, relatos de casos ou experiências pessoais passadas). Os resultados apontaram que *a gente* é desfavorecido nos

¹⁰ O projeto VARSUL tem por objetivo a descrição do português falado e escrito de áreas representativas do Sul do Brasil. Para isso, conta com a parceria de 04 universidades brasileiras, são elas: a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Paraná. A coleta de dados baseou-se no projeto Censo do RJ, sob a orientação de Anthony Naro. Teve início no Rio Grande do Sul em 1988, e nos demais Estados em 1990, completando-se a amostra básica em 1996. (cf. <http://www.varsul.org.br/>)

tempos verbais pretérito perfeito (0.23) e presente do indicativo (0.33). Já com o pretérito imperfeito e outros tempos verbais, a variante tem mais probabilidade de uso com PR de 0,68 e 0,57, respectivamente (SEARA, 2000, p. 183).

Essa hipótese confirma a correlação entre o tempo verbal e a saliência fônica: tempos verbais de menor saliência fônica favoreceriam o uso de *a gente*. Dessa maneira, o falante teria uma opção para evitar a ausência de concordância ao usar *a gente*. Sendo assim, os tempos verbais que mais levam à não-concordância verbal são aqueles que possuem mais probabilidade de uso do *a gente*. Para evitar-se o “erro”, os falantes recorreriam às formas verbais sem desinência.

Este comportamento da variante *a gente* parece mesmo mostrar uma certa correlação entre a saliência fônica (LEMLE & NARO, 1977) e o tempo verbal. É interessante assinalar que o controle da concordância verbal mostrou serem os tempos verbais (Pretérito Imperfeito, por exemplo) que mais levam à não concordância verbal os que aparecem com maior probabilidade de uso de *a gente*, justamente pela falta de saliência fônica na diferença entre a 3ª pessoa do singular e a 1ª pessoa do plural, ou melhor, parece que, para evitar o “erro”, procura-se a forma sem desinência. Ocorre o oposto, ou seja, mais emprego do pronome nós, nos tempos verbais em que há maior saliência fônica na diferença entre a 3ª pessoa do singular e a 1ª pessoa do plural: Presente e Pretérito Perfeito. (SEARA, 2000, p. 183)

Ao tratar do traço semântico do sujeito, Seara levanta a reflexão de que *a gente* seria mais empregado em contextos [-específicos] e *nós* em contextos [+específicos]. Todavia, apesar do seu traço histórico indeterminado, cabe destacar que *a gente* vem ganhando espaço no PB com característica [+específica], referenciando a pessoa que fala. Vejamos os resultados:

TABELA 1 – ATUAÇÃO DO TRAÇO SEMÂNTICO DO SUJEITO SOBRE A VARIANTE *A GENTE*.

TRAÇO SEMÂNTICO	APLICAÇÃO/TOTAL	FREQUÊNCIA	PROBABILIDADE
[+ específico]	385/553	70%	0,44
[- específico]	140/180	78%	0,68

Fonte: Dados retirados da pesquisa de Seara (2000, p. 185).

Na tabela acima, a forma *a gente* é favorecida pelo traço [-específico] com peso relativo de 0,68. Contudo, essa variante também passa a ser associada, de certa

maneira, ao traço [+específico], com peso relativo de 0,44. Para Seara, isso demonstra que a variante emergente vem apresentando significância quanto à referência específica, fato característico dos pronomes pessoais.

Os falantes foram divididos em 03 grupos de idades, conforme citado anteriormente. Seara percebeu que a faixa etária mais jovem favorece a variante *a gente* (PR de 0,69) quando comparada à mais velha (+ 50 anos, PR de 0,40). Sendo este um provável indício do declínio de *nós*, há, segundo a autora, indícios “para uma variação envolvendo mudança” (SEARA, 2000, p. 189).

Ao fazer o cruzamento das variáveis sexo e faixa etária no uso de *a gente*, a autora constatou que, na fala das mulheres de 15 a 24 anos e com mais de 50 anos, o *a gente* tem mais probabilidade de aparecimento quando comparado aos homens (15-24 anos = 31% e com mais de 50 anos = 36%). Entretanto, na faixa etária intermediária (25-50 anos), esse número muda. Os homens privilegiam *a gente* em 74% e as mulheres, em 63%. Para a pesquisadora, essa mudança do comportamento feminino justifica-se pelas mulheres estarem cada vez mais presentes no mercado de trabalho e, por isso, se vigiam quanto ao uso de formas prestigiadas (SEARA, 2000, p. 191).

3.4.4 Lopes (2003)

Ao estudar a inserção de *a gente* no sistema pronominal do português, Lopes (2003) realizou uma investigação minuciosa acerca do fenômeno a fim de compreender o uso do vocábulo *homem* como pronome indefinido no português arcaico, o caminho percorrido do substantivo *gente* à forma pronominal *a gente* e, ainda, a variação e a mudança linguística da alternância *nós* x *a gente* no PB. Para tanto, valeu-se de diferentes tipos de *corpora* (LOPES, 2003, p. 05).

Para a análise em tempo real de curta duração, estudaram-se três *corpora* do banco de dados sonoros do projeto NURC/RJ¹¹. O primeiro *corpus* consiste em 10 inquéritos

¹¹ O projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro (NURC/RJ) é um acervo constituído por 350 horas de entrevistas gravadas com informantes cariocas na década de 70 e na década de 90. Este banco de dados é considerado referência nacional para estudos linguísticos da norma culta do português brasileiro (cf. <http://www.nurcrj.lettras.ufrj.br/>)

gravados na década de 1970 com 05 falantes do sexo masculino e 05 do sexo feminino, estratificados conforme a faixa etária (de 25 a 35 anos, de 36 a 55 anos e de 56 anos em diante). O segundo *corpus*, chamado de Amostra Recontato, é composto por novas entrevistas com os mesmos falantes, contudo, agora, datadas da década de 1990 (estudo painel – *panel study*). E a terceira amostra de dados compreende 08 novas entrevistas de falantes da década de 1990, com o mesmo perfil social dos falantes da amostra de 1970 (estudo de tendência – *trend study*) (LOPES, 2003, p. 47).

Na amostra geral do português brasileiro¹² foram encontrados 668 dados, dos quais 376 eram de *a gente* (56%) e 292 de *nós* (44%) (LOPES, 2003, p. 122). Ao observarmos esses dados separadamente, percebemos que a forma inovadora *a gente* cresce progressivamente:

TABELA 2 – VALORES DA APLICAÇÃO DO *A GENTE* POR AMOSTRAS.

DÉCADA	NÚMERO/TOTAL	FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
1970	105/252	42%	.15
Recontato (1990)	106/197	54%	.61
Nova amostra (1990)	165/219	75%	.83

Fonte: Dados retirados de Lopes (2003, p.124)

No que tange aos fatores linguísticos controlados, destacamos a referencialidade do sujeito. Segundo Lopes (2003), em contextos cuja referência é mais específica/determinada, o falante opta pela forma *nós*, e, à medida que essa referência se amplia, se torna indeterminada, o falante escolhe *a gente*.

De acordo com os resultados obtidos, ao comparar os dados de 1970 e a Amostra Recontato, Lopes percebe um aumento de *a gente* impessoal/genérico: nas entrevistas mais antigas, tem-se a frequência de 76% para referência impessoal e 55%, para a genérica. Nas entrevistas de Recontato, os números aumentam para 96% e 71%, respectivamente (LOPES, 2003, p. 130).

¹² Na pesquisa em tempo real de curta duração, Lopes (2003) utilizou amostras do Português brasileiro e do Português Europeu. Como o nosso interesse encontra-se nos resultados obtidos no português brasileiro, nos limitamos a descrever esses dados relativos.

TABELA 3 – TIPOLOGIA SEMÂNTICA EM TEMPO REAL DE CURTA DURAÇÃO DO *A GENTE*.

GRUPO	DÉCADA DE 70			RECONTATO 90			DÉCADA DE 90		
	Nº/t	%	P.R.	Nº/t	%	P.R.	Nº/t	%	P.R.
Impessoal	29/38	76	.84	22/23	96	.95	26/26	100	.
Genérico	44/80	55	.89	44/62	71	.75	43/46	93	.96
Específico	31/131	24	.22	39/110	35	.23	74/125	.59	.23

Fonte: Dados retirados de Lopes (2003, p. 131)

Lopes (2003) analisou os fatores sexo e faixa etária conjuntamente. Em seu estudo de tendência, contrapôs a amostra da década de 70 e a amostra da década de 90 (nova amostra) e os resultados demonstraram que a aplicação da regra (uso do *a gente*) é favorecida em ambos os períodos pelos homens da primeira faixa etária (de 25 a 35 anos), havendo, ainda, um crescimento relevante do uso de *a gente* com o passar do tempo: em 1970, os homens mais novos favoreciam *a gente* em .53, e em 90, este número sobe para .92 (LOPES, 2003, p. 137).

O mesmo ocorre quando se observa o comportamento das mulheres. Notou-se que a comunidade feminina possui comportamento semelhante nos dois períodos. Em relação à idade, há um favorecimento do uso de *a gente* por mulheres mais jovens. Essa diferença comparativa, segundo a pesquisadora, pode indicar a substituição de *nós* por *a gente*.

3.4.5 Menon, Lambach e Landarin (2003)

Menon, Lambach e Landarin (2003) analisaram a alternância *nós/a gente* em 156 exemplares das revistas em quadrinhos do Pato Donald ao longo das décadas de 1950, 1960, 1970, 1980 e 1990. Após a codificação dos dados, levantaram-se 2059 ocorrências, das quais 1840 (89%) foram do pronome padrão *nós* e 219 (11%) do pronome novo *a gente* (MENON, LAMBACH & LANDARIN, 2003, p. 98).

As pesquisadoras buscaram em seus dados a não-concordância verbal, ou seja, casos com *a gente* + *-mos* ou *nós* + *forma verbal de 3ª pessoa do singular, não marcada*. Os resultados apontaram apenas 01 (um) caso de não concordância verbal e, para as autoras, essa ocorrência seria previsível, haja vista que o personagem – um ladrão –, se encaixaria no estereótipo de utilização de formas não padrão da língua (MENON, LAMBACH & LANDARIN, 2003, p. 99).

Os grupos de fatores selecionados pelo pacote VARBRUL, responsável pela análise da relevância estatística dos fatores envolvidos no fenômeno variável, foram, em ordem de seleção: a data de publicação, classe social e a faixa etária (MENON, LAMBACH & LANDARIN, 2003, p. 101).

Depreendeu-se que nos anos 1950, 1951 e 1952, o uso do *a gente* era desfavorecido, com peso relativo de 0,10 e o *nós* era a forma predileta, com peso relativo de 0,90. No entanto, nos quadrinhos de 1989, há uma inversão desses números: o *a gente* passa a ser favorecido com peso relativo de 0,90 e o pronome canônico, por sua vez, é desfavorecido com peso relativo de 0,10. Outro ponto que merece destaque nesta pesquisa é o comportamento que a alternância entre as formas apresenta próximo aos anos 1970 (MENON, LAMBACH & LANDARIN, 2003, p. 101).

Segundo os resultados obtidos, o uso de *a gente* nas revistas do Pato Donald é menor do que o uso do pronome *nós*, porém, com o passar das décadas, detectou-se o aumento tímido da forma inovadora nos exemplares. Entretanto, no ano de 1969, em vez de o crescimento se manter, ele decaiu, e só volta a crescer novamente no ano de 1979. As autoras justificam o antagonismo com o período político e social vivido à época, cujo contexto era de censura e cerceamento da livre expressão. Talvez, por essa razão, a editora tenha realizado uma revisão mais acurada das revistas (MENON, LAMBACH & LANDARIN, 2003, p. 102).

A variável classe social foi dividida em baixa, média e alta. Percebeu-se que, quando os personagens pertencem à classe social baixa, a variante *a gente* é favorecida, com peso relativo 0,64. Já quando o personagem é da classe social alta, a forma canônica é favorecida com peso relativo 0,82. Esses resultados, segundo as autoras, são explicados por *a gente* encontrar-se associado a personagens bandidos, junto ao único caso de não concordância estigmatizado (MENON, LAMBACH & LANDARIN, 2003, p. 101).

Por fim, os resultados relativos à faixa etária, similares aos de uma pesquisa em tempo aparente, apontam o favorecimento acanhado de *a gente* (peso relativo 0,58) nas crianças quando comparadas aos adultos (peso relativo 0,44) (MENON, LAMBACH & LANDARIN, 2003, p. 101).

3.4.6 Mendonça (2010)

Mendonça (2010) analisou a variação e a mudança da 1.^a pessoa do plural na fala de Vitória/ES. Para tanto, utilizou 40 entrevistas provenientes do banco de dados do PortVix (Projeto “O português falado na cidade de Vitória” – UFES¹³). As pessoas entrevistadas eram nascidas em e moradoras de Vitória e foram divididas conforme seu sexo/gênero (homem/mulher), escolaridade (ensino fundamental, médio e universitário) e faixa etária (7-14 anos; 15-25 anos; 26-49 anos; e +50 anos).

Os seguintes grupos de fatores foram selecionados como significativos para o uso de *a gente*: paralelismo linguístico, explicitude do sujeito, faixa etária, tempo verbal, sexo, tipo de referência e função sintática. A escolaridade e o modo verbal não foram selecionados.

Dos 1745 dados encontrados pelo pesquisador, a forma inovadora foi a preferida pelos falantes capixabas com 70,8% de uso em detrimento do pronome canônico, cujo uso foi de 29,2%.

Os resultados relativos à faixa etária dos entrevistados revelaram favorecimento de *a gente* por falantes mais jovens (07 – 14, com peso relativo de 0,76, e de 15 – 25, com peso relativo de 0,70). (MENDONÇA, 2010, p. 62). Para o autor, esses números, além de corroborarem resultados de pesquisas já realizadas, demonstram que não há apenas uma coocorrência entre as formas, mas, sim, uma mudança em curso na fala de Vitória.

¹³ O PortVix compõe-se de 46 entrevistas com abordagem tipicamente laboviana, contudo, para a sua pesquisa, Mendonça optou por investigar 40 registros. “Este projeto, de orientação variacionista, gravou, entre 2001 e 2003, quarenta e seis entrevistas com pessoas nascidas em Vitória, divididas segundo as variáveis relativas ao sexo/gênero, idade e escolaridade” p.772 (Cf. YACOVENCO, 2012).

No tocante ao sexo/gênero, os resultados apontam que as mulheres favorecem o uso de *a gente* com peso relativo de 0,60 e percentual de uso de 80,2%, enquanto os homens a desfavorecem com peso relativo de 0,35 e percentual de uso de 56,9%. Dessa maneira, as mulheres seriam as propagadoras da nova forma.

Todavia, ao comparar estes resultados com os de outras pesquisas, evidencia-se que não se trata de um fator categórico, pois, segundo o autor, o papel social exercido pela mulher em determinada região/comunidade influencia seu papel como disseminadora de estruturas linguísticas inovadoras¹⁴.

No que tange à explicitude do sujeito, Mendonça concluiu que a explicitude favorecia *a gente*, com peso relativo de 0,62 e frequência de 79,7%, ou seja, em formas explícitas, *a gente* é preferido entre os falantes e, em formas implícitas, o *nós* é o pronome escolhido.

No que diz respeito à referencialidade do pronome, os resultados apontaram que o falante capixaba favorece *a gente* (referente a *eu*) em 81%, com peso relativo de 0,70; a referência eu + não pessoa apresenta peso relativo de 0,43, com 68% de frequência e *a gente* com referência genérica apresenta peso relativo de 0,53, e frequência de uso de 71%. Esses resultados revelam que, cada vez mais, *a gente* com referência específica avança, sendo conferido ainda mais *status* de pronome pessoal à nova forma, apesar de sua origem genérica e indefinida.

Os dados obtidos relativos à posição sintática do pronome indicaram um equilíbrio de distribuição entre as variantes na posição de sujeito (desfavorecimento de *a gente* em 0,47 de peso relativo). Quando em complemento verbal, a forma *a gente* é favorecida pelos falantes capixabas com 0,88 de peso relativo (sem preposição) e 0,76 (quando preposicionada).

Os resultados do tempo verbal confirmaram a hipótese do pesquisador e corroboraram outros estudos sobre o mesmo fenômeno linguístico. *A gente* é favorecido pelos tempos presente (75,3% e peso relativo de .54) e pretérito imperfeito

¹⁴ Mendonça (2010) comparou seus resultados relativos ao sexo/gênero com a pesquisa de Borges (2004), cujo *corpus* constitui-se de 60 entrevistas de indivíduos das cidades gaúchas Pelotas e Jaguarão, e observou que as mulheres dessas regiões apresentam resultados semelhantes aos dos homens (Jaguarão: homens com PR de 0,48 e mulheres com PR de 0,51; Pelotas: homens com PR de 0,49 e mulheres com PR de 0,51. Essa diferença de resultados justifica-se devido aos diferentes papéis sociais das mulheres nas capitais e nas cidades do interior.

(84,2% e peso relativo .64), em virtude de o falante evitar o uso de proparoxítonas, no caso do imperfeito, e da ambiguidade causada pela 1.^a pessoa do plural nos tempos presente e pretérito perfeito. Já o pretérito perfeito desfavorece *a gente* com um percentual de 45,7% e peso relativo .26 (MENDONÇA, 2010, p. 84).

Ao final da pesquisa o autor conclui que a mudança linguística em Vitória/ES ocorre de maneira bem acentuada.

3.4.7 Foeger (2014)

Foeger (2014) estudou a alternância entre a 1.^a pessoa do plural e a concordância verbal de 1.^a pessoa do plural na fala de Santa Leopoldina/ES, cidade do interior do Espírito Santo. O *corpus* constitui-se de 32 entrevistas, cujos informantes foram estratificados conforme sua idade (de 07 aos 14 anos, de 15 aos 25 anos, de 26 aos 49 anos e acima de 50 anos), sexo/gênero (masculino/feminino) e nível de escolaridade (ensino fundamental I e ensino fundamental II).

Foeger analisou um total de 2109 dados, dos quais 1136 (53,9%) correspondem à forma *a gente* e 973 (46,1%), ao pronome *nós*.

Os grupos de fatores linguísticos selecionados como estatisticamente significativos foram, em ordem de seleção, paralelismo linguístico, tempo verbal/ saliência fônica, faixa etária, interação com a entrevistadora, referencialidade, explicitude do sujeito e gênero/sexo. Destacamos, considerando a relação com o nosso estudo, as variáveis tempo verbal, saliência fônica e interação com a entrevistadora.

Ao analisar apenas a saliência fônica, os dados mostraram que *a gente* é favorecido nos graus de menor saliência, como nos verbos no presente, mas não no pretérito imperfeito. O pretérito perfeito desfavorece o uso de *a gente*. É importante destacar que, segundo Foeger (2014), analisar a saliência fônica juntamente com o tempo verbal mostrou-se uma variável bastante relevante e reveladora.

Em relação a esta variável, os resultados mostram que a forma inovadora não é favorecida de forma única pelo presente e pelo pretérito imperfeito, conforme apontado por pesquisas anteriores.

Na pesquisa de Foeger, as formas menos salientes são as que mais favorecem o uso de *a gente*, com PR de 0,71. Na tentativa de desfazer a ambiguidade existente entre presente e o pretérito perfeito, o falante prefere o pronome novo para marcar o presente, daí não utiliza o morfema *-mos* e o usa para marcar o pretérito, conforme já afirmado por Naro, Gorski e Fernandes (1999). Já as formas mais salientes desfavorecem *a gente*, com PR de 0,40.

A expectativa inicial do estudo quanto ao pretérito imperfeito era a de que, para evitarem-se as proparoxítonas, os falantes prefeririam *a gente* + desinência verbal de 3ª pessoa do singular. No entanto, no estudo de Foeger (2014), *a gente* é desfavorecido com PR de 0,43. Justifica-se esse comportamento por meio da concordância verbal. O uso de *nós*, sem marca de plural, morfema *-mos*, parece não ser estigmatizado entre os leopoldinenses, sendo, inclusive, a não concordância verbal nesse tempo categórica. Dos 283 dados de *nós* com verbos no pretérito imperfeito, apenas um apresenta concordância.

O futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal favorecem *a gente* em Santa Leopoldina/ES com PR de 0,61 e de PR 0,78, respectivamente (FOEGER, 2014, p. 102).

Com a variável interação com a entrevistadora, Foeger buscou investigar se a escolha entre as formas de 1.ª pessoa do plural mostrava correlação com a entrevistadora, já que uma delas era nascida em Santa Leopoldina e, por isso, considerada mais íntima do local e da comunidade, enquanto a outra era nascida na Grande Vitória e, por conseguinte, mais distante da comunidade.

TABELA 4 – ATUAÇÃO DA ENTREVISTADORA SOBRE A VARIANTE *A GENTE*.

INTERAÇÃO COM A ENTREVISTADORA	APLIC./OCOR.	%	PESO RELATIVO
Natural de Santa Leopoldina	703/1384	50,8	0.43
Natural da Grande Vitória	309/470	65,7	0.68
TOTAL	1012/1854	54,6	

Fonte: Tabela adaptada de Foeger (2014, p. 112.)

Os resultados obtidos apontaram que *a gente* é favorecido pelos falantes de Santa Leopoldina quando a interação se dá com a entrevistadora da Grande Vitória, com frequência de uso de 65,7% e PR 0,68. Com a entrevistadora de Santa Leopoldina, *a gente* é desfavorecido, com PR 0,43.

Segundo análise de Foeger, este fato é indicativo de a forma pronominal conservadora, *nós*, poder estar relacionada ao meio rural e o *a gente*, ser um pronome mais urbano.

4. AS REVISTAS EM QUADRINHOS

Analizamos a variação e a mudança linguística da primeira pessoa do plural e a sua concordância verbal no português brasileiro em revistas em quadrinhos da Turma do Chico Bento, criação de Maurício de Sousa. Para isso, compusemos dois *corpora* com diferentes coleções da obra: o primeiro, constituído de revistas em quadrinhos da Turma do Chico Bento (versão da Turma Criança) e; o segundo, formado por gibis da Turma do Chico Bento Moço (versão da Turma Jovem).

O *corpus* da Turma Criança é composto por 47 revistas em quadrinhos dos anos 1980; 25 edições dos anos 1990 e 50 publicações dos anos 2000, estas, em sua maioria, pertencentes à primeira década do século XXI. Por sua vez, o *corpus* da Turma Jovem é composto por 25 revistas em quadrinhos, datadas a partir de 2013.

Posto isso, neste capítulo discutimos as principais características deste gênero textual e discorremos sobre o nosso principal problema empírico de pesquisar a variação e a mudança linguística nas revistas em quadrinhos. Por fim, caracterizamos a Turma do Chico Bento e a Turma do Chico Bento Moço com o intuito de contextualizar a narrativa e os personagens principais.

4.1 O GÊNERO DISCURSIVO DAS REVISTAS EM QUADRINHOS

Segundo Tavares (2010), com base nas ideias de Bakhtin, as interações verbais não ocorrem somente durante a comunicação face a face, mas, também, através de atos de fala impressos. Nos textos escritos, há interação entre o que é dito pelo sujeito escritor e o que é lido pelo sujeito leitor. Neste cenário, o sujeito escritor cria condições para que haja o entendimento pleno da mensagem enviada. Na criação narrativa das revistas em quadrinhos, empregam-se tanto elementos visuais quanto elementos textuais para auxiliar o leitor nessa construção de sentidos.

Quantos aos elementos visuais, a peça básica das revistas em quadrinhos são os desenhos. É por meio deles que podemos acompanhar o desenrolar das ações, construir personagens e conceber personalidades, ideologias, crenças e culturas.

Além disso, a partir dos recursos imagéticos que vemos, operacionalizamos competências sociocognitivas para o entendimento das narrativas. Aos recursos imagéticos estão ligados os formatos e os contornos das vinhetas, as figuras cinéticas, a gesticulação e a criação dos personagens, os balões de fala, entre outras questões (VERGUEIRO, 2018, p. 34).

Nas revistas em quadrinhos, de modo geral, a percepção do movimento ocorre através da comparação entre os quadrinhos, quadros ou vinhetas¹⁵, que são dotados de fragmentos de ação. A comparação entre os quadrinhos permite a condução narrativa das histórias e a visualização cognitiva da movimentação, da ação dos personagens (RAMOS, 2007, 2018; VERGUEIRO, 2018).

Embora o formato do quadrinho mais convencional seja o quadrado ou o retangular, essa configuração pode variar e dependerá da intenção do artista e do espaço físico utilizado para a produção da história. Outro ponto relevante sobre o quadrinho é seu delineamento. O contorno do quadrinho delimita o espaço da narrativa e pode ser produzido como fonte de humor, como demarcação temporal ou, ainda, indicar um estado do personagem (RAMOS, 2007, 2018; VERGUEIRO, 2018).

FIGURA 6 – A COMICIDADE ATRAVÉS DO CONTO DO QUADRINHO.



Fonte: Exemplo retirado de Ramos (2007, p. 10)

De acordo com Ramos, o humor contido na tira acima ocorre por meio da reclamação do superior, Sargento Tainha, à esquiva das tarefas do Recruta Zero e, ao final, o

¹⁵ Consideramos vinheta e quadro como sinônimos em nossa pesquisa, baseando-nos em Vergueiro (2006, p. 35 apud RAMOS, 2007, p. 07): “[...] o quadrinho ou vinheta constitui a representação, por meio de uma imagem fixa, de um instante específico ou de uma sequência interligada de instantes, que são essenciais para a compreensão de uma determinada ação ou acontecimento”

sargento constata que o personagem fugiu, inclusive, do próprio quadrinho. Para a composição da cena e, conseqüentemente, do humor, o contorno do terceiro quadro da tira, justamente o quadro que antecederia a próxima vinheta, aparece “rompido” ou “rasgado”, ilustrando a passagem de fuga do Recruta Zero e provocando a comicidade da história.

Já na figura 8, o contorno do quadrinho é utilizado na demarcação temporal da história. Chico Bento se encontra com seus amigos no ribeirão e justifica sua ausência no dia anterior “Ai! Ocêis num sabi o qui mi aconteceu!” “Onti, quando eu tava vindo pro encontro coceis, arresorvi pegá um atáio! Daí, então...”. No terceiro quadro, a fala passa ao Saci-pererê, que impede a passagem de Chico Bento “Pera ai! Daqui ocê num podi passa!”.

Percebemos que o contorno dos dois primeiros quadrinhos é reto, sem mudanças de sentido, já nos dois últimos quadrinhos, vemos que o delineado muda, se torna anuviado. Essa mudança estilística está diretamente ligada ao tempo presente e passado na narrativa. Inferimos que a mudança no contorno da vinheta é utilizada como um meio de demonstrar ao leitor que a história, agora, se passa num tempo passado àquele dos primeiros dois quadros, referindo-se, portanto, a uma memória.

FIGURA 7 – EXEMPLO DE MARGEM DE QUADRO QUE DEMARCA TEMPORALIDADE.



Fonte: Revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição 02, 1982, p.44.

Além disso, conforme pontuado por P. Ramos (2007, p. 22), as ações são sugeridas através de figuras estáticas. Elementos como o corpo do personagem em relação a partes do corpo e linhas cinéticas insinuam a movimentação de pessoas e objetos ao leitor.

No terceiro quadro, apesar da imagem estática, a ação de *caminhar* do Chico Bento é percebida por meio do contraste entre o corpo do menino, o balançar dos seus braços e a posição dos seus pés, que ilustram um movimento típico de caminhada. Todos esses elementos, juntos, constroem no pensamento do leitor a ação de *andar*, *caminhar* do personagem.

Na figura 9, o personagem Anjinho cai com o rosto no chão. Essa ação é percebida por meio das linhas cinéticas que, desenhadas verticalmente, indicam o movimento de queda:

FIGURA 8 – MOVIMENTAÇÃO DE PERSONAGEM POR MEIO DE LINHAS CINÉTICAS.



Fonte: Revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição 02, 1982, p.44.

Outro elemento importante nas histórias em quadrinhos é o balão de fala que, no geral, possui linhas retas e pretas e se liga ao personagem por um apêndice (ver símbolo que liga os balões de diálogos da figura 8). É nesse componente que se inserem as falas dos personagens.

De acordo com P. Ramos (2007), baseado em Eisner (1989) e Acevedo (1990), quando esse formato muda, a carga semântica também se altera, podendo demonstrar que se trata, por exemplo, de um pensamento do personagem e não necessariamente uma fala expressa efetivamente. Os balões podem ser definidos em balão-fala (figura 10), balão-pensamento (figura 11), balão-cochicho (figura 12), balão-trêmulo (figura 13) e etc. Cada modelo de contorno invoca uma interpretação diferente do discurso.

FIGURA 9 – BALÃO-FALA DA PERSONAGEM COTINHA, MÃE DO CHICO BENTO.



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento Moço, edição 23, p. 22, 2015.

Na figura 10, a personagem Cotinha, mãe de Chico Bento, comenta com seu filho sobre as responsabilidades que ele assumiu “Ô fio... Qui home responsáver qui ocê virô!”. A fala está inserida num balão de fala cujas características são correntes na maior parte dos quadrinhos: linhas retas e com apêndice.

FIGURA 10 – BALÃO DE PENSAMENTO DO PERSONAGEM ZÉ LELÉ, PRIMO DO CHICO BENTO.



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição 19, p. 50, 2008.

Na figura 11, há a presença do balão de pensamento. Percebemos diferenças nos contornos, as linhas não são mais retas, mas, sim, em formato de *fumacinha* ou *nuvem*. Além disso, o apêndice também muda e assume a imagem de *bolinhas*. Este formato de balão serve para ilustrar os pensamentos dos personagens, ou seja, o discurso

FIGURA 11 – BALÃO-COCHICHO DA PERSONAGEM VIOLETTE/FRANCIS.



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento Moço, edição 08, p. 44, 2014.

Na figura 12, a personagem francesa *Violette* inicia um diálogo com Chico Bento dentro da biblioteca da universidade. Inferimos que se trata de cochichos, pois o contorno do balão é tracejado. Essa característica indica que os personagens estão falando muito baixo ou sussurrando, de modo que os outros não os escutem.

FIGURA 12 – BALÃO-TRÊMULO DOS PERSONAGENS VIOLETTE/FRANCIS E VESPA, COLEGAS DA UNIVERSIDADE DO CHICO BENTO.



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento Moço, edição 10, p. 30, 2014.

Na figura 13, temos um balão-tremulo. Diferentemente do balão-fala, que apresenta linhas retas, esse balão possui linhas tremidas, irregulares, que, geralmente, indicam o sentimento de medo nos personagens, sendo ligados a eles por meio de apêndices.

Outra questão que merece destaque é o formato, a representação, das letras inseridas nos balões de falas. Segundo Vergueiro (2018), normalmente, o texto escrito apresenta grafia em letras de imprensa maiúsculas. Todavia, quando o artista pretende transmitir uma mensagem específica, além do significado das próprias palavras, as palavras podem receber elementos distintivos. Palavras em tamanho normal e em negrito podem sugerir entonação diferenciada; em tamanho menor, podem indicar tom de voz mais baixo; palavras tremidas insinuam medo, se forem grandes, podem indicar gritos (figura 14).

FIGURA 13 – ELEMENTOS DISTINTIVOS NA GRAFIA DAS LETRAS QUE INDICAM GRITOS.



Fonte: Recorte retirado do Almanaque da Mônica, número 1, 1987, p. 04.

As onomatopeias são recursos bastante recorrentes nas histórias em quadrinhos e definem-se, segundo Vergueiro (2018), como “[...] signos convencionais que representam ou imitam um som por meio de caracteres alfabéticos. Elas variam de país a país, na medida em que diferentes culturas representam os sons [...]” (p. 62). Ainda segundo o autor, no Brasil, diversas dessas representações são oriundas da língua inglesa, todavia, considerando que esses recursos variam conforme a preferência do artista, alguns autores e editores brasileiros optam por adaptar as onomatopeias ao português brasileiro (VERGUEIRO, 2018, p. 63).

FIGURA 14 – REPRESENTAÇÃO SONORA POR MEIO DE CARACTERES ALFABÉTICOS.



Fonte: revista da Turma do Chico Bento, edição 16, 1983, p.32.

Verificamos o uso de onomatopeias na figura 15. Na situação, Zé Lelé está correndo para se encontrar com Chico Bento e, no caminho, cai em diversas armadilhas para onça. No segundo quadrinho, ocorre a onomatopeia *CREC*, forma abreviada do inglês *CRASH!* (quebrar). Já nos terceiro e quarto quadrinhos, o artista opta por onomatopeias inglesas, *SLAPT* e *CRASH*. Observamos, neste exemplo, o uso da representação de *quebrar* em dois idiomas diferentes: português e inglês.

Outro recurso visual bastante utilizado é a metáfora visual, definida por Vergueiro como “[...] signos ou convenções gráficas que têm relação direta ou indireta com expressões do senso comum, como, por exemplo, ‘ver estrelas’ [...]” (VERGUEIRO, 2018, p. 54). As metáforas servem para exprimir as emoções dos personagens, as ideias, os sentimentos e, por vezes, reforçar o conteúdo verbal.

No terceiro quadro da Figura 16, verificamos o uso da metáfora visual “ver estrelas”. Na situação, os personagens Zé Lelé e Chico Bento trombam um no outro e, conseqüentemente, caem no chão, zonzos. A imagem das estrelas ligadas às linhas onduladas na direção dos dois personagens indica um estado atordoado dos meninos por causa da colisão. Há inúmeras metáforas visuais utilizadas como mecanismos de expressão de estado e sentimento nos desenhos, como caveiras, que representam xingamentos, corações ligados a linhas onduladas, que sugerem sentimento de paixão ou amor etc. Seu uso dependerá da intenção e da criatividade do artista.

FIGURA 15 – USO DE METÁFORA VISUAL PARA CORROBORAR A TROMBADA DOS PERSONAGENS.



Fonte: revista da Turma do Chico Bento, edição 100, 1990, p. 21.

Ramos (2007), com base nas ideias de Eisner (2005, p. 23), comenta a respeito da imagem do personagem e sua relação com a interpretação das histórias pelo leitor. Para os autores, a aparência do personagem apresenta estereótipos que são compartilhados com o leitor para dar a leitura e o sentido desejados à ficção. Por exemplo, os heróis, no geral, são caracterizados por seu porte atlético e boa aparência. Os bandidos ou vilões possuem feições más, bigodes ou alguma característica que lembre ao leitor que se trata de uma pessoa ruim (RAMOS, 2007, parte II, p. 27).

Acevedo (1990, p. 61 *apud* RAMOS, 2007, p. 28) comenta que:

O produtor da história deve ter o cuidado de adaptar os diálogos ao estereótipo adotado. Do contrário, pode-se criar uma sequência inverossímil aos olhos do leitor. A não ser que a fuga ao rótulo seja intencional por algum motivo, como nas situações em que se mesclam estereótipos para confundir o leitor. É um recurso muito comum para criar suspense sobre quem seria o suposto assassino da história. O verdadeiro culpado tem de dissimular a autoria do crime até ser desmascarado [...].

As duas figuras a seguir mostram as diferenças nas representações de personagens bandidos e de personagens mocinhos/heróis. Na figura 17, dois bandidos conseguem êxito em sua fuga após roubar uma joalheria. Os personagens não apresentam porte físico musculoso e nem esguio, parecem, a princípio, um pouco acima do peso. Além disso, um deles é careca e o outro não tem cabelo bem delineado, ambos têm vestimentas diferentes dos outros personagens. Já na figura 18, observamos policiais impedindo a passagem do Chico Bento. Os personagens possuem aparência distinta dos bandidos, parecem ser mais altos, esguios e têm cabelos.

FIGURA 16 – REPRESENTAÇÃO ESTÉTICA DE PERSONAGENS BANDIDOS.



Fonte: revista da Turma do Chico Bento, edição 04, 1982, p.06.

FIGURA 17 – REPRESENTAÇÃO ESTÉTICA DE PERSONAGENS POLICIAIS.



Fonte: revista da Turma do Chico Bento Moço, edição 18, 2015, p.57.

Considerando as relações e os contrastes evidenciados nos gibis do Chico Bento, tanto na Turma Criança quanto na Turma Jovem, entre os meios rural e urbano, é indispensável comentarmos a composição das características imagéticas utilizadas nas revistas em quadrinhos, cujo propósito é o de construir as identidades sociais dos personagens da cidade e do interior de modo bem delimitado, claro e compreensível aos leitores.

FIGURA 18 – CONTRASTE DA COMPOSIÇÃO IMAGÉTICA DE PERSONAGENS URBANO E RURAIS.



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição 94, p. 3, 1990.

A figura 19 ilustra o contraste existente entre a composição imagética de personagens rural e urbano. Na situação, o menino da cidade está passando uns dias no sítio. Antes mesmo de descrevermos quaisquer características do desenho, com o intuito de demonstrar as características desenhadas que são assimiladas aos diferentes perfis sociais dos personagens desses gibis, a maioria dos leitores, ao se deparar com esses quadros, consegue distinguir quais crianças moram na cidade e quais delas residem no interior.

Isso decorre dos estereótipos sociais inseridos no imaginário social. Ao analisarmos, num primeiro momento, os personagens Primo Zeca, Chico Bento, Zé Lelé e Zé da Roça (da esquerda para a direita, 1º, 2º, 3º e 4º personagens, respectivamente), observamos algumas diferenças entre eles.

O personagem Primo Zeca, morador da cidade grande, tem cabelos penteados, veste roupas limpas e lisas e calça sapatos. Por outro lado, os personagens Chico Bento e Zé Lelé são desenhados com cabelos bagunçados, usam chapéu de palha, vestem

calças curtas e rasgadas, listradas com suspensório e estão descalços. Todas essas características são ligadas a pessoas do interior.

Outro ponto que merece atenção ao analisarmos essas nuances diz respeito às diferenças encontradas entre os próprios personagens moradores do meio rural. Ao longo das histórias, percebemos que, dentro do enredo dos personagens rurais, há aqueles que aparentam ser menos *caipiras* do que outros. É o caso do 4º personagem da figura 18, Zé da Roça. Embora seu estilo de roupa seja parecido com o de Chico Bento e de Zé Lelé, na leitura dos gibis percebemos que o personagem tem uma postura diferente dos amigos. Zé da Roça é inteligente, estudioso, usa sapatos e não apresenta marcas linguísticas ligadas ao dialeto caipira¹⁶.

A delimitação do perfil social dos personagens rurais e urbanos através da representação imagética e da linguagem se mantém, também, nas revistas em quadrinhos da Turma Jovem. As figuras 20, 21 e 22 mostram essas diferenças visuais com clareza.

FIGURA 19 – ROUPA DO CHICO BENTO NO MEIO URBANO.



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento Moço, edição 02, 2013, p. 21.

¹⁶ Ao caracterizarmos os principais personagens das revistas em quadrinhos da Turma Jovem e da Turma Criança, pormenorizamos a questão linguística de cada um deles individualmente.

A figura 20 retrata o personagem Chico Bento Moço em sua chegada à cidade. Verificamos que o personagem jovem veste calças jeans curtas e blusa quadriculada, calça botinas e usa o chapéu de palha, embora este apetrecho não esteja presente em todas as narrativas. Além disso, cabe destacarmos que ele, além de ter consciência da existência da diferença entre o estilo urbano e rural, opta pela utilização do seu chapéu. No primeiro quadro, Chico Bento fala “Tem muita gente aqui! Sei que não se usa chapéu na cidade...” e continua no segundo quadro “... mas, de repente, assim fica mais fácil de o primo me achar!”

FIGURA 20 – ROUPA DA ROSINHA NO MEIO URBANO.



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento Moço, edição 04, 2013, p. 81.

Isso também acontece com a personagem Rosinha, namorada de Chico Bento. No primeiro dia de aula, ao sair do banheiro após se arrumar para a faculdade, a adolescente aparece vestida num estilo de roupa bastante semelhante ao utilizado quando criança no interior – vestido estampado, sandálias e meias –. Além disso,

mantém o penteado infantil (fig. 21). A escolha das roupas causa estranhamento à sua prima, que resolve emprestar algumas de suas roupas (figura 22).

FIGURA 21 – ROUPAS EMPRESTADAS DA PRIMA DA ROSINHA.



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento Moço, edição 04, 2013, p. 84.

Após trocar de roupa, Rosinha questiona a prima sobre o que havia de errado com a roupa que havia escolhido e a prima responde que é “jeca”. Todas essas características utilizadas nas roupas e estilos dos personagens reforçam a ideia de pessoas “da roça”, uma vez que se trata de símbolos ligados a pessoas do interior.

Conforme mencionamos anteriormente, as revistas em quadrinhos constituem um gênero discursivo multimodal, ou seja, mescla recursos imagéticos e elementos verbais em sua composição (RAMOS, 2007; TAVARES, 2010; VERGUEIRO, 2018). Por esse motivo, discutirmos a linguagem nesse gênero discursivo é tão importante quanto apresentarmos características icônicas dos gibis.

Outra maneira de caracterização dos personagens encontra-se nos recursos textuais selecionados pelo artista, ou seja, a variedade linguística escolhida influencia a criação do personagem, faz parte de sua identidade e individualidade (VERGUEIRO, 2018). Sendo assim, similarmente ao que ocorre com as características visuais, a fala dos personagens baseia-se em estereótipos, que devem ser compartilhados pelo leitor para que haja a construção do indivíduo/personagem.

Apesar de não ser o nosso foco, acreditamos ser relevante chamarmos a atenção para o fato de que estereótipo¹⁷ e ideologia são termos carregados de significados sociais e se encontram inter-relacionados:

Como discute Hall (1997), estereotipar faz parte da manutenção da ordem social e simbólica, estabelecendo uma fronteira entre o “normal” e o “desviante”, o “normal” e o “patológico”, o “aceitável” e o “inaceitável”, o que “pertence” e o que “não pertence”, o “nós” e o “eles”. Estereotipar reduz, essencializa, naturaliza e conserta as ‘diferenças’, excluindo ou expelindo tudo aquilo que não se enquadra, tudo aquilo que é diferente. No momento em que se atribuem estereótipos às pessoas, duas alternativas possíveis, que interagem, apresentam-se: conformar-se ou não se conformar à maioria (ROSO *et al*, 2002, p. 78)

Em síntese, o artista se baseia em conceitos e características do imaginário popular que estariam diretamente relacionados aos diferentes grupos sociais que existem em nossa sociedade. Sendo assim, os responsáveis pela escrita do texto das revistas em quadrinhos precisam refletir sobre as características linguísticas que determinado personagem precisa apresentar para se caracterizar como tal e o estilo de fala é uma maneira de o fazer.

¹⁷ Conforme pontua Sousa (2012, p. 203), baseando-se em Gahagan (1980, p. 70), um estereótipo é “[...] uma supergeneralização: não pode ser verdadeiro para todos os membros de um grupo [...]. O estereótipo é, provavelmente, muito inexato como descrição de um dado sujeito[...].”

Deste modo, um personagem adolescente, de modo geral, empregará mais gírias do que um adulto. Um super-herói terá sua fala mais próxima à variante padrão¹⁸. Personagens de diferentes áreas geográficas apresentarão traços linguísticos relativos a sua região (VERGUEIRO, 2018), como é o caso do personagem Chico Bento, que apresenta inúmeras particularidades linguísticas que são associadas pela sociedade, em tese, ao dialeto caipira¹⁹.

Cabe destacarmos que um dos problemas empíricos de estudarmos a língua à luz da Sociolinguística Variacionista neste tipo de *corpus* encontra-se nessa representação de fala dos personagens.

Conforme mencionamos, ao tratarmos do nosso referencial teórico, um dos principais postulados da Sociolinguística Variacionista, de W. Labov (2008 [1972]) é que a variação e a mudança são propriedades inerentes às línguas e ocorrem de modo sistemático, o que possibilita aos falantes continuarem utilizando a língua enquanto ocorre a mudança. Para o teórico, o contexto ideal de observação da mudança é através de dados reais de fala. Segundo Tarallo (1986):

A língua falada [...] é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face. É a língua que usamos em nossos lares ao interagir com os demais membros de nossas famílias.

Em suma, a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, idéias (*o que*) sem a preocupação de *como* enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua. (TARALLO, 1986, p. 19)

Entretanto, em nosso estudo, observamos a variação e a mudança linguística através de revistas em quadrinhos que, apesar de buscarem a representação da língua oral por meio da escrita, manifestam, ainda, a fala dos personagens com base em

¹⁸ Essa construção ocorrerá a partir da intenção do artista. Ramos (2018) mostra que a fala mais informal do super herói *Coisa*, do Quarteto Fantástico, o ajudou a se tornar mais popular do que os outros integrantes do grupo heroico (Homem Elástico, Tocha Humana e Mulher Invisível). Já o personagem Thor tem sua fala mais próxima da variante padrão por ser descendentes de deuses nórdicos (p. 88-89).

¹⁹ Na subseção a seguir, destrinchamos por meio de exemplos a linguagem contida nas revistas em quadrinhos da Turma do Chico Bento.

estereótipos. Em razão disso, não podemos representar com precisão a variação e a mudança linguística tal como ocorre em estudos que utilizam dados de fala real.

Mas esse tipo de estudo e seus resultados também nos possibilitam reflexões sobre a língua. É possível usá-los para compreender até que ponto a língua falada se reflete na escrita e compreender, também, se determinados fenômenos linguísticos se relacionam a certos tipos de personagens devido à avaliação social que sofrem.

Após essas reflexões, em seguida, apresentamos uma breve caracterização sobre as revistas em quadrinhos da Turma do Chico (Turma Criança e Turma Jovem), contextualizando os personagens e a narrativa dos gibis.

4.3 A TURMA DO CHICO BENTO

O personagem Chico Bento foi criado por Maurício de Sousa em 1961, mas estreou apenas em 1963 nas tiras denominadas “Hiroshi e Zezinho”, publicadas no jornal Diário da Noite²⁰. Todavia, o personagem teve bastante notoriedade e conquistou sua própria série publicada no jornal Diário de São Paulo, tornando-se protagonista e tendo o Hiroshi e o Zezinho como coadjuvantes²¹.

²⁰ A Biblioteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional possui, dentre outros materiais, o acervo das publicações do Jornal Diário da Noite desde 1930, disponível para leitura e download do arquivo .pdf no seguinte endereço eletrônico: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/diario-noite/221961>.

²¹ [web.archive.org/web/20050228011515/http://www.monica.com.br/mauricio/cronicas/cron269.htm](http://www.monica.com.br/mauricio/cronicas/cron269.htm).

FIGURA 22 - CHICO BENTO NAS TIRAS HIROSHI E ZEZINHO.



Fonte: publicação retirada do 2º Caderno do Jornal Diário da Noite, datado de 23/12/1963, p. 09. Disponível em http://memoria.bn.br/pdf/221961/per221961_1963_11944.pdf.

De acordo com Bento (2009), baseada na crônica “O véio Chico”, de Sousa (2008), Chico Bento foi inspirado nas aventuras do tio-avô de Maurício de Sousa, narradas durante a infância do cartunista por sua avó:

“Chico Bento é uma montagem de características que vi e vivi na minha infância [...] Mas definitivamente Chico Bento é mais um tio-avô meu, roceiro de Taboão (entre Mogi e Santa Isabel), que nem cheguei a conhecer pessoalmente, mas de quem conheci inúmeras histórias hilariantes, contadas pela minha avó (SOUSA, 2008 *apud* BENTO, 2009, p. 6479).

Na figura 23, observamos o personagem Zé da Roça conversando com Chico Bento numa tira publicada em preto e branco no jornal Diário da Noite em 1963. Em 1982, a editora Abril lançou o primeiro gibi circular da Turma do Chico Bento.

FIGURA 23 – PRIMEIRA EDIÇÃO DA REVISTA EM QUADRINHOS DO CHICO BENTO, DE MAURÍCIO DE SOUSA.

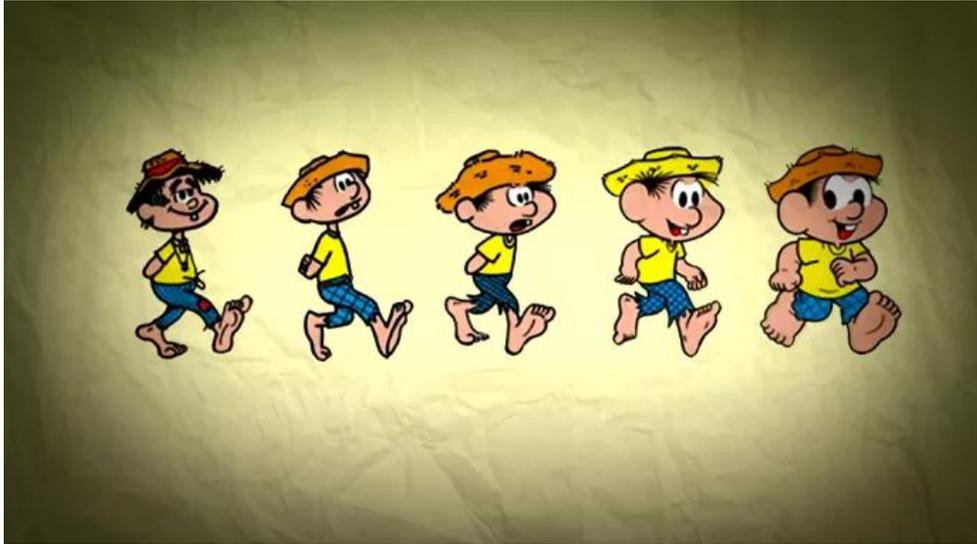


Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição 01, 1982, p. 03.

Na figura 24, retirada da primeira edição das revistas em quadrinhos do Chico Bento, Maurício de Sousa conversa com Chico Bento sobre o lançamento da nova revista em quadrinhos do personagem “Oi, Chico! Chamei você aqui pra falar de uma coisa muito importante pra nós dois!” “Agora vamos ter uma revista só pra falar de coisas da terra, da roça, de meninos como você! E, em sua homenagem, a revista vai se chamar...”.

Segundo Bento (2009), o personagem Chico Bento passou por inúmeras transformações estéticas e comportamentais até chegar às revistas em quadrinhos. Ao analisarmos a figura 25, notamos uma diferença estética relevante do personagem nas tiras do jornal e nas revistas em quadrinhos.

FIGURA 24 – TRANSFORMAÇÃO DO PERSONAGEM CHICO BENTO, DE MAURÍCIO DE SOUSA.



Fonte: imagem retirada do endereço eletrônico <<https://medium.com/revista-bravo/chico-bento-certinho-n%C3%A3o-funcionaria-2350e0521f96>>.

A imagem acima, retirada de um website que postou uma entrevista de 2017 com o cartunista Maurício de Sousa, ilustra claramente essas mudanças. O Chico Bento antigo era mais esguio, magro, tinha feições mais adultas e possuía adereços como cordões religiosos e galhos de arruda atrás das orelhas. Em contrapartida, o Chico Bento mais novo caracteriza-se por traços mais arredondados, é mais rechonchudo e possui traços mais infantis.

No tocante às mudanças ocorridas com o personagem ao longo do tempo, além da estética, cabe destacarmos que o público-alvo do personagem também mudou. Inicialmente, as tiras eram produzidas para os jornais e voltadas à audiência adulta. Nas revistas em quadrinhos, o público-alvo são as crianças. Como consequência, as questões abordadas nos diálogos também se adequaram ao público-alvo.

No que diz respeito aos temas tratados nas revistas em quadrinhos da Turma do Chico Bento, notamos que as histórias, de modo geral, retratam a vida cotidiana do personagem principal Chico Bento, morador da cidade fictícia de Vila Abobrinha, interior de São Paulo. O menino usa roupas simples, chapéu de palha e está quase sempre descalço – o personagem apareceu calçado em poucas ocasiões, em sua maioria relacionada a festas no vilarejo ou eventos religiosos. O personagem tem, aproximadamente, 7 anos de idade e, embora não goste de estudar, vai à escola todos os dias.

De modo geral, Chico Bento acorda cedo, vai à escola, auxilia o pai no serviço da roça e brinca com os seus amigos, Zé Lelé, Zé da Roça, Hiroshi e com a sua namorada, Rosinha. O personagem é, por vezes, preguiçoso e mentiroso, e adora roubar goiabas de Nhô Lau. Apesar disso, é um menino bondoso, defensor dos animais e da natureza.

Outro traço que se destaca, não somente neste personagem, mas em vários outros das histórias em quadrinhos da Turma do Chico Bento, é a representação linguística do dialeto caipira.

A fala dos personagens rurais apresenta diversas características associadas ao estereótipo da fala caipira. Nas revistas em quadrinhos, em especial da Turma Criança, é recorrente observamos o apagamento de consoantes finais (casos de infinitivos verbais falar > falá), vocalização da lateral palatal /ʎ/ (mulher > muié), prótese de /a/ em palavras iniciadas com consoantes (alembra), ditongação (nós > nós), assimilação do /d/ na sequência /nd/ (falando > falanu) e de /b/ na sequência /mb/ (também > tamém), metátese do /r/ (porque > praque), rotacismo (volta > vorta) (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 56-82).

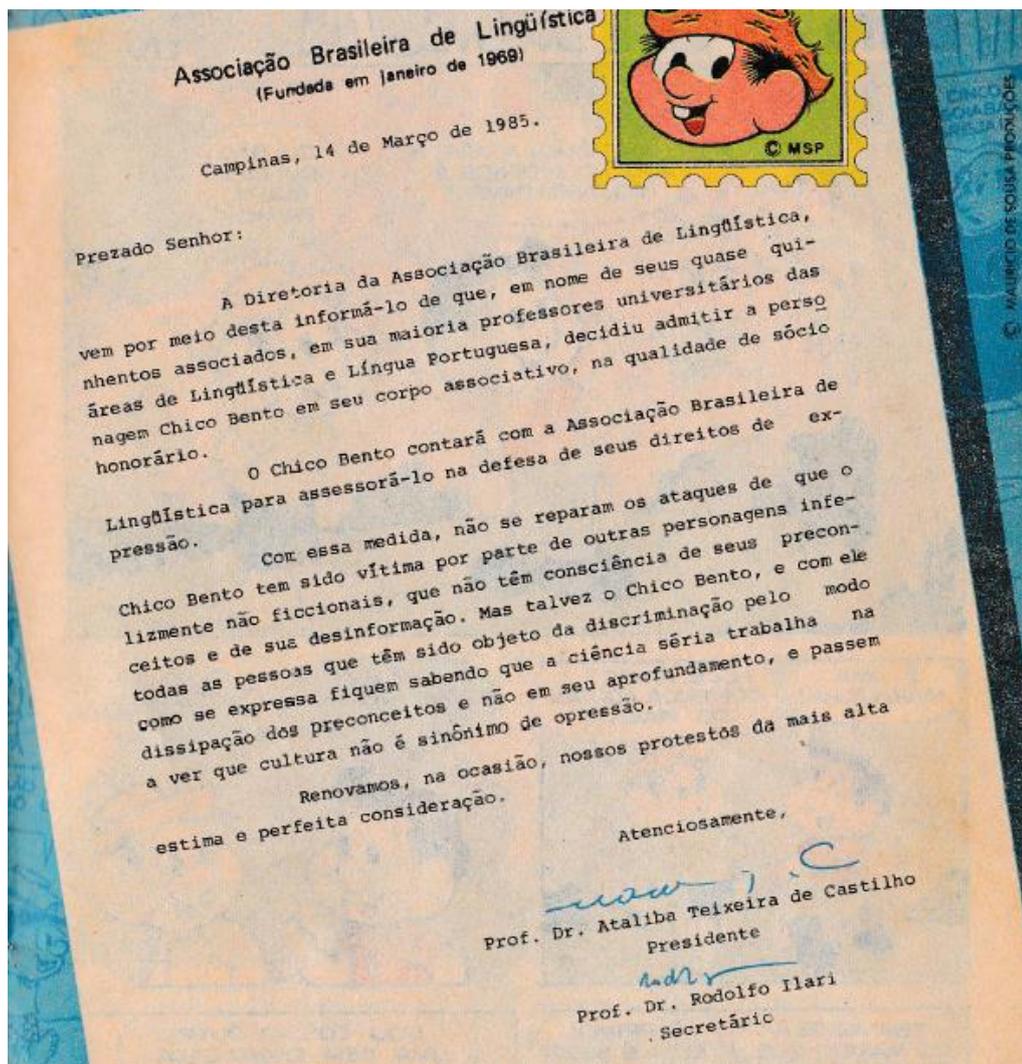
Exceto a ditongação, as demais características linguísticas apontadas são fatores de estigma social. Nos anos 1980, houve uma polêmica relacionada ao modo de falar do personagem Chico Bento. Na época, chegou a ser exigido ao criador da turma do Chico Bento a mudança no falar dos personagens, pois isso poderia influenciar negativamente as crianças que liam as obras.

Em defesa do uso linguístico de Chico Bento, por meio de uma carta (figura 27) assinada pelo professor Ataliba T. de Castilho, à época presidente da Associação Brasileira de Linguística (Abralin), e pelo professor Rodolfo Ilari, secretário da instituição, a Abralin defendeu o direito de expressão do menino fictício e o admitiu como sócio honorário da Associação.

Essa atitude se justificou, pois o objeto dessa discriminação linguística não atingia apenas o personagem Chico Bento, mas, sim, todas as pessoas do interior que se sentiam representadas pelo personagem, ou, ainda, pelos falantes de outras variedades linguísticas brasileiras. Vejamos um trecho desta carta:

Com essa medida, não se reparam os ataques de que o Chico Bento tem sido vítima por parte de outras personagens infelizmente não ficcionais, que não têm consciência de seus preconceitos e de sua desinformação. Mas talvez o Chico Bento, e com ele todas as pessoas que têm sido objeto de discriminação pelo modo como se expressa fiquem sabendo que a ciência séria trabalha na dissipação dos preconceitos e não em seu aprofundamento, e passem a ver que cultura não é sinônimo de opressão (Revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição 82, 1985, p. 23).

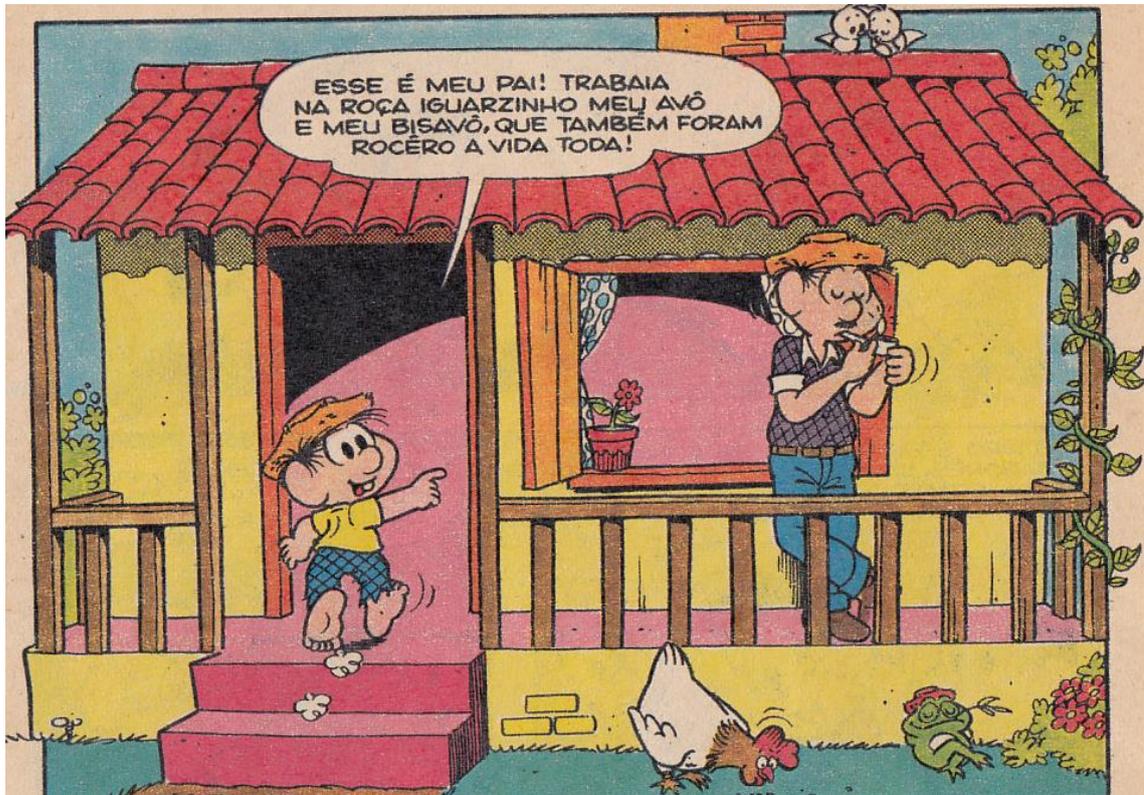
FIGURA 25 – CARTA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA À EDITORA ABRIL.



Fonte: Revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição 82, 1985, p. 23.

Juntamente com a revista, surgiu a turma da roça, personagens coadjuvantes que contracenam com o Chico Bento e constroem os diálogos.

FIGURA 26: PERSONAGEM CHICO BENTO APRESENTANDO O SEU PAI, TONICO, AOS LEITORES.



Fonte: Revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição 01, 1982, p. 05.

A figura 27 foi retirada da primeira edição da revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, publicada em 1982. Nela, vemos o personagem principal, Chico Bento, apresentando aos leitores o seu pai, Nhô Bento, chamado pela esposa de Tônico. É um personagem que trabalha duramente na roça para sustentar sua família. Ele é o responsável por toda a lida no campo e no trato dos animais.

Tônico se preocupa com os estudos do seu filho, pois lhe deseja uma vida melhor e acredita que essa mudança só ocorrerá através do estudo. Por diversas vezes, demonstra a Chico Bento como a vida no campo pode ser difícil e, apesar da pouca instrução, está sempre ajudando a criança com seus deveres de casa.

FIGURA 27 – PERSONAGEM CHICO BENTO APRESENTANDO A SUA MÃE, COTINHA, AOS LEITORES.



Fonte: Revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição 01, 1982, p. 05.

Na figura 28, Chico Bento está apresentando aos leitores sua mãe, Dona Cotinha. A personagem é responsável por cuidar da casa, do filho e, também, de alguns serviços do sítio. Caracteriza-se como uma mulher muito carinhosa com a família e é bastante exigente com o filho e suas responsabilidades com a escola.

FIGURA 28 – PERSONAGEM CHICO BENTO APRESENTANDO O SEU PRIMO, ZÉ LELE, AOS LEITORES.



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição 01, 1982, p. 06.

Outro personagem recorrente nessas histórias em quadrinhos é Zé Lele, primo e melhor amigo de Chico Bento. Apesar do parentesco, não há qualquer semelhança física entre os dois personagens (fig. 29). Zé Lele é um personagem muito simples e ingênuo, e se caracteriza como um elemento importante na construção do humor nas histórias, pois sua pouca inteligência e inocência irritam os demais personagens e provocam, frequentemente, situações cômicas.

A figura a seguir mostra outros dois amigos de Chico Bento, Zé da Roça e Hiroshi. Conforme mencionamos anteriormente, esses dois personagens eram principais nas tiras publicadas na década de 1960 e, posteriormente, se tornaram personagens secundários nas revistas em quadrinhos da Turma do Chico Bento.

O personagem Hiro é um nissei, ou seja, filho de japoneses e, por esse motivo, mantém fortes relações com os costumes e com a cultura japonesa (como utilizar o hashi para comer, retirar os sapatos para entrar em casa etc.). Além disso, não se veste da mesma maneira que os outros personagens e é o menos brincalhão de todos. O personagem Zé da Roça é amigo de todos e se caracteriza por ser mais sério e maduro do que as outras crianças. Constantemente, o menino dá conselhos da sabedoria popular às outras crianças.

Diferentemente dos outros personagens (Chico Bento, Zé Lelé, Tônico, Cotinha e Rosinha), a linguagem desses dois personagens é bastante próxima da variedade padrão do português brasileiro. No que diz respeito às características linguísticas do nissei, pressupomos que, por se tratar de uma família que não é do interior, apresenta uma linguagem mais próxima ao padrão dos grandes centros urbanos. No entanto, ao investigarmos o personagem Zé da Roça, percebemos que, embora utilize o mesmo tipo de roupa que os demais personagens da roça, o menino se diferencia e apresenta uma linguagem bastante próxima à variedade padrão e completamente distinta da usada por seus amigos. Insta destacar que, na Turma Jovem, Zé da Roça cursa uma licenciatura quando ingressa na universidade.

FIGURA 29 – PERSONAGEM CHICO BENTO APRESENTANDO OS SEUS AMIGOS, ZÉ DA ROÇA E HIROSHI, AOS LEITORES.



Fonte: Revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição 01, 1982, p. 06.

Outros personagens que são recorrentes nas histórias em quadrinhos da Turma do Chico Bento e apresentam em sua fala características próximas à variedade padrão do português brasileiro são a prof.^a Maricota e o Padre, personagens que têm forte influência social na comunidade de Vila Abobrinha.

Enquanto as revistas da Turma Criança contam histórias atemporais das aventuras do Chico Bento e da turma da roça, os gibis da Turma Jovem trazem ao leitor personagens mais maduros, preocupados com o futuro e que, nessa ocasião, vivem em centros urbanos e frequentam a universidade. Os personagens Zé Lelé, primo Zeca, Rosinha, Hiroshi e Zé da Roça não são mais tão recorrentes.

Chico Bento sai do interior para cursar engenharia agrícola e seu primo Zeca o ajuda a se instalar na cidade de Nova Esperança e a achar sua primeira república. Hiro e Zé da Roça vão cursar engenharia civil e pedagogia, respectivamente, na cidade de Presidente Fonseca. Rosinha é aluna de Medicina Veterinária em Campos Verdes.

Neste novo cenário, conta-se a história dos personagens mais maduros, alguns permanecem recorrentes nos quadrinhos, outros quase não aparecem mais e há os novos personagens, no geral, da universidade.

FIGURA 30 – NOVOS PERSONAGENS DA REPÚBLICA.



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento Moço, edição 02, p. 33, 2013.

Nas figuras 31 e 32, observamos os novos colegas de Chico Bento. Na primeira, aqueles com quem divide a república, Jurandir, Jácomo e Lee e, na segunda, seus colegas de curso, Francis, Ferrugem, Bombeta e Zé da Rússia.

Salientamos que, nesses gibis, há a presença de estrangeiros, como a jovem *Violette*, cujo apelido é Francis, por ser Francesa; *Dimitry*, apelidado de Zé da Rússia pelos amigos e; a namorada americana de Genésio, filha do coronel, *Anna Rumble*. Na narrativa, os dois primeiros personagens do exterior têm aulas de português brasileiro com Chico Bento, fato bastante curioso, pois, quando criança, Chico apresentava dificuldades expressivas nas aulas de português.

FIGURA 31 – NOVOS PERSONAGENS, COLEGAS DA UNIVERSIDADE DO CHICO BENTO.



Fonte: revista da Turma do Chico Bento Moço, edição 05, p. 27, 2013.

FIGURA 32 – PERSONAGENS GENÉSIO E SUA NAMORADA AMERICANA ANNA RUMBLE.



Fonte: revista da Turma do Chico Bento Moço, edição 11, p. 08, 2014.

Quanto à linguagem dos personagens, percebemos uma mudança drástica na fala de todos, com exceção de Zé Lelé. Todas as características descritas anteriormente desaparecem e, em seu lugar, observamos maior aproximação com a variedade padrão do português brasileiro. Além disso, há a inserção das gírias dos novos amigos do Chico Bento. Em inúmeras situações notamos que Chico Bento se sente pressionado pelas diferenças culturais e linguísticas e tem medo de sofrer preconceito por sua identidade.

Na figura 34, Chico Bento acorda de um pesadelo na sua primeira noite na república e, assustado, bate a cabeça na cama de cima da beliche e exclama “Ara... foi só mais um **daqueles sonho, sô!**” (grifos nossos) e continua “Opa! Tenho que tomar cuidado para não falar **ansim...** Digo... **Assim!** Se me ouvem...” (grifos nossos) e, ao andar pela casa, percebe que nenhum dos colegas está acordado, ficando aliviado “Bom, não tem ninguém acordado para ouvir meu caipirês!”.

Na primeira fala, destacamos a ausência de concordância nominal e a expressão regional “sô”. Na segunda, o personagem nasaliza a primeira vogal (ansim > assim), e, na terceira fala, observamos a preocupação do rapaz com as suas marcas linguísticas.

Na figura 35, um personagem da universidade em que Chico estuda zomba do rapaz e subjuga a sua capacidade de ingressar na faculdade por ser do interior “Muito me admira ele ter passado no vestibular! Lugar de caipira atrasado é na roça! De onde nunca devia ter saído”.

FIGURA 33 – EXEMPLO DE AUTOMONITORAMENTO DA FALA DE CHICO BENTO.



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento Moço, edição 01, 2013, p. 09.

FIGURA 34 – PRECONCEITO CULTURAL DE UM PERSONAGEM DA UNIVERSIDADE PARA COM CHICO BENTO.



Fonte: Turma do Chico Bento Moço, edição 20, p. 07, 2015.

Os únicos personagens que permanecem com as mesmas características linguísticas são os pais do Chico, Cotinha e Tônico, e Zé Lelé, primo de Chico, que não quis fazer faculdade, tendo preferido permanecer em seu sítio para ajudar o seu pai com a terra (figura 36).

FIGURA 35 – ZÉ LELÉ EXPLICA AO CHICO BENTO O PORQUÊ DE NÃO QUERER IR PARA A CIDADE ESTUDAR.



Fonte: Turma do Chico Bento Moço, edição 00, p. 28, 2013.

Passemos, agora, aos procedimentos metodológicos adotados neste estudo.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada para esse estudo segue a orientação da Sociolinguística Variacionista, de W. Labov (2008 [1972]). Por esse motivo, delimitamos, primeiramente, a variável dependente analisada e, em seguida, apresentamos os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que podem favorecer ou desfavorecer o uso de uma variante em detrimento de outra. Por último, comentamos o programa computacional que utilizamos para dar conta dos nossos dados quantitativos.

5.1 VARIÁVEL DEPENDENTE

Para a Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]), há duas ou mais formas linguísticas que se referem a uma mesma coisa, em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade (cf. GUY & ZILLES, 2007, p. 74-79; LABOV, 2008 [1972]); MOLLICA, 2017, p. 11; TARALLO, 1986, p. 05-07). Essas duas ou mais formas correspondem a variantes de um fenômeno em variação e são denominadas variável dependente. São chamadas de *dependente* por sua ocorrência não ser aleatória, em outras palavras, seu uso sofre influência de fatores, que podem ser de ordem social, linguística ou estilística.

Segundo pontuamos no capítulo 3, nosso estudo investiga dois fenômenos linguísticos diferentes, porém, relacionados: 1) a variação da primeira pessoa do plural e; 2) a concordância verbal da primeira pessoa do plural²².

5.2 VARIÁVEIS INDEPENDENTES

As variáveis *independentes* são os grupos de fatores que condicionam a variável *dependente*, isto é, exercem pressão sobre os usos e podem motivar ou restringir a

²² Esses fenômenos linguísticos foram apresentados e exemplificados com maiores detalhes anteriormente (Cf. Capítulo 3).

ocorrência de variantes linguísticas. É com base em estudos anteriores que selecionamos os nossos grupos de fatores.

Com o intuito de compreender as motivações linguísticas que podem atuar na variação e mudança linguística dos dois fenômenos linguísticos analisados, controlamos em nossos dados os seguintes grupos de fatores: a década da revista, o locutor (personagem que fala), o interlocutor (personagem com quem se fala), o local de fala, o sexo, a faixa etária, a função sintática, a referencialidade do sujeito, o preenchimento do sujeito, os personagens (divididos em grupos sociais) e a saliência fônica + tempo verbal.

O quadro a seguir descreve a relação entre variável dependente e variáveis independentes:

QUADRO 4 – QUADRO SINÓPTICO DE VARIÁVEIS CONTROLADAS NESTE ESTUDO.

FENÔMENO INVESTIGADO		GRUPOS DE FATORES ANALISADOS
1.	A primeira pessoa do plural (somente em função de sujeito)	a) Década de publicação do gibi b) Locutor c) Interlocutor d) Sexo e) Faixa etária f) Local de fala g) Referencialidade h) Preenchimento do sujeito i) Personagem (individualizado) j) Saliência Fônica + Tempo Verbal
2.	A concordância verbal de primeira pessoa do plural	a) Década de publicação do gibi b) Locutor c) Interlocutor d) Sexo e) Faixa etária f) Local de fala g) Personagem (individualizado) h) Tempo Verbal + Saliência Fônica

A seguir, explicamos os nossos grupos de fatores e as nossas hipóteses para este estudo.

5.2.1 Variáveis independentes linguísticas

Função sintática

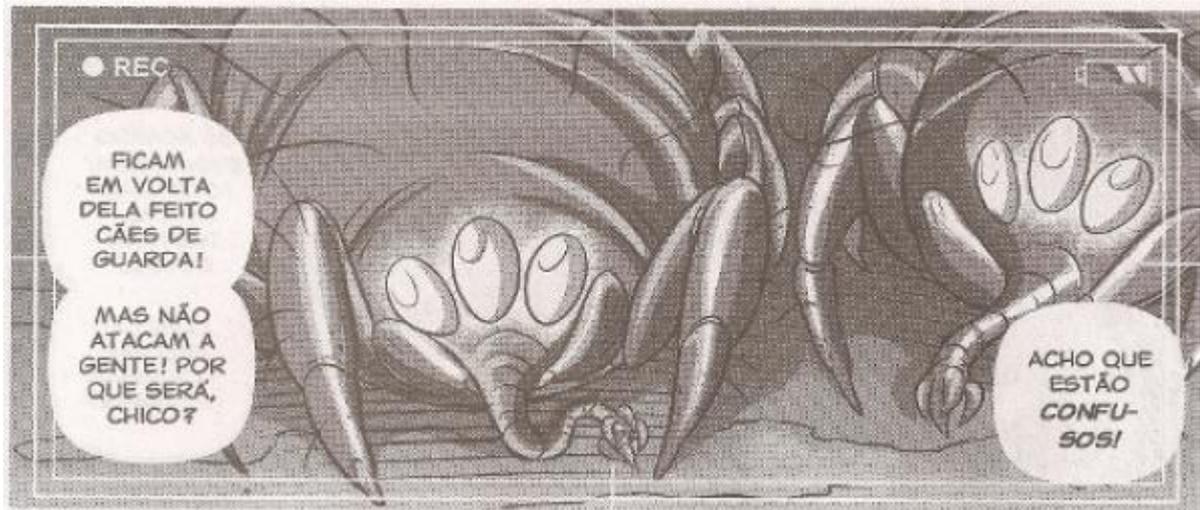
Omena (1996) demonstrou em seu trabalho que a forma pronominal *a gente* é favorecida em função de adjunto adverbial. Conforme mencionado anteriormente (Cf. Capítulo 3), ao analisar a distribuição de emprego desse pronome em seus dados, a pesquisadora constatou que *a gente*, na função de adjunto adverbial, tem percentual de uso de 100% pelas crianças e de 77% pelos adultos (OMENA, 1996, p.191).

O estudo de Mendonça (2010) apresentou resultados semelhantes aos obtidos por Omena, já que, nos dados de Vitória, o autor encontrou favorecimento no uso de *a gente* nas funções de objeto direto (peso relativo de 0,88 e percentual de uso de 95,7%) e de objeto indireto (peso relativo de 0,76 e percentual de uso de 86%) (MENDONÇA, 2010, p. 83).

Tendo em vista esses resultados, controlamos em nossos dados a função sintática desempenhada pelo pronome. Nesse sentido, observamos as seguintes funções: sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial, adjunto adnominal e complemento nominal. Em todas é possível observarmos casos em que, ora o pronome padrão é usado, ora é empregada a forma emergente²³.

²³ Não apresentamos exemplos dos pronomes *nós* e *a gente* em função de sujeito nesta seção, pois já o fizemos anteriormente (Cf. Capítulo 3).

FIGURA 36 – PRONOME A GENTE EM FUNÇÃO DE OBJETO DIRETO



Fonte: revista em quadrinhos Turma do Chico Bento Moço, edição n.º 24, p.80.

FIGURA 37 – PRONOME NÓS EM FUNÇÃO DE OBJETO DIRETO



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição n.º 01, 1987, p.07

Na figura 37, a personagem *Violette/Francis* conversa com Chico Bento sobre os animais mutantes dos quais os adolescentes estão fugindo. No primeiro balão de fala há o emprego de *a gente* em função de objeto direto “Ficam em volta dela feito cães de guarda! Mas não atacam **a gente**, por que será, Chico?” (grifo nosso). Já na figura 38, Chico Bento e Zé Lelé conversam sobre o perigo de serem pegos pescando nas terras de Nhô Lau. No primeiro balão de fala, observamos o emprego de *nós* em função de objeto direto, quando o primo fala para Chico Bento “Ai! Si o coroné pega **nois** pescando aqui...” (grifos nossos).

FIGURA 38 – EXEMPLO DE A GENTE EM FUNÇÃO DE COMPLEMENTO PREPOSICIONADO



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição n.º 46, 1998, p. 13.

FIGURA 39 – EXEMPLO DE NÓS EM FUNÇÃO DE COMPLEMENTO PREPOSICIONADO



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição n.º 92, 1986, p. 28.

Na figura 39, observamos o uso de *nóis* em função de complemento preposicionado, durante o diálogo entre Cotinha, mãe de Chico Bento e a mãe de Rosinha (“Bão! Vô fazê um café pra **gente!**”, grifo nosso). Já na figura 40, Chico Bento utiliza o pronome tradicional *nós* na mesma função sintática mencionada (“A gente si mata pra fazê as coisa pra **nóis** [...]” (grifo nosso)).

FIGURA 40 – EXEMPLO DE ADJUNTO ADNOMINAL COM O PRONOME A GENTE.



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição n.º 100, 1990, p. 31.

FIGURA 41 – EXEMPLO DE ADJUNTO ADNOMINAL COM O PRONOME NÓS.



Fonte: revista em quadrinho da Turma do Chico Bento, edição n.º 447, 2005, p.25.

Na figura 41, Zeca, morador da zona urbana e primo de Chico Bento, conversa com o primo e, no primeiro balão de fala, usa o pronome a *gente* em função de adjunto adnominal (“Em volta **da gente** só tem mato!”, grifo nosso). Na figura 42, Chico Bento reclama com o seu cão, Fido, sobre a surra que levaram de um pequeno animal e, no primeiro quadro, há a ocorrência de *nós* em função de adjunto adnominal.

FIGURA 42 – EMPREGO DE *A GENTE* EM FUNÇÃO DE AJUNTO ADVERBIAL

Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição n.º 441, 2004, p. 64.

FIGURA 43 – OCORRÊNCIA DE *NÓS* EM FUNÇÃO DE AJUNTO ADVERBIAL

Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição n.º 134, 1992, p.28.

Na figura 43, Cotinha, mãe de Chico Bento, conversa com o seu filho. Em seu balão de fala, a personagem utiliza *a gente* em função de adjunto adverbial (“E isso, si a sua muié num quisé mora cá **gente**”, grifo nosso). A variação entre os pronomes de primeira pessoa do plural nessa função pode ser visualizada, ainda, na figura 44. Na imagem, no segundo quadro, Chico Bento emprega o pronome tradicional *nós* como adjunto adverbial (“Ingraçado... num sabia qui ocê falava qui nem **nóis**, da roça!” - grifo nosso).

Em nossa amostra também encontramos o emprego das duas variantes na função de complemento nominal. Na figura abaixo (45), Chico Bento conversa com o cavalo do Coronel Agripino e, no segundo balão de fala, há *a gente* como complemento nominal

(“O coronel Agripino foi muito legal com a **gente**”, grifo nosso). Na figura 46, um personagem masculino narra a história de um lobisomem a Chico Bento e há o emprego de *nós* na função de complemento nominal (“[...] iguarzinho a quarqué um di **nóis!**”, grifo nosso).

FIGURA 44 – EMPREGO DE A GENTE NA FUNÇÃO DE COMPLEMENTO NOMINAL.



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento Moço, edição n.º 23, 2015, p.08.

FIGURA 45 – EXEMPLO DE NÓS COMO COMPLEMENTO NOMINAL.



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição n.º 202, 1994, p.24.

À vista dessas informações, temos por hipótese que, assim como as pesquisas anteriores à nossa (Cf. MENDONÇA, 2010; OMENA 1996), a entrada da forma emergente se dará em funções de não sujeito.

Tempo Verbal + Saliência Fônica

Segundo Chaves (2014), a ideia de saliência foi proposta nos estudos de Naro e Lemle (1976), que buscaram correlacionar a variação da concordância verbal da terceira pessoa do plural e a classe econômica de três informantes cariocas. A hipótese inicial dos pesquisadores foi a de que, nas classes média e alta, a concordância seria categórica e, nas classes mais baixas, seria variável.

Observando seus resultados, os pesquisadores perceberam a existência de uma variável que atuava nas variantes analisadas, denominando-a *princípio da saliência*. Naro e Lemle (1976) notaram que a expressão da concordância verbal foi mais recorrente quando a diferença do material fônico entre os pares singular/plural era maior (CHAVES, 2014).

Naro, Gorski e Fernandes (1999), baseados na proposta de Naro & Lemle (1977), elaboraram uma hierarquia da saliência fônica de cinco níveis para a primeira pessoa do plural (desinência verbal *-mos* e \emptyset) em função da tonicidade dos pares:

QUADRO 5 – ESCALA HIERÁRQUICA DA SALIÊNCIA.

EXEMPLO	DESCRIÇÃO
1 <i>falava/falávamos</i>	A oposição -v / -v-mos não é tônica.
2 <i>fala/falamos</i> <i>troux/trouxemos</i>	A oposição -v / -v-mos é tônica em uma das formas
3 <i>está/estamos</i> <i>tem/temos</i>	A oposição -v / -v-mos é tônica em ambas formas
4 <i>comeu/comemos</i> <i>partiu/partimos</i> <i>vai/vamos</i> <i>foi/fomos</i>	A oposição -v / -v-mos é tônica em ambas formas, e a 3.ª sg apresenta um ditongo com <i>upglide</i> que não aparece no plural.
5 <i>falou/falamos</i> <i>é/somos</i>	A oposição -v / -v-mos é tônica em ambas formas e a vogal tônica muda.

Fonte: Naro, Gorski & Fernandes (1999, p. 203. Tabela adaptada).

A característica básica do Princípio da Saliência Fônica é a tonicidade da vogal temática. O nível 1, o mais baixo na escala, consiste em formas como *falava/falávamos*, em que a vogal temática é tônica na forma singular (3ª pessoa do singular) e na plural (1ª pessoa do plural). Todas as formas nesse nível são do pretérito imperfeito. No nível 2, a vogal é tônica apenas na forma com *-mos fala/falamos*. Nesse nível, a maioria das formas verbais é do presente, bem como certas formas do pretérito. Os demais níveis apresentam oposição tônica em ambas as formas verbais e o seu ordenamento se dá através da diferença de material fônico entre as formas verbais (NARO, GORSKI & FERNANDES, 1999, p. 203).

Os autores analisaram as gravações de 64 entrevistas de informantes cariocas de nível socioeconômico baixo, organizados por idade (6-12, 13-20, 21-40, +41 anos), por seu sexo e escolarização. Os resultados mostraram que verbos mais salientes favoreceram a presença do paradigma verbal *-mos*.

Os pesquisadores concluíram que, até aquele momento, não havia mudança na gramática em si, mas o fator determinante no uso da desinência verbal da primeira pessoa do plural *-mos* mudou da saliência fônica para o tempo verbal – para os verbos que possuem a mesma forma para o pretérito e para o presente – com o passar das gerações. Por fim, levantam a hipótese de que no futuro, possivelmente, a desinência *-mos* se tornará marcador de pretérito no português brasileiro e a desinência $-\emptyset$ [zero] marcará o não pretérito (NARO, GORSKI & FERNANDES, 1999, p. 209).

Por seu turno, Naro, Scherre & Yacovenco (2018) analisaram três construções com a primeira pessoa do plural (nós + *-mos*; nós + $-\emptyset$ [zero] e; a gente + $-\emptyset$ [zero]), a partir de quatro amostras do português brasileiro: Santa Leopoldina/ES (área rural); Vitória/ES (área urbana); Baixada Cuiabana/MT e Goiás.

Para a codificação da variável saliência fônica, os pesquisadores propuseram uma escala remodelada a partir de Naro & Scherre (2016), denominada **escala da proeminência**:

- 1) imperfeito - casos em que não há ambiguidade temporal com presente e com pretérito perfeito, todos de oposição menos saliente [-Amb, -Sali];
- 2a) presente igual ao pretérito - presente com possibilidade de ambiguidade temporal [+Amb], com predominância de formas de oposição menos saliente [-Sali] e alguns casos de oposição mais saliente [+Sali];

- 2b) presente diferente do pretérito, sem possibilidade de ambiguidade temporal e com oposição menos saliente [-Amb, -Sali];
 2c) presente diferente do pretérito, sem possibilidade de ambiguidade temporal e com oposição mais saliente [-Amb, +Sali];
 3) pretérito perfeito, com ambiguidade temporal e oposição mais saliente [+Amb,+Sali], sem ambiguidade temporal com oposição mais saliente [+Amb, +Sali] e com ambiguidade (SCHERRE, NARO & YACOVENCO, 2018, p. 436-437):

Posto isso, os resultados de Scherre, Naro & Yacovenco (2018) mostraram que a forma *nós* sem *-mos* tende a ocorrer em oposições menos salientes e *nós* com *-mos* em oposições mais salientes (NARO, SCHERRE, YACOVENCO, 2018, p. 443).

Para a codificação da variável saliência fônica, nos baseamos na escala da proeminência proposta por Scherre, Naro & Yacovenco (2018). Os demais tempos verbais que encontramos em nossa amostra também foram controlados, no entanto, como um único grupo.

Portanto, considerados os resultados de trabalhos anteriores (FOEGER, 2014; NARO, GORSKI & FERNANDES, 1999; SCHERRE, NARO & YACOVENCO, 2018), esperamos que, em nosso estudo, *a gente* seja favorecido por variáveis com menores diferenças fonológicas entre as formas verbais de primeira pessoa do plural e terceira pessoa do singular.

Referencialidade

A variável *referencialidade* do pronome *nós* e *a gente* se refere ao traço semântico da forma. De acordo com Omena (2003) e Lopes (2003), o que desencadeou a variação entre esses dois pronomes foi o acréscimo do traço de primeira pessoa do plural ao sintagma nominal *a gente*, que transitou de substantivo coletivo a pronome. Atualmente, apesar de ser empregado como pronome pessoal, o sintagma nominal ainda mantém parte do seu traço indeterminado e genérico.

Após a leitura dos estudos já realizados acerca do fenômeno em foco, percebemos, no entanto, que há algumas divergências em relação aos resultados do fator

referencialidade. Por esse motivo, controlamos em nossos dados esse grupo de fatores.

Omena (1996, p. 204) constatou em seus dados que *a gente* foi favorecido em contextos mais genéricos (peso relativo 0,72) e desfavorecido em contextos mais específicos (peso relativo 0,28). Ao comparar o desempenho de 32 falantes da Amostra de 1980 (Cf. Omena, 1996) e da Amostra 2000, Omena (2003) obteve os seguintes resultados:

QUADRO 6 – USO DE *A GENTE* VS. *NÓS* SEGUNDO O TRAÇO SEMÂNTICO DE [+/- DETERMINADO] DO REFERENTE.

Traço Semântico	Amostra 80 (C)		Amostra 00 (C)	
	Frequência	PR	Frequência	PR
Indeterminado	694/820 = 85%	.54	482/610 = 79%	(.43)
Determinado	296/444 = 67%	.44	286/358 = 80%	(.61)

Fonte: Tabela adaptada de Omena (2003, p. 68)

Em termos percentuais, observamos que houve um aumento no uso de *a gente* com traço semântico [+determinado]. Nos anos 80, o seu percentual de uso foi de 67% e, nos anos 2000, aumentou para 80%²⁴.

Seara (2000) também investigou essa variável em seus dados. A autora constatou que a forma emergente foi favorecida com peso relativo de 0,68 em contextos [-específicos] (complementarmente, desfavorecida em 0,32 quando a referência foi [+específica]).

Similarmente, Lopes (2003) verificou que, apesar do uso de *nós* [+específico] ser maior quando comparado ao *a gente*, isto é, *nós* é preferido em referência mais específica, houve um aumento de uso de *a gente* [+específico] com o decorrer do tempo (década de 70: 24%; Recontato 90: 35% e; década de 90: 59%).

²⁴ De acordo com Omena (2003), os resultados da Amostra 2000, embora indiquem preferência pela forma *a gente*, não são confiáveis estatisticamente, pois esse grupo de fatores não foi selecionado em sua amostra. Os resultados do peso relativo dentro dos parênteses indicam que a relação entre o grupo de fatores e as variantes pode ser aleatória (OMENA, 2003, p.68).

Os resultados obtidos por Mendonça (2010), contudo, mostraram-se diferentes. O autor verificou que, quando a referência era determinada, ou seja, quando o falante se referia a si próprio, *a gente* foi favorecido com 0,70 de peso relativo, com porcentagem de uso de 81%. Já a referência genérica apresentou equilíbrio entre as duas formas, com favorecimento de 0,54 para *a gente* e, complementarmente, 0,46 de *nós* (p.79).

Para Lopes (2003) e Omena (2003), conforme *a gente* vai se estabilizando entre os falantes, tende a substituir ainda mais a forma antiga, ou seja, passa a ser empregado com mais frequência em ambientes cujo contexto era ocupado por outra forma, no caso, de referência mais determinada.

Tomamos, por base, o controle do grau de determinação do referente sujeito, proposto por Rubio (2012, p. 167):

1. *referência genérica e indefinida*: quando o pronome remete a uma categoria generalizada e indeterminada de indivíduos, geralmente com referência a pessoas ou a grupos
2. *referência genérica e definida*: quando o pronome remete a uma categoria generalizada, mas determinada de indivíduos. Nesse contexto, fica claro que o falante tem consciência de determinado grupo de indivíduos, no qual ele próprio está incluso, por exemplo, as pessoas do trabalho, do futebol, da família, do bairro
3. *referência específica e definida*: quando o pronome remete a uma categoria específica e determinada de indivíduos, em que o falante se inclui junto a outro referente também específico. A recuperação do referente é feita com exatidão no contexto evidenciado em períodos posteriores ou anteriores (RUBIO, 2012, p. 167)

Contudo, em decorrência da pouca quantidade de dados genéricos que encontramos em nossa amostra, optamos por amalgamar os itens (1) e (2). Dessa maneira, dispusemos de duas categorias: genérico (definido + indefinido) e específico. A figura 47 ilustra um caso de *a gente* com referência genérica (“Dispois, lá na minha terra, **a gente** num cobra pela hospitalidade”, grifo nosso). Julgamos essa ocorrência assim porque o personagem se refere aos indivíduos moradores de Vila Abobrinha.

FIGURA 46 – EXEMPLO DE A GENTE COM REFERÊNCIA GENÉRICA.



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição n.º 173, 1993, p. 07.

FIGURA 47 – EMPREGO DE A GENTE COM REFERÊNCIA ESPECÍFICA.



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição n.º 51, 1984, p. 26.

A figura 48 apresenta um exemplo de *a gente* específico pelo personagem primo Zeca, morador da cidade que está visitando o Chico no interior (“Chico, acho melhor **a gente** remar pra outro lugar!”, grifo nosso). Podemos observar que a referência é mais determinada, já que *a gente* se refere, especificamente, aos dois meninos da imagem.

Na figura 49 temos um exemplo de *nós* genérico utilizado por Chico Bento: “**Nóis** num pode tirá as criação di Deus do lugar delas!” (grifo nosso). Ao manifestar este *nós*, o menino faz referência aos seres humanos, no geral, e não a um grupo determinado de seres humanos.

FIGURA 48 – USO DE NÓS COM REFERÊNCIA GENÉRICA



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição 02, p.41, 2007.

A partir dessas reflexões, temos por hipótese que o aparecimento de *a gente* será motivado quando o pronome se encontrar em referência [+genérica] e desfavorecido em [+específico].

Preenchimento do sujeito

O preenchimento do sujeito caracteriza-se pela ausência ou presença da forma pronominal da primeira pessoa do plural (*nós* vs. *a gente*) em função de sujeito na oração. Vejamos de que modo essa variável ocorre em nossa amostra:

FIGURA 49 – EXEMPLO DE A GENTE PREENCHIDO E NÃO PREENCHIDO.



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição 05, 1987, p.28

Na figura 50, Rosinha explica a Chico Bento, seu namorado, sobre bons modos. No primeiro balão de fala, há a ocorrência de *a gente* preenchido e não preenchido. Num primeiro momento, a personagem fala com o menino “Quando **a gente** boceja [...]” (grifo nosso), aqui, verificamos a presença do pronome de primeira pessoa do plural. Esses dados foram considerados como *a gente preenchido*. Em seguida, a menina continua “[...] é di boa inducação **botá** a mão ansim...” (grifo nosso), concebemos o verbo em destaque como *a gente não preenchido*, pois, o pronome que o precede é ausente e a primeira ocorrência próxima é de *a gente*.

Assumimos como critério de definição para os casos de *a gente não preenchido*, ocorrências que apresentavam *a gente* explícito anteriormente, como exemplificado na figura 50. Vale observar que é difícil dizer se a primeira forma de terceira pessoa sem preenchimento é, com precisão, caso de *a gente*, pois as formas conjugadas na terceira pessoa do singular podem apresentar ambiguidade com outras pessoas do discurso (*a gente dorme/você dorme/ele dorme*) ou com a 1ª do plural, sem concordância marcada (*nós dorme*) e somente o contexto permitiria precisar qual é o sujeito.

Na figura 51, Chico Bento conversa com Zé Lelé sobre o salvamento de um índio. No primeiro balão de fala, ocorre o *nós explícito* em “I **nóis** nem tentamo ajuda ele!” (grifo nosso). Ocorrências cuja construção era *nós* + -Ø [zero] também foram analisadas como ocorrência de *nós preenchido*. Na figura 52, Zé Lelé fala “Ara! **Nóis tava** pescando uns lambari [...]” (grifos nossos), apesar de não haver o paradigma verbal

de primeira pessoa do plural, existe o preenchimento do sujeito através do próprio pronome.

FIGURA 50 – OCORRÊNCIA DE NÓS PREENCHIDO.



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico, edição 01, 1987, p.11.

FIGURA 51 – EMPREGO DE NÓS EXPLICITO COM VERBO SEM PARADIGMA VERBAL -MOS.



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento Moço, edição 19, p. 43, 2015.

As ocorrências consideradas como *nós implícito* foram aquelas em que havia ausência do pronome na função de sujeito, todavia era possível identificarmos a qual pessoa a fala se referia através da desinência verbal de primeira pessoa do plural -mos. No exemplo da figura 53, Cotinha corre com Tonico para evitar a geada na

plantação e ocorre a construção de *nós* não preenchido em “**Percisamo** acendê os monte di gaio seco...” (grifo nosso).

FIGURA 52 – EMPREGO DE *NÓS* SEM PREENCHIMENTO.



Fonte: revista em quadrinho em quadrinhos da Turma do Chico Moço, edição 08, p. 17, 2014.

Isto posto, a expectativa para este grupo de fatores é que o preenchimento do sujeito favoreça a aparecimento de *a gente*, considerando que a sua concordância se dá com o paradigma verbal de terceira pessoa do singular e isso pode causar ambiguidade na interpretação das pessoas do discurso. Já com *nós*, a desinência verbal *-mos* desfaz essa imprecisão e, por isso, haverá mais formas de *nós implícito*.

5.2.2 Variáveis independentes extralinguísticas

Década de publicação

Menon, Lambach e Landarin (2003) pesquisaram a variação e a mudança da primeira pessoa do plural em 156 revistas em quadrinhos do Pato Donald e a primeira variável selecionada como estatisticamente significativa em seus resultados foi a *data de*

publicação das revistas. O *corpus* da pesquisa era distribuído pelos anos de 1950, 1951, 1952, 1959, 1969, 1989 e 1999 (MENON, LAMBACH & LANDARIN, 2003, p. 98)

As autoras verificaram um aumento expressivo do uso de *a gente* da década de 1950 (03 casos, 1% de uso e peso relativo de 0,10) para a década de 1989 (107 casos, 30% de uso e peso relativo de 0,90). Consequentemente, *nós*, de emprego quase categórico em 1950 (584 casos, 99% de uso e peso relativo de 0,90), tem uma queda significativa em 1989 (254 casos, 70% de uso e peso relativo de 0,10) (MENON, LAMBACH & LANDARIN, 2003, p.101-102).

Uma questão que se sobressai nesse estudo das revistas do Pato Donald é que, durante a década de 1969, há uma ruptura na ascensão de *a gente* (07 casos, 02%) com o seu desfavorecimento em 0,34. De acordo com as pesquisadoras, esse freio pode estar relacionado à necessidade de uma revisão mais acurada da editora, tendo em vista o período de censura prévia e do cerceamento da livre expressão vividos à época (MENON, LAMBACH & LANDARIN, 2003, p.102).

Com base nessas elucidações, julgamos ser essa uma variável relevante para o nosso estudo. Por isso, controlamos a *data de publicação* por décadas:

1. Edições da década de 1980 (Turma Criança);
2. Publicações da década de 1990 (Turma Criança);
3. Publicações da primeira década dos anos 2000 (Turma Criança);
4. Edições da segunda década dos anos 2000 (Turma Jovem).

Esperamos que, com o decorrer dos anos, haverá o uso mais expressivo de *a gente* e seu favorecimento.

Sexo

Outra variável controlada em nossos dados foi o sexo²⁵ dos personagens (masculino e feminino) nas revistas em quadrinhos. De acordo com W. Labov (2001, p. 262.

²⁵ Em virtude de questões sociais, psicológicas e ideológicas, é frequente em pesquisas mais recentes o uso dos termos *sexo/gênero*, no entanto, como tratamos de personagens em quadrinhos, os quais

tradução nossa²⁶), o gênero é um fator diferencial poderoso de estratificação social e de mudança em curso em quase todos os casos que foram estudados. Com base nos resultados de diversas pesquisas, Labov (1990) postula alguns princípios sobre a influência dessa variável:

Princípio I: Para variáveis sociolinguísticas estáveis, os homens usam com mais frequência formas não padronizadas do que as mulheres (Ibidem, p. 2010. Tradução nossa²⁷)

Princípio Ia: Em mudança acima do nível da consciência, as mulheres favorecem a entrada de formas de prestígio mais do que os homens (Ibidem, p. 2013. Tradução nossa²⁸)

Princípio II: Em mudança abaixo do nível da consciência, as mulheres são na maioria das vezes inovadoras (Ibidem, p.215. Tradução nossa²⁹).

A partir desses pressupostos, percebemos que a variável sexo se encontra correlacionada, ainda, ao prestígio social do fenômeno linguístico. Se uma variante não sofre estigma social, ou seja, não há preconceito linguístico, seu uso tenderá a ser favorecido pelas mulheres. Se, por outro lado, se tratar de uma variante que é passível de julgamentos sociais negativos, as mulheres desfavorecerão o seu emprego (LABOV, 2008 [1972], p. 281-282).

Diversos estudos ratificam esses postulados. Os resultados de Seara (2000) mostraram que *a gente* foi favorecido pelas mulheres em 80% dos casos (333/415) com peso relativo de 0,66. Os homens, por sua vez, desfavoreceram o pronome inovador com peso relativo de 0,30 (p. 188). Mendonça (2010) apresentou resultados similares. As mulheres capixabas favoreceram *a gente* com 80,2% das ocorrências e peso relativo de 0,60. Já os homens desfavoreceram o pronome em tela com peso relativo de 0,35 (MENDONÇA, 2010, p.74)

apresentam sexo biológico homem x mulher ou menino x menina definidos, não consideramos essa discussão e o termo *gênero* neste estudo.

²⁶ Texto original: "No one can deny that husbands and wives, brothers and sisters, are involved in intimate communication in everyday life. Yet gender is a powerful differentiating factor in almost every case of stable social stratification and change in progress that has been studied" (LABOV, 2001, p. 262).

²⁷ Texto original: "Principle I: For stable sociolinguistic variables, men use a higher frequency of nonstandard forms than women" (LABOV, 1990, p. 2010).

²⁸ Texto original: "Principle Ia: In change from above, women favor the incoming prestige form more than men" (LABOV, 1990, p. 2013).

²⁹ Texto original: "Principle II: In change from below, women are most often the innovators (LABOV, 1990, p. 2015).

À vista disso, analisamos o sexo em nossa amostra. Para isso, observamos se o pronome – em todas as funções sintáticas – era mencionado por um personagem masculino ou feminino.

FIGURA 53 – OCORRÊNCIAS DE *NÓS* E *A GENTE* POR PERSONAGEM FEMININA.



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição 02, 1982, p. 06.

Na figura 54, uma senhora conversa com Chico Bento e, no primeiro quadro, segundo balão de fala, há a presença do pronome *nós* sem concordância verbal em função de sujeito “Mais é uma viagem qui tudo **nóis** feiz um dia, Chico” (grifo nosso). No segundo quadro, ocorre o pronome *a gente* com concordância verbal e em função de sujeito pela mesma personagem “...! o gozado é qui essa viagem às veiz começa... ô acaba, i **a gente** nem dá pela coisa” (grifo nosso).

Destacamos, ainda, que existe uma diferença quantitativa entre os personagens masculinos e femininos, em especial, nas revistas da Turma Criança. Nesta coletânea, há, basicamente, quatro personagens do gênero feminino: a mãe de Chico Bento (Cotinha), a avó (Vó Dita), a professora (Maricota) e a namorada (Rosinha). Os demais personagens são do gênero masculino. Esse desequilíbrio é desfeito nas revistas da Turma Jovem, pois, durante as histórias, Chico Bento tem, além de personagens da Turma Criança que permanecem recorrentes nos quadrinhos, novas amigas e personagens que frequentam as narrativas.

A partir dessas reflexões, temos por hipótese que, entre os personagens femininos, similarmente ao que acontece na fala real, a frequência de uso da forma não canônica será maior do que o pronome *nós*.

Faixa etária

Foeger (2014), com base em Naro (2003), apresenta dois posicionamentos científicos sobre a mudança na linguagem de um indivíduo no decorrer dos anos. Segundo esses autores, tem-se a hipótese clássica segundo a qual o processo de aquisição da linguagem se encerra, aproximadamente, no começo da adolescência e, a partir daí, a fala do indivíduo se torna estável, não sofrendo mais mudanças expressivas. A outra possibilidade sugere que o indivíduo muda, mas o sistema da comunidade não. Assim, falantes que hoje têm 50 anos de idade teriam o sistema linguístico da época em que tinham 15 anos, isto é, a fala de hoje, anos 2020, desses falantes corresponde à fala de 35 anos atrás, ou seja, à fala de 1985.

Para o nosso estudo, adotamos a concepção de que o sistema linguístico do indivíduo se torna estável durante a puberdade e, com isso, não está passível de mudanças expressivas na linguagem. Dessa maneira, o sistema linguístico dos falantes mais jovens representaria o sistema linguístico do presente, ao passo que o sistema linguístico de indivíduos mais velhos refletiria a fala passada.

Ademais, a variável faixa etária dos indivíduos nos possibilita um estudo em *tempo aparente*, uma vez que podemos comparar a evolução de usos dos pronomes de primeira pessoa do plural no português brasileiro entre os mais jovens e os mais velhos. Caso não haja diferenças quantitativas significativas no uso de uma variante entre a fala dos mais jovens e a dos mais velhos, podemos estar diante de uma variação estável. Todavia, se houver diferença quantitativa relevante na fala dos mais jovens, poderemos considerar esse fato como um indicativo de uma mudança em curso.

É pertinente discutirmos duas questões sobre o modo de análise dessa variável na nossa amostra. A primeira refere-se aos critérios adotados para a definição da faixa etária. Haja vista que não foi possível precisar as idades dos personagens, pois essas informações não foram reveladas ao longo das revistas, fizemos uma categorização entre crianças (Chico Bento na figura 54), adolescentes (Quinzinho e a namorada na figura 3), adultos (Vó Dita na figura 54) e outros (pé de manga na figura 2). Na categoria *adultos* estão inclusos *adultos jovens* e *adultos maduros*. Em *outros*,

encontram-se personagens animais, plantas, fantasmas, sentimentos personificados e personagens não humanos.

A segunda questão diz respeito à quantidade e à recorrência dos personagens. Nas revistas em quadrinhos da Turma do Chico Bento, no geral, as crianças são mais frequentes ao longo das narrativas e estão em maior quantidade, quando comparadas aos adolescentes, adultos e aos personagens classificados como *outros*. A Turma do Chico Bento Moço, por sua vez, tem em sua maioria personagens jovens, que são os mais recorrentes também.

Mendonça (2010) analisou a faixa etária em sua pesquisa sobre a fala capixaba. Seus resultados mostraram o favorecimento de *a gente* pelos mais jovens (07 – 14 = PR 0,76; 15 – 25 = PR 0,70) (MENDONÇA, 2010, p. 62). Diferentemente disso, Foeger (2014), que investigou o mesmo fenômeno linguístico na fala de uma cidade do interior capixaba, obteve resultados diversos. *A gente* foi desfavorecido por falantes mais novos (7-14 anos = PR de 0,22; 15-25 anos = PR de 0,44) e favorecido pelos mais velhos (26-49 anos = PR de 0,73; > 50 anos = PR de 0,48).

A autora atribui o resultado obtido ao fato de os indivíduos desse intervalo de idade (26 a 49 anos) estarem inseridos no mercado de trabalho e, conseqüentemente, apresentarem maiores relações sociais e possuírem maior contato com a comunidade externa à cidade (FOEGER, 2014, p. 108).

Considerando esses resultados diversos, acreditamos ser relevante investigarmos de que maneira a faixa etária influencia os nossos fenômenos linguísticos. Esperamos que, em nossos dados, *a gente* esteja mais presente na fala de personagens crianças, ao passo que *nós* esteja em maior quantidade na fala de adultos.

Personagem (grupos sociais)

Conforme menciona Pinheiro (2019), com base em Guy (2007 [1993], p.39), “[...] na maioria das pesquisas empíricas, hipóteses serão formuladas, testadas, refinadas, talvez sejam descartadas e outras novas, criadas [...]” e, apesar da variação e

mudança da primeira pessoa do plural ser amplamente estudada no decorrer dos anos (BORGES, 2004; FOEGER, 2014; LOPES, 2003;2004; MENDONÇA, 2010; NARO, GORSKI & FERNANDES, 1999; OMENA, 1996; RUBIO, 2012; SEARA, 2000; TAMANINE, 2010), encontramos apenas a pesquisa de Menon, Lambach e Landarin (2003) cujo *corpus* era baseado em revistas em quadrinhos.

Por essa razão, não encontramos respaldo teórico sobre todas as nossas hipóteses e medidas adotadas ao longo da codificação dos nossos dados. Para discutir a importância dos personagens sobre os fenômenos variáveis ora analisados, nos amparamos em reflexões sobre as revistas em quadrinhos e sobre os dados que coletamos.

Inicialmente, esse grupo de fatores correspondia aos “personagens individualizados”, ou seja, para cada personagem, criamos uma codificação correspondente a fim de compreendermos de que maneira as nossas variantes se comportavam. Dessa forma, almejávamos observar se havia relação direta de algum personagem com determinado pronome e, possivelmente, se alguma característica social peculiar deste personagem poderia ser associada à forma pronominal.

Todavia, houve inúmeros knockouts nas rodadas iniciais, isto é, inúmeros dados em que não havia variação, e, por consequência, não obtivemos êxito nas rodadas de pesos relativos. Por isso, optamos por uma metodologia diferente para esse grupo de fatores, a fim de verificarmos se ele entraria no nível de seleção.

Na Turma Criança, criamos um grupo social somente com os personagens considerados mais letrados e que exerciam mais poder e/ou influência sobre a comunidade, isto é, aqueles que eram caracterizados como bons alunos, os que haviam estudado e os adultos influentes da região [+poder;+influência]. Incluímos o narrador das revistas em quadrinhos – que, por vezes, era representado pelo personagem criador da série, Maurício de Sousa -; Tônico e Cotinha, pais de Chico Bento; Zé da Roça e Hiro – amigos de Chico Bento -, que não apresentam em sua fala regionalismos ou traços característicos da variedade “caipira” –; Rosinha, por ser boa aluna; primo Zeca e seus pais, todos da cidade; o padre; a professora Maricota e Genesinho, filho do Coronel, que havia estudado fora de Vila Abobrinha.

O segundo grupo social que criamos abrange aqueles personagens que poderiam ser considerados menos letrados e/ou que não possuíam poder ou influência econômica

relevante [-poder;-influência]. Aqui, incluímos o personagem principal, Chico Bento, pois, além de apresentar fortes traços linguísticos rurais, não é considerado um bom aluno e, por vezes, é até corrigido por sua professora Maricota; Nhô Lau, por ser passado para trás constantemente nas histórias e; Zé Lelé, por apresentar os mesmos traços linguísticos que Chico Bento.

O terceiro grupo social engloba os personagens que aparecem pouco nos quadrinhos – de modo geral, só aparecem em uma história específica – e os personagens não humanos – como plantas, animais, sentimentos personificados e seres celestiais – [outros].

Em relação à Turma Jovem, elaboramos 04 grupos sociais: 1) grupo Bento: composto por personagens oriundos da área rural e que permaneceram presentes nas histórias da Turma Jovem (Tonico, Cotinha, Chico Bento, Rosinha, Zé Lelé); 2) grupo República: formado por personagens que estudavam, moravam ou visitavam frequentemente a república em que vivia o personagem principal; 3) o grupo Outros, segue o mesmo critério usado na Turma Criança e; 4) o grupo de [+poder/+influência], formado por pela prof.^a Maricota, Primo Zeca da cidade, Genésio – filho do coronel -, Anna Ramble – ex-namorada americana de Genésio -, Zé da Roça e Hiro.

Para essa variável, temos por hipótese que, na Turma Criança, o grupo [+poder;+influência] favorece a forma padrão *nós*, uma vez que o domínio da variedade culta da língua corresponde a níveis hierárquicos sociais mais elevados, mais influentes. Já para a Turma Jovem, esperamos que o grupo [República] favoreça o pronome *a gente*, haja vista o favorecimento da nova forma pronominal entre os mais jovens

Locutor, interlocutor e local de fala

Foeger (2014), ao investigar a variação de primeira pessoa do plural na fala interiorana capixaba, considerou em sua análise a interação com a entrevistadora a fim de identificar se haveria uma correlação entre a escolha das variantes e o fato de o entrevistado interagir com alguém mais próximo (entrevistadora natural de Santa

Leopoldina) ou distante (entrevistadora natural da Grande Vitória) da comunidade pesquisada.

Seus resultados mostraram que *a gente* foi favorecido com peso relativo de 0,68 e 65,7% de uso quando a interação se deu com a entrevistadora natural da Grande Vitória. Já durante a interação com a entrevistadora de Santa Leopoldina, o *a gente* foi desfavorecido com peso relativo de 0,43 (FOEGER, 2014, p. 111).

Segundo a autora, esses dados demonstram que, naquela comunidade, a forma inovadora *a gente* apresenta caráter mais urbano, enquanto o *nós* tem o seu uso associado ao meio rural (FOEGER, 2014, p. 111).

Nas revistas em quadrinhos do Chico Bento (criança e jovem) são recorrentes as situações em que personagens da cidade vão ao ambiente rural (familiares, por exemplo, visitam o sítio de Chico Bento), sendo também comuns histórias em que o personagem vai à cidade visitar parentes. Considerando essa mudança entre o meio rural e o meio urbano na narrativa e tendo em vista os resultados encontrados por Foeger (2014), controlamos em nossos dados se os três grupos de fatores abaixo discriminados:

Variável Locutor (personagem que fala)

- 1a) personagem do meio rural;
- 2a) personagem do meio urbano e;
- 3a) outros.

Variável Interlocutor (personagem com quem se fala)

- 1b) personagem do meio rural;
- 2b) personagem do meio urbano e;
- 3b) outros.

Variável Local de fala

- 1c) meio rural;
- 2c) meio urbano e;
- 3c) outros.

Para as variáveis locutor e interlocutor, os casos codificados como *outros* dizem respeito a personagens não humanos (plantas, computadores, extraterrestres, sentimentos personificados, personagens históricos, sereias etc.). Os casos considerados como *outros* da variável local de fala são aqueles em que o diálogo se deu em lugares distintos e esporádicos nas revistas em quadrinhos, em cenários que não existem, como o Polo Norte, a casa do Papai Noel, Brasil época da colonização – portugueses chegando em território brasileiro –, naves espaciais, terras do Rei Artur – época medieval –, etc.

Quando o personagem não era recorrente nas histórias e não sabíamos com precisão sua origem, o caracterizamos por sua vestimenta, uma vez que os personagens rurais usam roupas bem específicas nas histórias.

FIGURA 54 – OCORRÊNCIA DE A GENTE POR PERSONAGEM URBANO NO MEIO URBANO.



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição 173, 1993, p.12.

FIGURA 55 – OCORRÊNCIA DE A GENTE POR PERSONAGEM URBANO NO MEIO RURAL.



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição 134, 1992, p.09.

A figura 55 ilustra uma situação em que o personagem Chico Bento vai visitar seus tios na cidade grande e acaba se perdendo ao descer do ônibus. Seu primo Zeca, morador da zona urbana, emprega o pronome novo ao encontrá-lo “Eu sabia que, onde houvesse confusão, **a gente** ia encontrar o Chico” (grifo nosso). A figura 56 mostra o primo Zeca, desta vez, visitando Chico Bento na roça e, enquanto fogem da onça por cima de um rio, há o emprego de *a gente* “É... mas, no vídeo-gueime, **a gente** tem mais vidas!” (grifo nosso).

Portanto, com base nos resultados de Foeger (2014), esperamos que, em nossa amostra, a forma *a gente* esteja associada a personagens urbanos e ao ambiente urbano, ao passo que *nós* esteja relacionado aos contextos rurais.

5.3 O TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS COLETADOS

Os estudos da Sociolinguística Variacionista lidam com um grande volume de dados variáveis, em consequência, é necessário que o pesquisador recorra a ferramentas que o auxiliem ao longo de sua análise, uma vez que a variação linguística não pode ser compreendida e explicada apenas por meio de termos qualitativos.

Tagliamonte (2006, p. 128) afirma que o programa de regras variáveis é um instrumento excelente para tratar de dados quantitativos, pois, além de realizar

análises sofisticadas, também nos ajuda a compreender os dados linguísticos coletados³⁰.

De acordo com Sankoff (1988, p. 984), devemos recorrer a métodos e noções estatísticas quando percebemos a existência de uma escolha entre uma ou mais formas linguísticas, e se constatarmos que essa escolha sofre influências de fatores linguísticos e não linguísticos³¹.

Para este estudo, recorreremos ao Pacote de Programas Estatísticos de Regras Variáveis – Varbrul, que compreende “[...] um conjunto de programas de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY & ZILLES, 2007, p. 105). Como suporte estatístico, utilizamos a versão mais atualizada do pacote, o GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005)³².

Guy & Zilles (2007) salientam que esse programa:

[...] mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos, dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente. [...] O programa também permite ao pesquisador testar várias hipóteses possíveis sobre a natureza, tamanho e direção dos efeitos das variáveis independentes (GUY & ZILLES, 2007, p. 105).

Segundo esses autores, para nos prepararmos para uma análise com programas do pacote Varbrul, devemos nos atentar para os seguintes aspectos:

1. constituição da amostra;

³⁰ A noção de regra variável foi introduzida por William Labov (1969), ao perceber que os falantes fazem escolhas linguísticas quando usam a linguagem e que suas escolhas são sistemáticas. Desse modo, a língua é um sistema heterogêneo ordenado, ou seja, a língua sofre variação, no entanto, essa variação não é livre, mas, sim, sistemática e governada por regras (TAGLIAMONTE, 2006, p. 129-130).

³¹ Do original: “Whenever a choice among two (or more) discrete alternatives can be perceived as having been made in the course of linguistic performance, and where this choice may have been influenced by factors such as features in the phonological environment, the syntactic context, discursive function of the utterance [...] then, it is appropriate to invoke the statistical notions and methods known to students of linguistic variation as *variable rules*.” (SANKOFF, 1988, p. 984)

³² Ressaltamos que este não é o primeiro modelo matemático utilizado como ferramenta linguística na tentativa de compreender e analisar a variação e a mudança na língua. Naro (2017, p.15.25) apresenta uma cronologia sucinta desses modelos (aditivo, multiplicativo e logístico), descreve o que cada um deles se propunha a fazer, bem como as suas limitações.

2. cuidados relacionados com a validade e a confiabilidade;
3. planejamento do sistema analítico mediante a definição das variáveis, o que inclui a definição dos grupos de fatores;
4. seleção dos dados;
5. eliminação dos casos que não se enquadram nos critérios estabelecidos [...];
6. preparação do arquivo de ocorrências. (GUY & ZILLES, 2007, p. 108).

No que diz respeito à constituição da amostra, Guy (1993, p. 225) adverte para o cuidado com sua seleção. É preciso cautela para evitar que esse procedimento não seja tendencioso de modo a afetar a variação estudada³³. A confiabilidade concerne à possibilidade de outro pesquisador repetir fielmente a metodologia aplicada no estudo e obter os mesmos resultados encontrados.

O planejamento do sistema analítico corresponde à construção das nossas variáveis. Nos estudos de cunho variacionista, utilizam-se os termos variável dependente e variável independente³⁴. É possível, por meio de pesquisas anteriores, construir um conjunto de fatores que possam influenciar a ocorrência de uma ou outra variante, conjunto ao qual se dá o nome de envelope da variação. (Cf. GUY & ZILLES, 2007, p. 74-79; MOLLICA, 2017, p. 11).

No que tange à apresentação dos resultados, em síntese, o programa apresenta a porcentagem e o peso relativo de cada fator em relação à variável dependente considerada, o que corresponderá, respectivamente, à probabilidade de ocorrência de uma variante em detrimento de outra e à atuação – favorável o ou desfavorável - de um grupo de fator sobre esta variante .

Os pesos relativos, que nos permitem investigar a significância estatística de cada grupo de fatores, podem ser interpretados, de acordo com Naro (2017, p. 24), da seguinte maneira: se o peso relativo for superior a 0,5, significa que aquela variável independente favorece o aparecimento da variante; se o peso relativo for inferior a

³³ Texto original: "First there is the question of how subjects or tokens are selected for the sample. Care must always be taken that this procedure is not biased in any way that can potentially effect the variation being studied" (GUY, 1993, p. 225).

³⁴ Na seção metodológica descrevemos com mais detalhes esse termo, bem como os nossos grupos de fatores escolhidos.

0,5, apontará que o fator da variável independente desfavorece o uso da variante; e a influência será neutra quando o peso relativo for 0,5.

De posse destes resultados, a fase final da tarefa do linguista se inicia, isto é, a interpretação e a explicação dos números. (GUY, 1993, p. 245; NARO, 2017, p. 25).

Cabe [ao linguista] a responsabilidade de descobrir quais são os fatores relevantes, de levantar e codificar os dados empíricos corretamente, e, sobretudo, de interpretar os resultados numéricos dentro de uma visão teórica da língua. O progresso da ciência não está nos números em si, mas no que a análise dos números pode trazer para nosso entendimento das línguas humanas (NARO, 2017, p. 25).

À vista dessas reflexões, passemos aos resultados e discussões finais.

6. RESULTADOS

Nesta seção, apresentamos e discutimos os resultados obtidos em nosso estudo sobre a variação e a mudança linguística da primeira pessoa do plural do Português brasileiro, nas revistas em quadrinhos do Turma do Chico Bento.

Considerando que os nossos *corpora* são compostos por duas coletâneas diferentes, isto é, são dois tipos distintos de revistas (revistas em quadrinhos da Turma Criança e mangás da Turma Jovem), optamos por rodadas separadas para cada uma das coletâneas.

Analisamos um total de 1724 dados³⁵, dos quais 834 são da Turma Criança e 890 são da Turma Jovem. A tabela 5 apresenta a relação de dados obtidos conforme o tipo de revista em quadrinhos, se Turma Criança ou Turma Jovem.

Observamos que, além de haver uma distribuição quantitativa equilibrada entre os dados, ocorre, majoritariamente, o uso de *nós* com 77% (Turma Criança + Turma Jovem), ao passo que *a gente* teve 22,3% (Turma Criança + Turma Jovem) de uso. Além disso, não houve uma mudança significativa na ocorrência de *a gente* ao compararmos a Turma Criança (22,9%) e a Turma Jovem (21,8%).

TABELA 5 – RESULTADOS OBTIDOS PARA A REVISTA EM QUADRINHOS.

PRONOMES FATORES	A GENTE		NÓS	
	n/N	%	n/N	%
Turma Criança	191/834	22,9%	643/834	77,1%
Turma Jovem	194/890	21,8%	696/890	78,2%
TOTAL	385/1724		1339/1724	

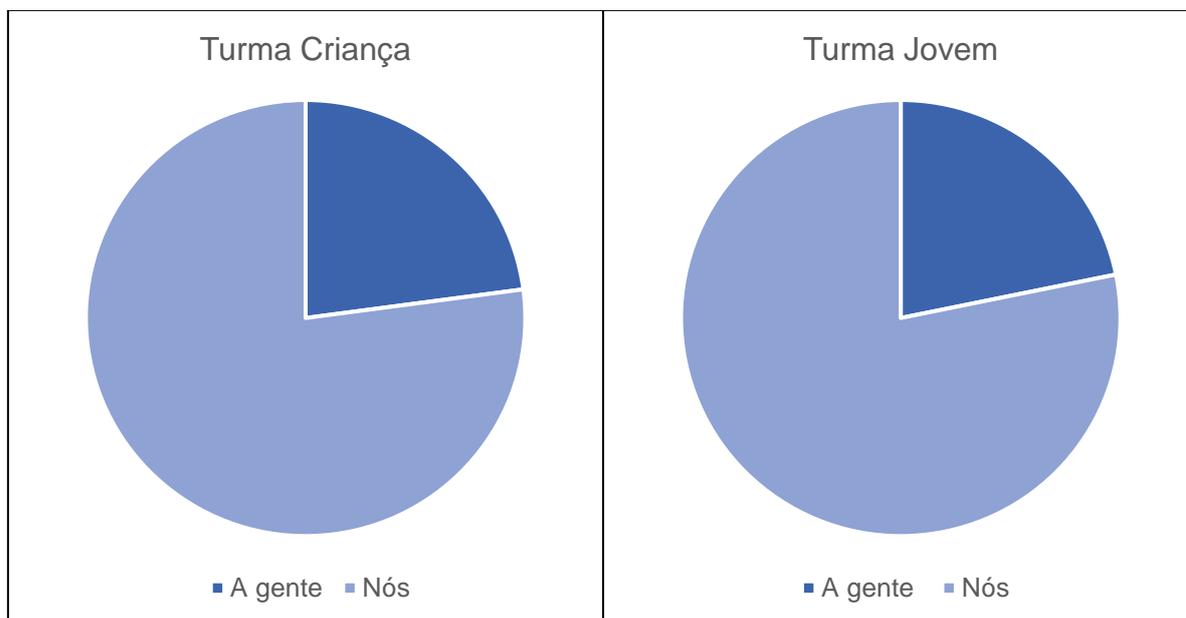
Fonte: elaborada pela autora.

Legenda: n = quantidade da variante de referência; N = quantidade dos totais das variantes em análise; % = percentual de uso da variante de referência e; PR = peso relativo

No gráfico 1, temos a distribuição de *a gente* e *nós* nas duas revistas em quadrinhos de Chico Bento, a Turma Criança e a Turma Jovem.

³⁵ Esse total de dados diz respeito aos casos de *nós* e *a gente* em todas as funções sintáticas.

GRÁFICO 1 — DISTRIBUIÇÃO DOS PRONOMES PESSOAIS NÓS E A GENTE NAS REVISTAS EM QUADRINHOS DO CHICO BENTO



Fonte: produção do próprio autor.

Observamos que a distribuição dos pronomes de 1ª pessoa do plural é bastante similar nas duas revistas, a destinada ao público infantil (Turma Criança), e a destinada ao público juvenil, o mangá (Turma Jovem). Tal fato pode indicar que o pronome inovador, *a gente*, já implementado no português brasileiro, se estende ao gênero textual-discursivo aqui estudado de forma bem similar, o que demonstra que não há estigma para essa variante.

Na tabela 6, apresentamos a distribuição quantitativa dos dados de *a gente* e *nós* conforme as décadas de publicação das revistas em quadrinhos. Ao analisarmos o comportamento do pronome tradicional *nós*, notamos que tem o maior percentual de uso em todas as épocas na Turma Criança (anos 80 = 78,2%; anos 90 = 80,6%, anos 2000 = 72,2%)³⁶ e nas revistas da Turma Jovem (78,2%).

Ao observarmos o comportamento da nova forma pronominal ao longo das décadas, fato que só pode ser visto na Turma Criança, já que a Turma Jovem tem seu início apenas nos anos 2000, notamos uma pequena queda de 2,4 pontos percentuais no

³⁶ Aqui nos referimos apenas aos dados da Turma Criança, pois, conforme já mencionado anteriormente (Cf. Capítulo 4), a Turma Jovem tem a primeira publicação em 2013 e, por isso, não é possível compararmos o uso pronominal ao longo do tempo.

uso de *a gente* dos anos 80 para os anos 90. Dos anos 90 para os anos 2000, há um aumento de 8,4 no uso de *a gente*. Vejamos:

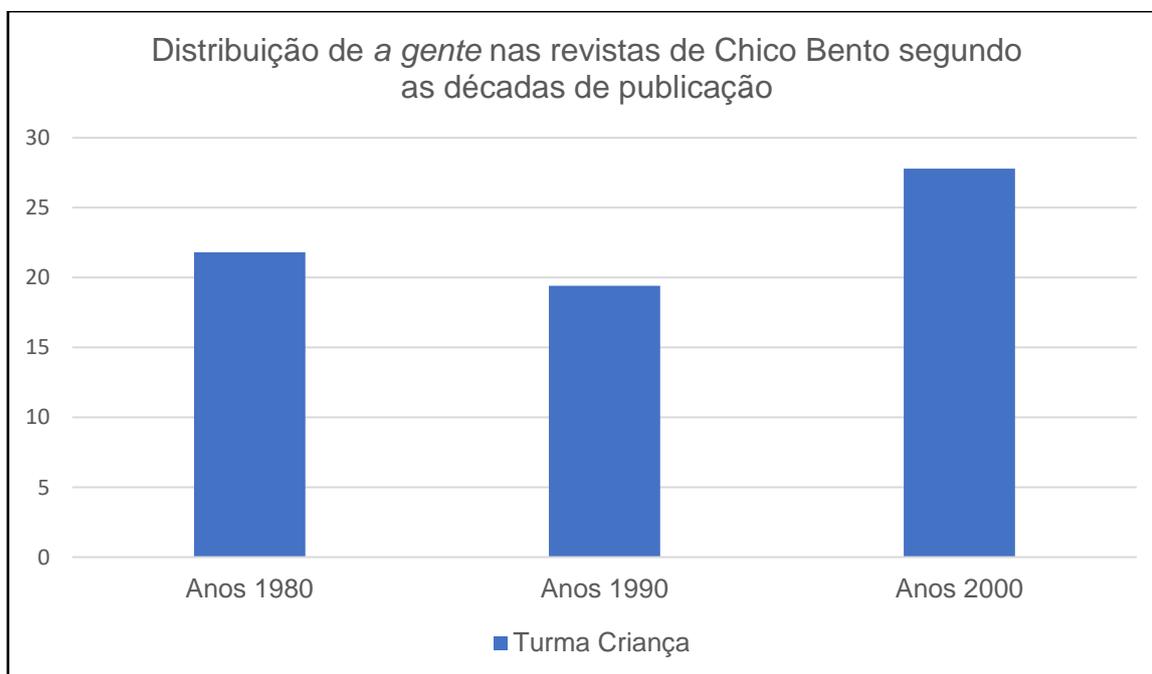
TABELA 6 – DISTRIBUIÇÃO DOS DADOS DE *A GENTE* E *NÓS* CONFORME A DÉCADA DE PUBLICAÇÃO NAS REVISTAS EM QUADRINHOS DA TURMA CRIANÇA.

PRONOMES FATORES	A GENTE		NÓS	
	n/N	%	n/N	%
Anos 80	66/303	21,8%	237/303	78,2%
Anos 90	52/268	19,4%	216/268	80,6%
Anos 2000	73/263	27,8%	190/263	72,2%
TOTAL	191/834		643/834	

Fonte: elaborada pela autora.

Legenda: n = quantidade da variante de referência; N = quantidade dos totais das variantes em análise; % = percentual de uso da variante de referência e; PR = peso relativo

GRÁFICO 2 – DISTRIBUIÇÃO DOS DADOS DE *A GENTE* E *NÓS* CONFORME A DÉCADA DE PUBLICAÇÃO NAS REVISTAS EM QUADRINHOS DA TURMA CRIANÇA



Fonte: produção do próprio autor.

O gráfico 2 permite uma visualização melhor dos dados da Tabela 6. Podemos notar que há um aumento do uso de *a gente* nos anos 2000 e que o uso dessa variante na

Turma Jovem é similar ao que ocorria nas publicações da Turma Criança nos anos 1980, data de início de Chico Bento.

Menon, Lambach e Landarin (2003), ao analisarem a variação entre *nós* e *a gente* nas revistas do Pato Donald, encontraram apenas 03 casos de *a gente* nos anos de 1950, 1951 e 1952, o que correspondeu a 1% de uso. Já com *nós*, houve 584 casos, 99% de uso. No ano de 1989, por outro lado, houve o crescimento de emprego de *a gente*, que passou a 30% dos casos, com 107 ocorrências (Menon, Lambach e Landarin, 2003, p. 101). Nas revistas de Chico Bento, aqui denominadas Turma Criança, cuja publicação se inicia apenas na década de 1980, não se observa um crescimento tão grande no uso de *a gente*. Notamos uma diferença entre as décadas de 1980/1990 e 2000, havendo, como dito anteriormente, um acréscimo de 8,4 pontos percentuais na década mais recente.

A partir desses resultados, é possível inferirmos que, apesar de o uso de *nós* nas revistas em quadrinhos ainda apresentar maior taxa de uso, o pronome inovador, *a gente*, tem-se inserido, paulatinamente, também neste gênero textual, corroborando os resultados que Menon, Lambach e Landarin (2003) encontraram nas revistas do Pato Donald.

6.1 RESULTADOS DE *NÓS* E *A GENTE* EM TODAS AS FUNÇÕES SINTÁTICAS

Na análise de todos os dados coletados, observamos as diversas funções sintáticas em que ocorrem as variantes *nós* e *a gente*. Primeiramente apresentaremos a distribuição de *a gente* pelas variáveis que atuam sobre sua ocorrência.

Em seguida, apresentamos nossas rodadas de pesos relativos. Essa etapa nos permite identificar quais grupos de fatores condicionam o uso ou não de uma variante em detrimento da outra, isto é, quais contextos favorecem ou não as formas pronominais de primeira pessoa do plural, *nós* e *a gente*. Entre os grupos de fatores analisados (Cf. Capítulo 5 – Procedimentos Metodológicos), o programa *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) selecionou como estatisticamente relevantes as seguintes variáveis:

QUADRO 7 - VARIÁVEIS SELECIONADAS COMO SIGNIFICATIVAS PARA A SELEÇÃO DE A GENTE NAS DUAS AMOSTRAS, TURMA CRIANÇA E TURMA JOVEM, POR ORDEM DE SELEÇÃO

VARIÁVEIS	TURMA CRIANÇA	TURMA JOVEM
1	Função Sintática	Tempo verbal + saliência fônica
2	Tempo verbal + saliência fônica	Grupo Social
3	Local de fala	-
4	Década da revista	-

Função Sintática

A função sintática foi a 1ª variável selecionada pelo GoldVarb X como estatisticamente significativa para a Turma Criança. Tínhamos por hipótese para esse grupo de fatores que tanto a forma *nós* quanto a forma *a gente* apresentariam maior frequência na posição de sujeito, consoante aos resultados de Omena (1996), pois, segundo a autora, isso seria uma característica dos pronomes pessoais.

Constatamos que a maioria das ocorrências de *nós* e *a gente* ocorre na posição de sujeito, em ambas revistas. Para a Turma Criança, num total de 709 dados, obtivemos, na posição de sujeito, 126 casos de *a gente* e, complementarmente, 499 ocorrências de *nós*, correspondentes a 88% do total de dados. Já nas revistas da Turma Jovem, observamos um total de 715 dados, dos quais 94,5% são casos de sujeito, sendo 129 casos de *a gente* e 547 ocorrências de *nós*.

Os resultados deste grupo de fatores convergiram com a nossa hipótese inicial. Na Turma Criança, dos 709 dados, 625 estão na posição de sujeito e 84 em posição de complemento/adjunto. Já na Turma Jovem, dos 715 dados, 676 são ocorrências de sujeito e 39 casos de complemento/adjunto.

TABELA 7 - EFEITO DA VARIÁVEL FUNÇÃO SINTÁTICA SOBRE O PRONOME PESSOAL A GENTE EM TODAS AS FUNÇÕES SINTÁTICAS.

REVISTA	TURMA CRIANÇA			TURMA JOVEM	
	n/N	%	PR	n/N	%
F. SINTÁTICA					
Sujeito	126/625	20,2	0,463	129/676	19,1
Objeto Direto	17/39	43,6	0,724	13/25	52,0
Objeto Indireto	8/21	38,1	0,699	4/8	50,0
Adj. Adverbial	9/12	75,0	0,899	1/2	50,0
Adj. Adnominal	5/12	41,7	0,720	1/2	50,0
Comp. Nominal	-	-	-	1/2	50,0
TOTAL	167/709	23,3		149/715	20,8

Fonte: elaborada pela autora.

Legenda: n = quantidade da variante de referência; N = quantidade dos totais das variantes em análise; % = percentual de uso da variante de referência e; PR = peso relativo

Similarmente ao que ocorre nos dados de Omena (1996), as funções sintáticas de não sujeito são as que mais favorecem o uso de *a gente* nos diálogos dos personagens. Na revista da Turma Criança, a função sintática que mais favorece a nova forma pronominal é o adjunto adverbial (peso relativo de 0,899), seguida pelo objeto direto (peso relativo de 0,724), objeto indireto (peso relativo de 0,699), adjunto adnominal (peso relativo de 0,720). A função de sujeito, por outro lado, desfavorece o uso do *a gente* com peso relativo de 0,463.

Observamos que na Turma Jovem também a função de sujeito é a única que tem percentual ligeiramente abaixo da média de uso do novo pronome. Observamos que, apesar de não ser uma variável estatisticamente selecionada, o comportamento dos fatores é semelhante nas duas revistas

No que diz respeito aos resultados obtidos por Omena (1996, p. 191), temos uma convergência quanto à função de adjunto adverbial (uso categórico pelas crianças e 77% nos adultos). Nossos resultados apresentaram semelhanças, também, com os encontrados por Foeger (2014, p. 122). A pesquisadora percebeu que o *a gente* é favorecido com peso relativo de 0,80 na posição de objeto direto.

No entanto, ao compararmos os nossos resultados de adjunto adnominal, percebemos divergências. Os resultados de Omena (1996) mostram que esta função desfavorece *a gente* (14% de frequência), assim como os de Foeger (2014), que

apontam um desfavorecimento com peso relativo de 0,21. As autoras atribuíram esses resultados à predominância do pronome possessivo *nosso* (a). No entanto, em nosso estudo, há uma baixa frequência dos pronomes nesta função (apenas 12 casos) e *a gente* foi expressivamente favorecido na Turma Criança (peso relativo de 0,720).

Portanto, nesse gênero textual, ou seja, nas revistas em quadrinhos, há a preferência pelo uso de *a gente* em vez do pronome possessivo *nosso(a)*, havendo, assim, divergência na representação do uso praticado na fala, conforme apontam as pesquisas mencionadas.

Tempo Verbal + Saliência Fônica

A Tempo Verbal + Saliência Fônica (SCHERRE, NARO & YACOVENCO, 2018) foi a segunda variável selecionada como relevante no uso de *a gente* na Turma Criança e a primeira variável selecionada na Turma Jovem. Vejamos os resultados para essa variável:

TABELA 8 - EFEITO DA VARIÁVEL TEMPO VERBAL + SALIÊNCIA FÔNICA SOBRE A GENTE NA TURMA CRIANÇA E JOVEM EM TODAS AS FUNÇÕES SINTÁTICAS

REVISTA TEMPO VERBAL + SALIÊNCIA FÔNICA	TURMA CRIANÇA			TURMA JOVEM		
	n/N	%	PR	n/N	%	PR
Pretérito Imperfeito	9/18	50,0	0,816	14/30	46,7	0,828
Pretérito Perfeito	11/80	13,8	0,397	8/66	12,1	0,392
Presente = Pret. Perfeito	31/120	25,8	0,595	38/158	24,1	0,659
Presente ≠ Pret. Perfeito [+saliente]	17/168	10,1	0,320	16/257	6,2	0,257
Presente ≠ Pret. Perf. [-saliente]	11/52	21,2	0,533	14/52	26,9	0,639
Demais tempos	47/187	25,1	0,606	39/113	34,5	0,745
TOTAL	126/625	20,2		129/676	19,1	

Fonte: elaborada pela autora.

Legenda: n = quantidade da variante de referência; N = quantidade dos totais das variantes em análise; % = percentual de uso da variante de referência e; PR = peso relativo

A hipótese que as formas verbais no pretérito imperfeito, em virtude do padrão métrico do Português brasileiro, favoreceriam o uso de *a gente* foi confirmada por nossa pesquisa. Também tínhamos por hipótese que o presente, por conta da ambiguidade existente entre as formas no presente/pretérito perfeito, também favoreceria o uso de *a gente*, fato também confirmado.

No que diz respeito ao tempo presente, percebemos, entretanto, que nem todos os verbos neste favorecem o *a gente* mas, sim, que há um grau de hierarquia conforme a saliência do verbo. O presente igual ao pretérito perfeito (*sonha/sonhamos*) favorecem o *a gente* com peso relativo de 0,595 e 0,659, respectivamente, na Turma Criança e, na Turma Jovem. O mesmo ocorre com o presente diferente do pretérito [-saliente] (*desencanta/desencantamos*) com peso relativo de 0,516 e 0,639, respectivamente.

Esse comportamento se justifica, pois existe apenas uma forma para esses dois tempos verbais. Para desfazer essa ambiguidade temporal, o falante opta por utilizar o *a gente* no presente e emprega as formas com a desinência -mos para marcar o pretérito perfeito (figura 66) (FOEGER, 2014). Outra estratégia utilizada pelos falantes com o pronome *nós* é não fazer a concordância verbal com -mos para marcar o presente (figura 67) (NARO, GORSKI & FERNANDES, 1999).

Já as formas do presente [+saliente] (*põe/pomos*) desfavorecem o *a gente* com peso relativo de 0,320 na Turma Criança, e, na Turma Jovem, há o desfavorecimento com peso relativo de 0,257. Esses resultados mostram que a maior diferenciação fônica entre a primeira pessoa do plural e a terceira pessoa do singular desfavorece o *a gente* (*é/somos – está/estamos*). De acordo com Tamanine (2010), isso se deve a tonicidade das palavras nesse nível de saliência, isto é, o *a gente* é favorecido em palavras oxítonas ou monossílabas (terceira pessoa do singular) e desfavorecido quando as formas verbais são paroxítonas (primeira pessoa do plural) (TAMANINE, 2010, p.136).

FIGURA 56 - EMPREGO DA DESINÊNCIA VERBAL -MOS COMO MARCAÇÃO DO PRETÉRITO PERFEITO.



Fonte: revistas em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição 23, 1987, p.30.

Na figura acima, o personagem Chico Bento questiona o seu pai como ele nasceu. Nos primeiro, quarto e quinto quadros, Tônico emprega nós + -mos como marcação do pretérito perfeito nas seguintes orações “**Nóis compramo** ocê na venda” (grifos nossos), “**Nóis iscoiemo** o mais bunito!” e “**Pagamo** na hora”. A figura 58, por outro lado, mostra a não concordância padrão do nós para o presente. O Primo Zeca e o Chico Bento caminharam para longe do sítio e, o menino da cidade, questiona a distância para voltar. Chico Bento responde “Ara! Intão **nóis faiz** uma boquinha por aqui memo!” (grifos nossos).

FIGURA 57 - EMPREGO DE NÓS SEM CONCORDÂNCIA E A GENTE COM CONCORDÂNCIA DE TERCEIRA PESSOA DO SINGULAR PARA MARCAR O PRESENTE.



Fonte: revistas em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição 100, 1990, p.30.

Ainda sobre o grau de saliência que favorece o *a gente*, a forma que mais favorece o uso do novo pronome nas revistas em quadrinhos da Turma Criança é o pretérito imperfeito (sonhava/sonhávamos), com peso relativo de 0,816 (Turma Criança) e 0,832 (Turma Jovem).

Conforme pontuado por Borges (2004, p.109), com base em Câmara Júnior (1979), no Português brasileiro há a tendência em se evitarem palavras proparoxítonas. Para Naro, Gorski & Fernandes (1999) esse comportamento está ligado ao grau de diferenciação fônica do verbo.

O expressivo favorecimento de *a gente* para as formas conjugadas no pretérito imperfeito confirma nossa hipótese em relação a esse grau de saliência (+tempo verbal) e corroboram com os resultados encontrados por Mendonça (2010), cujos dados apontaram o favorecimento de *a gente* no pretérito imperfeito com peso relativo de 0,64. Todavia, divergem dos resultados de Foeger (2014), cuja pesquisa apontou o desfavorecimento de *a gente* no pretérito imperfeito. Segundo a autora, subjaz a esses resultados a concordância verbal de primeira pessoa do plural na região pesquisada. Discutimos com mais detalhes essa situação ao tratarmos sobre esse fenômeno linguístico posteriormente.

Local de fala

O local de fala foi o terceiro grupo de fatores selecionado como estatisticamente significativo em nossos dados na Turma Criança. Esta variável buscou investigar se haveria ou não correlação entre as formas pronominais *nós* e *a gente* com os meios rural e urbano, principais locais em que se davam os diálogos dos personagens.

A tabela abaixo demonstra os resultados dessa variável. Notamos que, quando o diálogo ocorreu no ambiente rural, o *a gente* foi desfavorecido com peso relativo de 0,481, ao passo que o *nós* foi favorecido, complementarmente, com peso relativo de 0,519. Por outro lado, quando os diálogos aconteceram no ambiente urbano, o *a gente* foi favorecido com peso relativo de 0,821 ou 0,750? e o *nós* desfavorecido com peso relativo de 0,179 ou 0,250

TABELA 9 - EFEITO DA VARIÁVEL LOCAL DE FALA (RURAL X URBANO) SOBRE A GENTE NAS REVISTAS EM QUADRINHOS DA TURMA CRIANÇA EM TODAS AS FUNÇÕES SINTÁTICAS

REVISTA		TURMA CRIANÇA	
LOCAL DE FALA	n/N	%	PR
Rural	153/678	22,6	0,487
Urbano	12/31	38,7	0,750
TOTAL	165/709	23,3	

Fonte: elaborada pela autora.

Legenda: n = quantidade da variante de referência; N = quantidade dos totais das variantes em análise; % = percentual de uso da variante de referência e; PR = peso relativo

Nossos resultados são análogos aos encontrados por Foeger (2014), que analisou esse fenômeno linguístico na fala interiorana capixaba. A pesquisadora mostrou que o *a gente* era favorecido com peso relativo de 0,68 quando a interação entrevistadora-entrevistado se dava com a entrevistadora mais próxima da comunidade estudada, isto é, nascida em Santa Leopoldina. Em contrapartida, quando esse envolvimento ocorreu com a entrevistadora mais distante da comunidade, nascida da Grande Vitória, o novo pronome foi desfavorecido com peso relativo de 0,43 (p.111).

Sendo assim, a nossa hipótese inicial foi confirmada. Nas revistas em quadrinhos da Turma Criança que analisamos, o *a gente* apresenta um caráter mais urbano, ao passo que o *nós* tem caráter mais rural. Isso mostra que a representação de uso da

forma inovadora nas revistas em quadrinhos de Chico Bento corresponde ao que encontramos nas pesquisas relativas à fala. Sendo assim, *a gente* é mais empregado em eventos comunicativos ocorridos na cidade do que no interior, uma vez que os moradores interioranos se caracterizam como mais conservadores e, por isso, as mudanças linguísticas tendem a ocorrer com mais força nos grandes centros.

Grupo social

Vejamos os nossos resultados de pesos relativos, para a Turma Jovem, e os resultados percentuais, para a Turma Criança, no uso do *a gente* pelos personagens categorizados por grupos sociais:

TABELA 10 - EFEITO DA VARIÁVEL GRUPOS SOCIAIS SOBRE O A GENTE NAS REVISTAS DA TURMA JOVEM EM TODAS AS FUNÇÕES SINTÁTICAS

REVISTA	TURMA CRIANÇA		TURMA JOVEM		
GRUPOS SOCIAIS	n/N	%	n/N	%	PR
[+poder;+influência]	49/222	22,1	4/48	8,3	0,269
[-poder;-influência]	94/357	26,3	81/361	22,4	0,556
Outros	22/130	16,9	8/132	6,1	0,210
República	-	-	56/174	32,2	0,693
TOTAL	165/709	23,3	149/715	20,8	-

Fonte: elaborada pela autora.

Legenda: n = quantidade da variante de referência; N = quantidade dos totais das variantes em análise; % = percentual de uso da variante de referência e; PR = peso relativo

Verificamos na tabela 10 que os personagens pertencentes ao grupo social [-poder; -influência] na revista Turma Jovem favorecem o uso de *a gente* com peso relativo de 0,556. Na Turma Criança, não há seleção estatística, mas um percentual acima da média de uso da variante para esta variável. Os integrantes do grupo República, que são os que mais interagem com o personagem Chico Bento na revista Turma Jovem, também favorecem o novo pronome em 0,693.

Por outro lado, os grupos sociais que mais desfavorecem o *a gente* na revista da Turma Jovem são aqueles compostos por personagens não recorrentes e não humanos e pelo grupo denominado [+poder; +influência], com pesos relativos de 0,210 e 0,269. Na Turma Criança, as duas variáveis também apresentam percentuais abaixo da média de uso da variante.

À vista desses dados, presumimos que, nas revistas em quadrinhos da Turma do Chico Bento, tanto criança como jovem, as formas pronominais em competição não estão relacionadas, apenas, aos contextos rural e urbano, mas, estão sujeitas a avaliações sociais. Por essa razão, o novo pronome, que parece ser considerado não padrão pelos autores das revistas, está levemente mais associado aos personagens [-poder; -influência], já que desfrutar da língua e ter o seu domínio com propriedade é sinal de poder e influência. Não podemos deixar de notar que o grupo que mais favorece *a gente* é o da República de Chico Bento, grupo este que é composto por jovens que residem num centro urbano.

Década de publicação

A década de publicação da revista foi a quarta variável selecionada como significativa na alternância pronominal *nós/a gente* em todas as funções sintáticas. Para essa variável, optamos por amalgamar os dados dos anos 80 com os dados dos anos 90 a fim de compararmos as revistas consideradas mais antigas *versus* as revistas mais recentes, ou seja, da primeira década dos anos 2000.

TABELA 11 - EFEITO DA VARIÁVEL DÉCADA SOBRE A GENTE NA TURMA CRIANÇA EM TODAS AS FUNÇÕES

REVISTA	TURMA CRIANÇA		
DÉCADA	n/N	%	PR
Antigas (80+90)	96/464	20,7	0,457
Recentes (2010<)	69/245	28,2	0,581
TOTAL	165/709	23,3	-

Fonte: elaborada pela autora.

Legenda: n = quantidade da variante de referência; N = quantidade dos totais das variantes em análise; % = percentual de uso da variante de referência e; PR = peso relativo

Constatamos na tabela 11 que o *a gente* é desfavorecido em publicações mais antigas (1980+1990) com peso relativo de 0,457, ao passo que nas edições mais novas (anos 2000) observamos o favorecimento desta forma pronominal em 0,581. Além disso, notamos também que há um crescimento na média de uso de *a gente* com o decorrer do tempo: nas publicações antigas havia 20,7% de taxa de uso e, nas edições mais novas, esse número aumenta, ainda que sutilmente, 7,5%, passando a 28,2%.

Resultados semelhantes foram encontrados por Menon, Lambach & Landarin (2003), que estudaram os pronomes de primeira pessoa do plural nas revistas em quadrinhos do Pato Donald. A tabela a seguir (tab. 12) nos mostra os resultados obtidos pelas pesquisadoras:

TABELA 12 - RESULTADOS DA VARIAÇÃO NÓS/A GENTE NAS REVISTAS EM QUADRINHOS DO PATO DONALD.

REVISTA DÉCADA	REVISTAS DO PATO DONALD		
	n/N	%	PR
1950/51/52	03	01	.10
1959	09	04	.48
1969	07	02	.34
1979	41	19	.83
1989	107	30	.90
1999	52	17	.82
TOTAL	219		

Fonte: tabela adaptada da pesquisa de Menon, Lambach e Landarin (2010, p. 101)

Verificamos que, semelhante ao que encontramos neste estudo, a média de uso de *a gente* com o decorrer do tempo aumentou. Ademais, as datas mais antigas de publicações desfavorecem o novo pronome expressivamente: na década de 50 com peso relativo de 0,10. Já as décadas mais novas o favorecem com maior expressividade: anos 70 = 0,83; anos 80 = 0,90 e anos 90 = 0,82.

Esses resultados apontam sobre a importância das revistas em quadrinhos na linguagem. Segundo Menon, Lambach & Landarin (2003) trata-se de textos:

[...] acessíveis a grande parte da população letrada (e também iletrada, na medida que a historinha desenhada pode ser seguida e codificada, de alguma forma). As HQ devem, também, merecer destaque no tocante ao papel que têm: muitas vezes, é o único tipo de leitura de alguns grupos sociais. E, nesse aspecto, o português aí veiculado também se reveste de importância: enquanto manifestação linguística de uma comunidade, num determinado tempo e espaço, essa linguagem, ao ser registrada, reveste-se de significado na medida em que os textos devolvem a seus leitores as formas linguísticas por eles utilizadas. Nesse processo, eles se tornam grandes agentes importantes na disseminação da diversidade oral e, por que não, no processo de mudança linguística. (MENON, LAMBACH & LANDARIN, 2003, p. 103)

Sendo assim, nossa hipótese inicial foi confirmada, isto é, ao longo dos anos de publicação das revistas em quadrinhos, houve uma evolução na média de uso de *a gente*. Fato indicativo de mudança em curso.

6.2 RESULTADOS DE *NÓS* E *A GENTE* NA FUNÇÃO DE SUJEITO

Com base na expressiva quantidade de dados na função de sujeito, buscamos analisar somente os casos dos pronomes da primeira pessoa do plural nessa função sintática.

Para a nossa rodada de pesos relativos, consideramos a seguinte configuração no nosso arquivo de condições: locutor; interlocutor; local de fala; sexo; faixa etária; referencialidade; personagens (grupos sociais) e; tempo verbal + saliência fônica. Assim como fizemos nas rodadas para todas as funções sintáticas, não consideramos os fatores “outros” desses grupos. Numa segunda rodada, após observarmos alguns knockouts, preferimos manter como variáveis sociais o grupo social e o local de fala. O programa GoldVarb X selecionou como estatisticamente relevante os seguintes grupos de fatores:

QUADRO 8 - VARIÁVEIS SELECIONADAS PARA A PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL APENAS EM FUNÇÃO DE SUJEITO, POR ORDEM DE SELEÇÃO.

VARIÁVEIS	TURMA CRIANÇA	TURMA JOVEM
1	Tempo verbal + Saliência fônica	Tempo verbal + Saliência fônica
2	Referencialidade	Grupos sociais
3	Grupos sociais	-
4	Local de fala	-

Tempo Verbal + Saliência Fônica

O grupo Tempo Verbal + Saliência Fônica foi a primeira variável selecionada nos dois gibis, Turma Criança e Turma Jovem. Nossos resultados para a alternância pronominal apresentaram tendências semelhantes às encontrados nas rodadas para todas as funções sintática. Vejamos:

TABELA 13 - EFEITO DA TEMPO VERBAL + SALIÊNCIA FÔNICA SOBRE O A GENTE NA FUNÇÃO DE SUJEITO

REVISTA S. FÔNICA (+TEMPO VERBAL)	TURMA CRIANÇA			TURMA JOVEM		
	n/N	%	PR	n/N	%	PR
Pretérito Imperfeito	9/18	50,0	0,837	14/30	46,7	0,828
Pretérito Perfeito	11/80	13,8	0,413	8/66	12,1	0,394
Presente = Pret. Perfeito	31/120	25,8	0,580	38/158	24,1	0,657
Presente ≠ Pret. Perfeito [+saliente]	17/168	10,1	0,322	16/257	6,2	0,258
Presente ≠ Pret. Perf. [-saliente]	11/52	21,2	0,539	14/52	26,9	0,640
Demais tempos verbais	47/187	25,1	0,601	39/113	33,3	0,744
TOTAL	126/625	20,2		129/676	19,1	

Fonte: elaborada pela autora.

Legenda: n = quantidade da variante de referência; N = quantidade dos totais das variantes em análise; % = percentual de uso da variante de referência e; PR = peso relativo

Observamos, novamente, que as formas verbo/saliência que mais favorecem o *a gente* é o pretérito imperfeito com peso relativo de 0,837 para a Turma Criança e de 0,828 para a Turma Jovem. O presente igual ao pretérito também favorece o uso de *a gente*. No entanto, observamos, semelhantemente aos resultados das rodadas com todas as funções sintáticas, a existência de uma hierarquia conforme o grau de saliência dos verbos.

O presente diferente do pretérito [+saliente] é justamente o que desfavorece *a gente*, com peso relativo de 0,322 na Turma Criança e de 0,258 na Turma Jovem. Por outro lado, o presente igual ao pretérito (criança = 0,580; jovem = 0,657) e o presente diferente do pretérito [-saliente] (criança = 0,539; jovem = 0,640) favorecem o pronome investigado.

O grupo dos demais tempos verbais, composto pelo futuro do subjuntivo, futuro do presente do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, gerúndio, infinitivo e o futuro perifrástico, também favoreceu o *a gente*. Na Turma Criança com peso relativo de 0,601 e na Turma Jovem com 0,744.

Portanto, no que diz respeito atuação dessa variável para o fenômeno linguístico da primeira pessoa do plural, obtivemos a confirmação das nossas hipóteses iniciais.

Referencialidade

Com base nos pressupostos de Lopes (2003, 2004) e no grau de determinação do referente proposto por Rubio (2012), investigamos a referencialidade. Essa variável diz respeito ao traço semântico da forma linguística, conforme já discorremos anteriormente (Cf. Capítulo 5). Em nossa amostra, optamos por juntar os dados genéricos e definidos com os genéricos indefinidos. Dessa maneira, codificamos os dados em duas variáveis: pronome com referência genérica (indefinida + definida) e pronome com referência específica.

A referencialidade foi a segunda variável selecionada na Turma Criança. Vejamos os resultados obtidos:

TABELA 14 - EFEITO DA VARIÁVEL REFERENCIALIDADE SOBRE O A *GENTE* NA TURMA CRIANÇA NA FUNÇÃO DE SUJEITO.

REVISTA	TURMA CRIANÇA			
	REFERENCIALIDADE	n/N	%	PR
	Genérica	21/59	35,6	0,696
	Específica	105/566	18,6	0,478
	TOTAL	126/625	20,2	

Fonte: elaborada pela autora.

Legenda: n = quantidade da variante de referência; N = quantidade dos totais das variantes em análise; % = percentual de uso da variante de referência e; PR = peso relativo

Podemos observar pela tabela 18 que, na revista em quadrinhos da Turma Criança, a referência genérica é a que mais favorece o *a gente*, com peso relativo de 0,696. Por outro lado, a referência específica desfavorece o pronome com peso relativo 0,478.

Esses números convergem com os estudos de Omena (1996), Seara (2000) e Lopes (2003). Para essas autoras, umas das razões para o *a gente* ser favorecido em contextos mais genéricos deve-se à sua origem da classe de substantivo, utilizado, a princípio, para fazer referência a um coletivo de pessoas com características semelhantes entre si.

Grupo Social

O grupo dos personagens divididos em grupos sociais foi a segunda variável selecionada para a Turma Jovem e a terceira no nível de seleção do programa GoldVarb X.

Para esta rodada, mantivemos a seleção dos personagens para cada grupo social igual a seleção para as rodadas em todas as funções sintáticas.

TABELA 15 - EFEITO DO GRUPO SOCIAL SOBRE O A GENTE.

REVISTA	TURMA CRIANÇA			TURMA JOVEM		
GRUPOS SOCIAIS	n/N	%	PR	n/N	%	PR
[+poder;+influência]	36/199	18,1	0,478	4/47	8,5	0,293
[-poder;-influência]	75/310	24,2	0,587	70/340	20,6	0,552
Outros	15/116	12,9	0,311	8/129	6,2	0,231
República	-	-	-	47/160	29,4	0,688
TOTAL	126/625	20,2		129/676	19,1	

Fonte: elaborada pela autora.

Legenda: n = quantidade da variante de referência; N = quantidade dos totais das variantes em análise; % = percentual de uso da variante de referência e; PR = peso relativo

Constatamos um alto desfavorecimento do novo pronome *a gente* pelos grupos de [+poder; +influência] e pelos personagens denominados *outros*. Na turma Criança, os pesos relativos são, respectivamente, 0,478 e 0,311, e, na Turma Jovem, 0,293 e 0,231. Relembramos que, nas revistas em quadrinhos da Turma do Chico Bento Moço, os personagens *outros* são, em sua maioria, personagens que não são recorrentes nas narrativas, ou seja, aparecem apenas para um ou outra história e, em parte, são cientistas, empregadores e funcionários de lojas, professores universitários e familiares dos personagens rurais que residem nos centros urbanos.

Esses números corroboram os resultados que encontramos nas rodadas em todas as funções sintáticas e ratificam uma de nossas hipóteses. Nas revistas do Chico Bento analisadas, subjaz à variação pronominal de primeira pessoa do plural questões relativas ao ambiente urbano e rural.

Semelhante aos resultados em todas as funções sintáticas, os grupos que mais favorecem o aparecimento do *a gente* são aqueles compostos por personagens [-poder; -influência] (0,543) e república (0,688). Com base nisso, supomos, novamente, que por detrás da variação *nós* e *a gente* há questões de avaliação social que merecem um estudo mais aprofundado.

Local de fala

Similarmente ao que fizemos nas rodadas para todas as funções, controlamos em nossos dados de sujeito o local em que a fala era realizada, ou seja, se no meio rural ou no meio urbano. Para isso, mantivemos a hipótese de Foeger (2014), no sentido de que o pronome *nós* estaria mais associado a contextos rurais, ao passo que o pronome *a gente* estaria relacionado a contextos urbanos.

Essa variável foi a quarta selecionada pelo GoldVarb X nas rodadas de pesos relativos nas revistas em quadrinhos da Turma Criança, e apresentou resultados semelhantes aos discutidos para todas as funções sintáticas.

TABELA 16 - EFEITO DO LOCAL DE FALA SOBRE O A GENTE NA TURMA CRIANÇA NA FUNÇÃO DE SUJEITO

REVISTA		TURMA CRIANÇA	
LOCAL DE FALA	n/N	%	PR
Rural	115/596	19,3	0,487
Urbano	11/29	37,9	0,740
TOTAL	126/625	20,2	

Fonte: elaborada pela autora.

Legenda: n = quantidade da variante de referência; N = quantidade dos totais das variantes em análise; % = percentual de uso da variante de referência e; PR = peso relativo

Verificamos que *a gente* é favorecido na função de sujeito quando os diálogos ocorrem em ambientes urbanos, com peso relativo de 0,740 para a Turma Criança. Obtivemos a mesma situação ao analisarmos o pronome em todas as funções sintáticas.

Sendo assim, nas revistas em quadrinhos da Turma Criança e da Turma Jovem do Chico Bento, percebemos que o local em que a fala acontece é um fator relevante para o uso de uma forma pronominal em detrimento da outra.

A tabela a seguir nos mostra um comparativo, em termos percentuais, entre os dados que obtivemos nas revistas em quadrinhos da Turma Criança e da Turma Jovem com os dados rurais da fala de Santa Leopoldina (FOEGER, 2014) e os dados urbanos da fala de Vitória (MENDONÇA, 2010). Verificamos que, no interior, o uso do pronome canônico *nós* é mais acentuado quando comparado aos centros urbanos. Em Santa

Leopoldina, a taxa de uso dessa forma pronominal é de 46,1%, já em Vitória, a taxa despenca para 29,2%. Nos dados dos quadrinhos, a taxa de *nós* na área urbana também é expressiva (80,6 nas revistas da Turma Criança e 73,1% na Turma Jovem).

TABELA 17 - COMPARATIVO DAS AMOSTRAS DAS REVISTAS EM QUADRINHOS COM AS AMOSTRAS DE SANTA LEOPOLDINA/ES E DE VITÓRIA/ES. REGRA DE APLICAÇÃO: A *GENTE*.

AMOSTRA	TURMA CRIANÇA		TURMA JOVEM		S. LEOPOLDINA/ES	VITÓRIA/ES
LOCAL	Rural	Urbano	Rural	Urbano	Rural	Urbano
A gente	19,4%	37,8%	17,1%	22,4%	53,9%	70,8%
Total	20,2		19,1		53,1	70,8

Fonte: dados retirados e adaptados dos trabalhos de Mendonça (2010, p. 72) e de Foeger (2014, p.97).

Por outro lado, o emprego de *a gente* nas áreas urbanas é superior ao meio rural. Em Vitória, a taxa de emprego do novo pronome é de 70,8%, enquanto em Santa Leopoldina, a taxa fica por volta dos 53,1%. Embora o percentual de uso de *nós* seja superior ao de *a gente* nas revistas em quadrinhos, verificamos que este é mais frequente nos contextos urbanos (Turma Criança = 37,9%; Turma Jovem = 22,4%) do que contextos rurais (Turma Criança = 19,4%; Turma Jovem = 17,1%).

Isto posto, concluímos que, neste gênero textual, parece que a linha editorial representa o *a gente* como um pronome do meio urbano e o *nós*, um pronome do meio rural, resultado que se coaduna com o obtido por Foeger (2014).

6.3 A CONCORDÂNCIA VERBAL DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

A entrada de *a gente* e de *você* no sistema pronominal brasileiro desencadeou uma série de mudanças linguísticas para que os novos pronomes se encaixassem na língua. Sua inserção trouxe uma reestruturação nos paradigmas verbais do português brasileiro, que passaram de seis formas (eu **falo**, tu **falas**, ele **fala**, nós **falamos**, vós **falais**, eles **falam**) para três formas básicas (eu **falo**, você/tu/ele/a gente **fala**, vocês/eles **falam**) (LOPES, 2004). Em função disso, houve a perda do traço

semântico indicado pelas desinências verbais e, por conseguinte, a possibilidade de ambiguidades no discurso. Para resolver essa questão, há uma maior tendência ao preenchimento do sujeito por parte do falante (DUARTE, 1993).

Com base nas leituras realizadas acerca do fenômeno da primeira pessoa do plural e dado o encaixamento linguístico desse fenômeno na língua (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), percebemos a importância de investigarmos, também, a concordância verbal de primeira pessoa do plural.

Para a rodada da concordância verbal, consideramos apenas os casos de sujeito, ou seja, retiramos da nossa análise todos os casos das demais funções sintáticas. Outra estratégia que adotamos para obtermos os resultados apresentados foi considerar como variável dependente as formas de construção de concordância verbal e não mais as formas pronominais.

Em nossa amostra, codificamos separadamente os casos de *a gente + desinência verbal -Ø* [zero]; *a gente + desinência verbal -mos*; *nós + desinência verbal -mos e*; *nós + desinência verbal -Ø* [zero]. Inicialmente, isso nos possibilitaria investigarmos o comportamento de cada uma das duas formas de concordância e das duas formas de não concordância verbal. Entretanto, na nossa primeira rodada, houve knockouts ligados ao *a gente + desinência verbal -mos* (concordância não padrão) em vários grupos de fatores.

Isso ocorreu por termos apenas três casos desse tipo de construção de não concordância, que ocorreram no ambiente urbano pelo mesmo personagem. Vejamos:

FIGURA 58 – CASOS DE NÃO CONCORDÂNCIA VERBAL COM O PRONOME INOVADOR A GENTE.



Fonte: Revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição 173, 1993, p.13.

Conforme discutimos quando tratamos sobre a variável independente *preenchimento do sujeito*, para definirmos os casos de *a gente* não preenchido consideramos,

primeiramente, se a ocorrência verbal apresentava o pronome explícito anteriormente. Além disso, o pronome pessoal não poderia estar muito distante do verbo em análise, pois as formas conjugadas na terceira pessoa do singular apresentam ambiguidade com outras pessoas do discurso e, somente pelo contexto, haveria dificuldade de indicar com exatidão a referência verbal de todos os casos.

Com base nessa metodologia codificamos os únicos três casos de *a gente* não preenchido e sem concordância (*a gente + desinência verbal -mos*), mas, em nossas rodadas, excluímos essa variável. A figura 59 retrata uma das ocasiões em que o personagem rural Chico Bento vai à cidade visitar seus tios e seu primo Zeca, mas ele se perde e se mete em algumas confusões, até que, finalmente, eles se encontram.

No primeiro quadro, o Primo Zeca repreende o Chico Bento “Você é quem estava perdido! Fiquei louco atrás de você!” e continua no segundo quadro “Fui até em casa pra procurar você de carro com o papai!” “Afinal, sabe lá o que poderia acontecer a um garoto ingênuo como você...”. No terceiro quadro, já dentro do carro, inferimos que o turno de fala permanece com o garoto da cidade, “Mas com **a gente**, não... **nascemos** e sempre **vivemos** aqui!” (grifos nossos). Temos, assim, os dois primeiros casos de *a gente* sem concordância. O Primo Zeca inicia a oração com o pronome *a gente* e segue com dois verbos conjugados na primeira pessoa do plural, *nascemos* e *vivemos*.

O menino da cidade continua a sua fala no quarto quadro “Quem nasce na cidade, não se perde, de jeito nenhum!” e, no quinto quadro, continua “Já **estamos** super-acostumados, e...” (grifos nossos). Depreendemos que este dado também se caracteriza como *a gente sem concordância* em razão da forma pronominal precedente não distante.

Sendo assim, realizamos, num primeiro momento, uma rodada ternária composta pelos seguintes fatores na variável dependente: *a gente + desinência verbal -Ø* [zero]; *nós + desinência verbal -mos* e; *nós + desinência verbal -Ø* [zero].

TABELA 18 - DISTRIBUIÇÃO DA CONCORDÂNCIA VERBAL NA TURMA CRIANÇA E JOVEM.

VARIANTES PRONOMES	NÓS + -MOS		NÓS SEM -MOS		A GENTE + Ø	
	n/N	%	n/N	%	n/N	%
Turma Criança	411/630	65,2	93/630	14,8	126/630	20,0
Turma Jovem	554/696	79,6	7/696	1,0	135/696	19,4

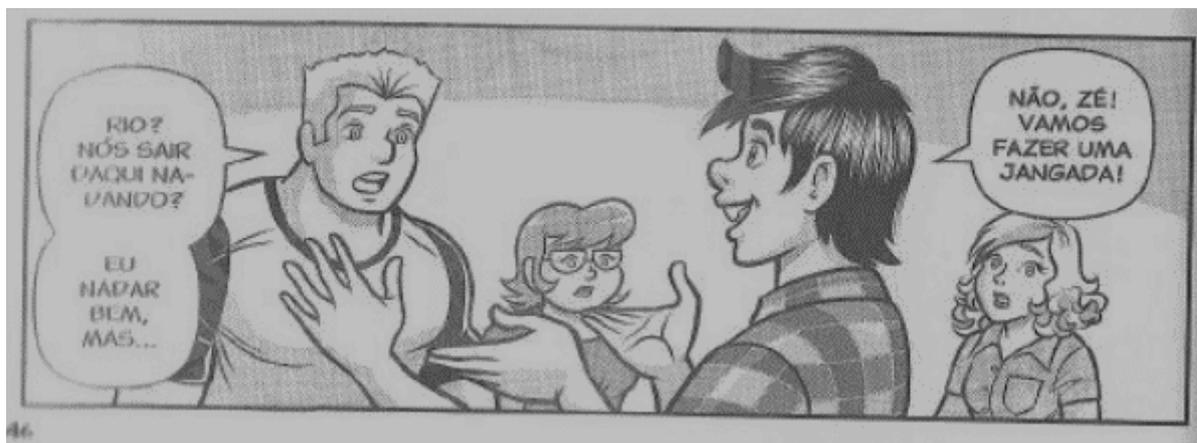
Fonte: elaborada pela autora.

Legenda: n = quantidade da variante de referência; N = quantidade dos totais das variantes em análise; % = percentual de uso da variante de referência e; PR = peso relativo

A tabela 23 nos mostra o percentual de concordância verbal conforme a revista em quadrinho, isto é, Turma Criança e Turma Jovem. Ao compararmos as duas revistas, observamos que a maior taxa de concordância padrão para os dois pronomes se encontra na Turma Jovem, categórico para o *a gente* e 79,6% para o *nós + -mos*.

Por outro lado, a maior taxa de nós sem concordância se encontra na Turma Criança, com o percentual de 14,8% de concordância estigmatizada, ao passo que, na Turma Jovem, verificamos apenas 7 casos de *nós sem -mos*, totalizando 1%. Além disso, cabe ressaltarmos que a não concordância na Turma Jovem está ligada aos personagens estrangeiros e, por vezes, ao Zé Lelé. A figura abaixo ilustra um desses casos:

FIGURA 59 - EXEMPLO DE NÃO CONCORDÂNCIA PELO PERSONAGEM ESTRANGEIRO ZÉ DA RÚSSIA.



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Moço, edição 10, p.43.

Na figura 60, os personagens estavam perdidos no pantanal e o Chico Bento dá a ideia de eles saírem dali por meio do rio. Com espanto, o personagem Zé da Rússia questiona “Rio? Nós **sair** daqui nadando?” (grifos nossos). Os demais casos são da personagem feminina Anna *Ramble* e, também, de personagens que são da roça que, por vezes, aparecem nas histórias (61).

FIGURA 61 - EXEMPLO DE NÃO CONCORDÂNCIA VERBAL POR PERSONAGEM RURAL NA TURMA JOVEM.



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento Moço, edição 18, p. 91

Esses resultados nos mostram que a não concordância padrão é uma variante linguística relacionada a integrantes do interior, pelo menos nas revistas em quadrinhos do personagem Chico Bento. Isso reforça a ideia estereotipada do “falar errado” desses moradores.

Haja vista os poucos casos de *a gente + -mos* (fig. 59), realizamos rodadas ternárias com as variáveis locutor, interlocutor, local de fala, sexo e faixa etária. Em seguida, apresentamos esses resultados em termos percentuais.

6.3.1 Rodadas ternárias de concordância verbal de primeira pessoa do plural

No que diz respeito à Turma Criança, verificamos que as médias mais altas de não-concordância verbal padrão com *nós* são dos personagens do meio rural. Os personagens locutores apresentam 93/508 ocorrências de *nós sem concordância* (14,8%), ao passo que a concordância verbal – tanto de *nós* quanto de *a gente* – foi categórica entre os personagens locutores urbanos. A variável local de fala apontou a maior taxa de não-concordância verbal em ambientes rurais (81/534 = 15,2) comparado a ambientes urbanos (12/96 = 12,5%).

Antes de adentrarmos na discussão dos resultados percentuais sobre o tempo verbal + saliência fônica, salientamos que, com base em pesquisas anteriores (FOEGER, 2014; NARO, GORSKI & FERNANDES, 1999; NARO, SCHERRE & YACOVENCO, 2018), a concordância verbal de primeira pessoa do plural (uso explícito de -mos) está relacionada, principalmente, ao tempo verbal, como uma maneira de se diferenciar o tempo presente do tempo pretérito, e à saliência fônica do verbo, em virtude da maior diferenciação fônica existente entre as formas do singular correspondentes à terceira pessoa do singular e as formas da primeira pessoa do plural.

Destacamos, ainda, que os tempos menos salientes são pretérito imperfeito e presente com neutralização, isto é, têm a mesma forma para o presente e o pretérito perfeito. Por seu turno, as formas mais salientes são pretérito perfeito. As tabelas a seguir (tab. 24 e 25) apresentam os resultados percentuais das rodadas ternárias de concordância verbal de primeira pessoa do plural em função da variável tempo verbal + saliência fônica, para a Turma Criança e a Turma Jovem:

TABELA 19 - RESULTADOS PERCENTUAIS DA VARIÁVEL TEMPO VERBAL + SALIÊNCIA FÔNICA NA RODADA TERNÁRIA TURMA CRIANÇA.

VARIANTES	NÓS + -MOS		NÓS SEM -MOS		A GENTE + Ø	
	n/N	%	n/N	%	n/N	%
Pretérito Imperfeito	5/18	27,8	4/18	22,2	9/18	50,0
Presente = Pretérito perfeito	72/121	59,5	18/121	14,9	31/121	25,6
Presente dif. Pretérito perfeito [-saliente]	35/53	66,0	7/53	13,2	11/53	20,8

Presente dif. Pretérito perfeito [+saliente]	135/170	79,4	18/170	10,6	17/170	10,0
Pretérito perfeito	67/80	83,8	2/80	2,5	11/80	13,8
Demais tempos	97/188	51,6	44/188	23,4	47/188	25,0
TOTAL	411/630	65,2	93/630	14,8	126/630	20,0

Fonte: elaborada pela autora.

Legenda: n = quantidade da variante de referência; N = quantidade dos totais das variantes em análise; % = percentual de uso da variante de referência e; PR = peso relativo

Na Turma Criança, verificamos que a maior média de concordância verbal de *nós + -mos* ocorre, justamente, nos tempos verbais de maior saliência. No pretérito perfeito a média de uso de *-mos* explícito é de 83,8% e no presente diferente do pretérito [+saliente] é de 79,4%. Em seguida, com base nos níveis hierárquicos de saliência para o presente, há o presente diferente do pretérito [-saliente] com 66% e o presente igual ao pretérito (59,5%).

Resultados similares são observados na Turma Jovem, os tempos mais salientes apresentam mais concordância verbal (presente diferente do pretérito [+saliente] = 93,5% e pretérito perfeito = 86,6%) e aquele que menos influencia na não-concordância é o pretérito imperfeito, com 50%.

Tabela 20 - RESULTADOS PERCENTUAIS DA VARIÁVEL TEMPO VERBAL + SALIÊNCIA FÔNICA NA RODADA TERNÁRIA TURMA JOVEM.

VARIANTES	NÓS + -MOS		NÓS SEM -MOS		A GENTE + Ø	
	n/N	%	n/N	%	n/N	%
Pretérito Imperfeito	15/30	50,0	1/30	3,3	14/30	46,7
Presente = Pretérito perfeito	118/160	73,8	2/160	1,2	40/160	25,0
Presente dif. Pretérito perfeito [-saliente]	40/55	72,7	0/55	0,0	15/55	27,3
Presente dif. Pretérito perfeito [+saliente]	244/261	93,5	1/261	0,4	16/261	6,1
Pretérito perfeito	58/67	86,6	1/67	1,5	8/67	11,9
Demais tempos	79/123	64,2	2/123	1,6	42/123	34,1
TOTAL	554/696	79,6	7/696	1,0	135/696	19,4

Fonte: elaborada pela autora.

Legenda: n = quantidade da variante de referência; N = quantidade dos totais das variantes em análise; % = percentual de uso da variante de referência e; PR = peso relativo

Sendo assim, similar ao que observamos na alternância pronominal, notamos que, entre os tempos do presente, há uma hierarquia no grau de saliência que propiciam o emprego da concordância em detrimento da não-concordância e, por conseguinte, entre as formas de primeira pessoa do plural.

6.3.2 Rodadas binárias de concordância verbal de primeira pessoa do plural

Para as nossas rodadas de pesos relativos, fizemos rodadas binárias de *concordância* (*a gente com concordância padrão + nós com concordância padrão*) versus nós sem concordância, ou seja, sem a desinência verbal -mos.

Além disso, consideramos os seguintes grupos de fatores: década (somente para Turma Criança); locutor (personagem que fala); interlocutor (personagem com quem se fala); local de fala; sexo; faixa etária; personagem (grupos sociais) e; a Tempo Verbal + Saliência Fônica.

Permanecemos, também, com a opção metodológica de retirar das nossas rodadas os dados codificados como “outros”, congruente ao que fizemos nos resultados das rodadas gerais e de sujeito da Turma Criança discutidos anteriormente. Além disso, para a Turma Criança, no que diz respeito ao grupo faixa etária, retiramos as variáveis codificadas como “jovens”, haja visto que tivemos poucos casos.

Para a Turma Criança, o GoldVarb X selecionou como estatisticamente significativo, em ordem de seleção: a década de publicação, o grupo social, o sexo, a Tempo Verbal + Saliência Fônica e a faixa etária. Em contrapartida, para a Turma Jovem, não houve seleção de nenhuma variável, fato que deve estar relacionado ao uso categórico de concordância verbal, pois houve apenas 7 casos encontrados de não-concordância (correspondentes a 1% do total).

Um ponto de destaque diz respeito às comparações com outras pesquisas. Conforme mencionamos anteriormente, por vezes, o pesquisador precisar ter a sensibilidade de perceber quais situações podem ou não estar por detrás de um fenômeno em variação linguística. No nosso caso, as revistas em quadrinhos suscitam variáveis que, por vezes, não há comparações com pesquisas com dados oriundos do vernáculo. Por

essa razão, não pudemos comparar todos os nossos resultados com outros estudos, já que precisaríamos de uma paridade mínima entre as pesquisas.

Dessa maneira, julgamos pertinente demonstrar as direções apontadas por nossos resultados e, ainda, apontar caminhos para outros.

Década de publicação

A década de publicação do gibi foi a primeira variável selecionado pelo *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH 2005) nas revistas da Turma Criança. Para essa variável, amalgamamos as revistas em quadrinhos em dois grupos: antigas, composto pelas publicações dos anos 1980 e anos 1990 e; recentes, composto pelas publicações a partir dos anos 2000.

TABELA 21 - EFEITO DA VARIÁVEL DÉCADA SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL.

REVISTA	CONCORDÂNCIA (NÓS + -MOS / A GENTE + ZERO) X NÓS SEM -MOS		
DÉCADA DO GIBI	n/N	%	PR
Antigas (80+90)	335/413	81,1	0,375
Recentes (2000)	199/214	93,0	0,729
TOTAL	534/627	85,2	

Fonte: elaborada pela autora.

Legenda: n = quantidade da variante de referência; N = quantidade dos totais das variantes em análise; % = percentual de uso da variante de referência e; PR = peso relativo

Verificamos em nossos resultados que a concordância verbal padrão é desfavorecida nos gibis mais antigos da Turma Criança, com peso relativo de 0,375. Além disso, voltamos à discussão do capítulo 4, quanto tratamos a repercussão negativa que essas revistas em quadrinhos tiveram à época. Em nossa amostra e para esse fenômeno, percebemos que a língua não padrão e estigmatizada era mais frequente nos quadrinhos antigos.

Ao observarmos os resultados referentes às publicações mais novas, ou seja, após anos 2000, vemos que a concordância padrão é favorecida de modo expressivo, com peso relativo de 0,729.

Cabe lembrarmos que o ambiente de narrativa das duas revistas é diferente. Na Turma Criança, os personagens vivem, em sua maioria, no interior. Na Turma Jovem, isso muda e o foco se torna a vida dos personagens adolescentes na cidade grande. Isto posto, inferimos, ainda, que nessas revistas em quadrinhos o fenômeno da concordância padrão está atrelado ao meio urbano, mais modernizado³⁷, ao passo que a não concordância verbal padrão está associada ao interior. Além disso, por vezes, esse fenômeno altamente estigmatizado socialmente é relacionado a pessoas com pouca instrução.

Grupo Social

O grupo de fatores dos personagens divididos em grupos sociais foi o segundo a ser selecionado pelo programa estatístico. Verificamos que o grupo que mais favorece a concordância padrão (peso relativo de 0,747) é aquele composto por personagens de [+poder;+influência], como a prof.^a Maricota, Zé da Roça, Hiro, o primo Zeca da cidade, o filho do coronel, Genésio.

³⁷ Utilizamos o termo “modernizado” pois, por vezes, os personagens urbanos desfazem dos personagens rurais questionando a falta de modernidade existente no interior. Essa diferença existente nas duas realizadas, roça e cidade, é destacada em diversas histórias, em especial, na Turma Criança, quando o Chico Bento e o seu primo Zeca da cidade se encontravam para passar férias ou simplesmente passear. Nesses encontros, eram expostos por meio dos diálogos a falta de luz, de internet, de veículos ou outros objetos/estruturas ligadas à vida moderna.

TABELA 22 - EFEITO DA VARIÁVEL GRUPO SOCIAL SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NAS REVISTAS DA TURMA CRIANÇA.

TURMA JOVEM	CONCORDÂNCIA (NÓS + -MOS / A GENTE + ZERO)		
	n/N	%	PR
Grupos sociais			
[+poder;+influência]	176/200	88,0	0,676
[-poder;-influência]	248/310	80,0	0,328
Outros	110/117	94,0	0,654
TOTAL	534/627	85,2	

Fonte: elaborada pela autora.

Legenda: n = quantidade da variante de referência; N = quantidade dos totais das variantes em análise; % = percentual de uso da variante de referência e; PR = peso relativo

Já os personagens ligados a Chico Bento, grupo [-poder;-influência], composto por Tônico, Cotinha, Chico Bento, Rosinha, Seu Pereira e Zé Lelé, mostrou o desfavorecimento da concordância verbal com peso relativo de 0,328. Cabe destacar que, entre estes personagens, aquele que menos faz concordância na narrativa é Zé Lelé.

O grupo denominado *outros*, que engloba os personagens não recorrentes nas histórias, como vendedores esporádicos, policiais, a Mônica ou o Cebolinha (também criações de Maurício de Sousa) favoreceu a concordância verbal também com 94,0% de concordância e peso relativo de 0,654.

Sexo do personagem

Para essa variável encontramos resultados divergentes de pesquisas precedentes a nossa. Mattos (2013) investigou a concordância verbal de primeira pessoa na fala de Goiás a partir de uma amostra de 55 entrevistas, de informantes dividido por sexo (masculino e feminino), por idade (16-24 anos; 25-40 anos; 41-86 anos) e escolarização (10-11 anos e 11 anos<) (p. 155). No que diz respeito ao sexo dos informantes, a pesquisadora notou o favorecimento da não concordância padrão por mulheres (0,70) e seu desfavorecimento por homens (0,34).

Por sua vez, Benfica (2016) estudou a primeira pessoa do plural na fala de Vitória/ES (Amostra Portvix. YACOVENCO *et al*, 2012) e seus resultados mostraram que, embora o sexo/gênero não tenha sido selecionado, em termos percentuais, a concordância padrão de *nós + -mos* tem sua maior média de uso por homens (91,7%) (p.83).

TABELA 23 - EFEITO DA VARIÁVEL SEXO SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NA TURMA CRIANÇA.

TURMA JOVEM SEXO/GÊNERO	CONCORDÂNCIA (<i>NÓS + -MOS / A GENTE + ZERO</i>)		
	n/N	%	PR
Masculino	452/524	86,3	0,562
Feminino	82/103	79,6	0,219
TOTAL	534/627	85,2	

Fonte: elaborada pela autora.

Legenda: n = quantidade da variante de referência; N = quantidade dos totais das variantes em análise; % = percentual de uso da variante de referência e; PR = peso relativo

Em nossa amostra, as personagens femininas são quem mais desfavorecem a concordância verbal (0,219), enquanto os personagens masculinos a favorecem (0,562). Resultados surpreendentes, especialmente se consideramos que Rosinha e D^a Maricota fazem parte desse grupo.

Esse resultado nos faz pensar sobre a representação do papel das mulheres nas revistas da Turma do Chico Bento criança. Conforme visto na seção sobre a variável sexo, o sexo feminino está associado, frequentemente, a marcas de prestígio ou à conformidade, fato que não se vê nos resultados aqui obtidos.

Tempo Verbal + Saliência Fônica

Essa variável foi a quarta selecionada para a Turma Criança. A tabela a seguir nos mostra com detalhes os resultados obtidos. Constatamos que as formas mais

salientes são as que mais favorecem a concordância verbal da primeira pessoa do plural.

TABELA 24 - EFEITO DO TEMPO VERBAL + SALIÊNCIA FÔNICA SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NA TURMA CRIANÇA.

SALIÊNCIA FÔNICA (+TEMPO VERBAL)	TURMA CRIANÇA		
	n/N	%	PR
Pretérito Imperfeito	14/18	77,8	0,321
Pretérito Perfeito (amamos)	78/80	97,5	0,852
Presente = Pret. Perfeito	101/119	84,9	0,443
Presente ≠ Pret. Perfeito [+saliente]	151/169	89,3	0,551
Presente ≠ Pret. Perf. [-saliente]	45/52	86,5	0,508
Demais tempos	145/189	76,7	0,328
TOTAL	534/627	85,2	

Fonte: elaborada pela autora.

Legenda: n = quantidade da variante de referência; N = quantidade dos totais das variantes em análise; % = percentual de uso da variante de referência e; PR = peso relativo

O pretérito perfeito foi a forma que mais favoreceu a concordância, com peso relativo de 0,852. Tivemos poucos casos de não concordância com o pretérito perfeito. A figura abaixo (figura 61) ilustra um desses casos.

O personagem Chico Bento sai para passear por um local que, segundo afirma o próprio menino, não pode contar para os pais. Nesse lugar, encontra seus bisavós, cachorros e alguns anjos. Ao falar com sua bisavó, a senhora lhe entrega algumas guloseimas e o menino questiona o porquê de ganhar a comida. Nesse momento, a bisavó lhe responde que o motivo é a viagem que o Chico começaria a fazer naquele dia. Intrigado, o menino afirma que o pai não havia lhe falado nada sobre isso. Então, no terceiro quadro, a senhora afirma “Mais é uma viagem qui tudo **nóis feiz** um dia, Chico!” (grifos nossos). A personagem se refere ao momento de crescimento pelo qual as pessoas passam e, agora, era a vez do Chico e essa seria a última vez que o menino estaria ali na gruta.

FIGURA 60 - EXEMPLO DE NÃO CONCORDÂNCIA VERBAL COM O PRETÉRITO PERFEITO NA REVISTA DA TURMA CRIANÇA.



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição 02, 1982, p.6

Pressupomos, desse modo, que a alta taxa de concordância verbal para esse tempo verbal e o seu alto grau de favorecimento da concordância padrão, corroboram a hipótese de Naro, Gorski & Fernandes (1999) sobre a desinência verbal *-mos* estar se tornando um marcador para o pretérito:

No sistema antigo a desinência verbal *-mos* era semanticamente redundante [...] no ambiente de primeira pessoa plural. No novo sistema, ao contrário, *-mos* está associado a uma categoria semanticamente importante (ou seja, tempo passado) e está adquirindo um papel como o morfema pretérito. [...] É possível prever um período futuro em que *-mos* pode vir a ser categoricamente pretérito e *0* categoricamente não pretérito na 1ª pessoa do plural (NARO, GORSKI & FERNANDES, 1999, p.209-2010. Tradução nossa)

O presente diferente do pretérito [+saliente] também favoreceu a *concordância verbal* nos gibis com 0,551. Por sua vez, o pretérito imperfeito desfavoreceu a concordância

com peso relativo de 0,321, embora também apresente alta taxa de concordância verbal.

Em nossa pesquisa, observamos que, de forma geral, as revistas em quadrinhos apresentam, quanto à concordância, uma representação bem próxima da fala. Observamos que, quanto à variável tempo verbal + saliência fônica, há uma confluência com os resultados obtidos em outras pesquisas.

É importante destacar novamente que a Turma Jovem é dirigida a outro público, no caso, pré-adolescente e adolescentes, além de retratar o personagem principal em uma nova fase da vida, ligada a maior letramento (está cursando Agronomia), e passa a viver na cidade. Tais fatos, possivelmente, acarretam um uso categórico da concordância nessas revistas.

Faixa etária

A faixa etária foi a quinta variável selecionada como estatisticamente significativa na variação da concordância verbal de primeira pessoa do plural em nossa amostra.

TABELA 25 - EFEITO DA FAIXA ETÁRIA SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL NA TURMA CRIANÇA.

TURMA JOVEM FAIXA ETÁRIA	CONCORDÂNCIA (NÓS + -MOS / A GENTE + ZERO)		
	n/N	%	PR
Adultos+ jovens	180/194	92,8	0,649
Crianças	354/433	81,8	0,432
TOTAL	534/627	85,2	

Fonte: elaborada pela autora.

Legenda: n = quantidade da variante de referência; N = quantidade dos totais das variantes em análise; % = percentual de uso da variante de referência e; PR = peso relativo

Percebemos em nossa amostra o favorecimento da concordância por personagens de faixas etárias mais velhas (jovens e adultos) com peso relativo de 0,649, e o seu

desfavorecimento por personagens crianças (0,432). Não é possível fazer generalizações para essa variável, no entanto, uma hipótese para esses resultados subjaz à escolaridade dos moradores de Vila Abobrinha.

Acreditamos que os personagens mais velhos têm mais anos de escolarização e, por isso, apresentam maior taxa de concordância verbal. Além disso, de acordo com o que discutimos nos resultados referentes à alternância pronominal *nós/a gente*, a maioria dos personagens adultos encontra-se incluído no grupo social [+poder;+influência] e um dos aspectos observados nesse grupo de personagens era um maior domínio da norma culta.

Por seu turno, os personagens infantis têm menos anos de escolarização e, por esse motivo, têm menos domínio da língua padrão. A figura abaixo (fig. 62) mostra uma das situações em que um personagem criança é corrigido por sua fala:

FIGURA 61 – CORREÇÃO DE FALA DO PERSONAGEM CHICO BENTO PELA PROF.^a MARICOTA.



Fonte: revista em quadrinhos da Turma do Chico Bento, edição 86, p. 03, 1985.

No primeiro quadro, Chico pergunta sobre sua nota “Quar são minhas nota?” e, logo após, a professora o corrige “Quais são as minhas notas, Chico”. Há, no segundo

quadro, uma pequena confusão, pois o Chico não entende que está sendo corrigido e acredita que a professora pergunta por suas próprias notas “I eu qui vô sabe?” “Oê também feiz prova?”. No terceiro quadro, Maricota perde a paciência e chama a atenção do menino “Isso lá é Português que se fale? Já pro castigo!”. No mesmo quadro, Chico pondera “Mais...” e, novamente, a professora o corrige “**Mais** é de quantidade! O certo é **mas!**” (grifos do autor).

A pesquisa de Foeger (2014), que também investigou a concordância verbal de primeira pessoa do plural, apresentou resultados semelhantes. A concordância padrão foi favorecida pelos mais velhos em sua amostra (peso relativo de 0,85) e desfavorecida nas demais idades, sendo a que menos favorece a concordância, são crianças entre 7-14 anos, com peso relativo de 0,18 (FOEGER, 2014, p. 141).

7. CONCLUSÕES

A partir do viés da Sociolinguística Variacionista, analisamos a primeira pessoa do plural nas revistas da Turma do Chico Bento, que pode ser realizada por meio dos pronomes *nós* e *a gente*. Observamos, também, a concordância verbal de primeira pessoa do plural, que é construída por meio de (a) *nós* + *desinência verbal -mos* (marcação de plural tradicional, sem estigma); (b) *nós* + *desinência verbal -Ø* [zero] (sem marcação de plural, forma estigmatizada); (c) *a gente* + *desinência verbal -Ø* [zero] (marcação de plural tradicional, forma sem estigma) e; (d) *a gente* + *desinência verbal -mos* (marcação não padrão, forma estigmatizada).

Conforme discutimos, nosso estudo se desdobrou em três pilares: a alternância pronominal *nós/a gente* em todas as funções sintáticas; a alternância pronominal *nós/a gente* apenas em função sintática de sujeito e; a concordância verbal de primeira pessoa do plural.

Quanto às análises de primeira pessoa do plural, obtivemos um total de 1724 dados, destes 834 dados são da revista da turma do Chico Bento e 890 ocorrências são da turma do Chico Bento Moço. Constatamos que, no geral, o pronome que mais é empregado nos gibis é o *nós*, com 77,% (Turma Criança + Turma Jovem), ao passo que o *a gente* apresentou 22,3% (Turma Criança + Turma Jovem).

Observamos, ainda, que com o passar das décadas de publicação dos exemplares da Turma Criança, o emprego da nova forma pronominal aumentou sutilmente, principalmente, da década de 90 para os anos 2000, de 19,4% para 27,8%. Por outro lado, houve um decréscimo no uso de *nós* nesse mesmo período, de 80,6% para 72,2%.

Além disso, verificamos que a maior parte dos dados se encontram na posição de sujeito. Na Turma Criança são 709 dados, dos quais 625 são sujeitos e 84 em posição de não sujeito. Na Turma Jovem temos 715 dados, dos quais 676 são relativos aos casos em posição de sujeito e 39 de não sujeito.

Percebemos que as variáveis que atuam por detrás da variação pronominal de primeira pessoa em todas as funções sintáticas são, na Turma Criança: o local de fala, a faixa etária, a função sintática e a Tempo Verbal + Saliência Fônica. Na Turma

Jovem foram selecionadas as seguintes variáveis: locutor, grupos sociais e a saliência (+tempo verbal).

No que tange aos resultados dos gibis da Turma Criança, o local de fala foi a quarta variável selecionada. Constatamos que quando o diálogo ocorreu no meio rural, o *a gente* foi desfavorecido (0,481) e favorecido no meio urbano (0,821). Nossos resultados convergiram com a hipótese de C. Foeger (2014), a qual aponta que o pronome inovador possui caráter mais urbano, ao passo que o pronome tradicional, caráter mais rural. Esses dados estão relacionados ao conservadorismo característicos de moradores das áreas rurais e, por esse motivo, as mudanças linguísticas tendem a ocorrer com mais força, inicialmente, nos grandes centros urbanos.

O local de fala também foi selecionado como estatisticamente significativo na variação pronominal nos casos de sujeito, sendo a 1ª variável selecionada para a Turma Criança. Para esta rodada, apresentou resultados semelhantes aos de todas as funções sintáticas, isto é, há o favorecimento do novo pronome quando as conversas se deram no meio urbano (0,794) e o seu desfavorecimento no meio rural (0,482).

Nas rodadas de sujeito, na Turma Criança, o pronome empregado com referência mais genérica se mostrou favorecedor do *a gente* (0,716) e o seu emprego em contextos mais específicos o desfavoreceram (0,476).

Consoante aos apontamentos de Omena (1996), nossos resultados mostraram que as funções sintáticas que mais favorecem a entrada do *a gente* no português brasileiro, na Turma Criança, são as de não sujeito. Diferentemente do visto por Omena (1996), nas revistas em quadrinhos que analisamos, há a preferência pelo *a gente* em vez do pronome possessivo *nosso* (*a*).

Os personagens categorizados em grupos sociais foi a 1ª variável selecionada para a Turma Jovem nas rodadas em todas as funções sintáticas e nas rodadas de sujeito para a Turma Criança. Com esses resultados, levantamos a hipótese de que as formas pronominais em competição não estão relacionadas somente aos contextos rurais e urbanos, mas, subjaz a esses resultados a avaliação social. Por esse motivo, o *a gente*, possivelmente considerado como não padrão pelos autores/editores das revistas, é expressivamente favorecido por personagens de [-poder; -influência] nas narrativas.

A Tempo Verbal + Saliência Fônica controlada com base na Escala da Proeminência, proposta por Naro, Scherre & Yacovenco (2018), foi a 4ª variável selecionada para a Turma Criança e a 3ª para a Turma Jovem nas rodadas em todas as funções sintáticas, ou seja, foi selecionada como estatisticamente relevante para os dois gibis. Ela também foi selecionada nas duas revistas para as rodadas de sujeito (Turma Criança = 4ª selecionada; Turma Jovem = 2ª selecionada). Nossos resultados convergiram com as nossas hipóteses iniciais, isto é, que as formas verbais no pretérito imperfeito e o presente/pretérito perfeito favorecem o *a gente*.

De acordo com pesquisas antecessoras a nossa (FOEGER, 2014; NARO, GORSKI & FERNANDES, 1999; NARO, SCHERRE & YACOVENCO, 2018; SEARA, 2000), o novo pronome é preferido com as formas do pretérito imperfeito (Turma Criança = 0,814; Turma Jovem = 0,832) pois, desse modo, o falante consegue se esquivar das proparoxítonas, uma vez que o padrão métrico do português brasileiro é a paroxítona.

O favorecimento de formas no presente/pretérito se justifica por causa da ambiguidade causada entre esses dois tempos verbais (Turma Criança = 0,595; Turma Jovem = 0,656), desse modo, o falante opta pela forma *a gente* com concordância de terceira pessoa do singular para desfazer a confusão causada pelas formas conjugadas na primeira pessoa do plural.

Quando ao tempo presente, ainda, observamos que há um grau hierárquico conforme a saliência do verbo que favorece mais ou menos o sintagma nominal. Verbos cuja conjugação do presente é diferente do pretérito [-saliente] favorecem o *a gente* (Turma Criança = 0,534; Turma Jovem = 0,646), por outro lado, verbos presente diferente do pretérito [+saliente] desfavorecem o *a gente* (Turma Criança = 0,320; Turma Jovem = 0,256).

Sendo assim, concluímos que a maior diferenciação fônica entre a primeira pessoa do plural e a terceira pessoa do singular desfavorecem o *a gente*. segundo Tamanine (2010), isso decorre da tonicidade das palavras: oxítonas ou monossílabas favorecem a nova forma e as paroxítonas a desfavorecem. Ademais, de acordo com Naro, Gorski & Fernandes (1999), a desinência verbal -mos apresenta tendência em se tornar, no futuro, marca de pretérito no discurso, ao passo que a sua ausência delimitará o presente.

No que diz respeito à concordância verbal de primeira pessoa do plural, verificamos que a década de publicação foi a primeira variável selecionada para esse fenômeno, onde as revistas em quadrinhos mais antigas (anos 80+90) favorecem a não-concordância padrão, ao passo que as publicações mais novas (anos 2000) favorecem a concordância padrão.

O grupo social foi a segunda variável selecionada. Percebemos o favorecimento da concordância verbal por personagens não recorrentes e não humanos, grupo denominado *outros*, e por personagens de [+poder; +influência]. Por outro lado, os personagens de [-poder; -influência] desfavorecem o padrão de concordância. Esses resultados nos mostram a existência de avaliações sociais e estereotipadas desse fenômeno, ou seja, a variedade não padrão está associada aos grupos de menor poder e menor influência social, fato que demonstra a importância do domínio da norma culta em nossa sociedade.

O sexo também atua na concordância verbal das revistas em quadrinhos. Em nossa amostra, são os homens quem favorecem a concordância verbal, resultado inesperado e divergente de outras pesquisas, uma vez que, as mulheres tendem a se aproximar mais da norma culta do que os homens, em especial, quando o fenômeno linguístico está acima da consciência e é estigmatizado (LABOV, 2001). Pressupomos que a representação do papel social das mulheres está por trás disso. Na Turma Criança, onde as narrativas são, em sua maioria, em áreas rurais, as personagens femininas são trabalhadoras do lar e, por essa razão, não têm contato com o mercado externo, já que os responsáveis por vender os produtos do plantio de terras e animais são os personagens masculinos.

Para o tempo verbal + saliência fônica, quarta variável selecionada, apuramos que, casos de pretérito perfeito igual ao presente, a partícula -mos é utilizada para marcação de pretérito. Em casos de pretérito diferente do pretérito perfeito, as formas [+salientes] favorecem a concordância verbal e as [-salientes] oportunizam a não concordância verbal. Já o pretérito imperfeito, em virtude da esquiva de proparoxítonas e na tentativa de adequar-se ao padrão paroxítono, desfavorece a concordância verbal.

Por fim, a faixa etária foi a quinta variável selecionada em nossa amostra. O maior favorecimento de não-concordância é por personagens crianças, enquanto as faixas

etárias mais velhas (jovens e adultos) favorecem a concordância. Pressupomos que a quantidade de anos de escolarização está subjacente a esse comportamento.

Nosso estudo mostra a importância dos estudos sobre a mudança e a variação linguística em *corpora* escritos, em especial, no gênero textual das revistas em quadrinhos. Percebemos que, além das questões já retratadas em nossos resultados, vimos que os autores demonstram uma avaliação linguística sobre o uso diverso das variantes em tela no meio rural e no urbano. Essa avaliação social sobre os pronomes *nós/a gente*, considerados, por vezes, formas não estigmatizadas, está presente no uso da marca de concordância e do pronome *nós* preferencialmente por personagens classificados como [+poder; = influência]. Esses resultados nos direcionam para a necessidade de darmos continuidade à pesquisa sobre a primeira pessoa do plural e a sua concordância verbal, haja vista a constatação que existem restrições linguísticas e, também, sociais, atuando sobre o fenômeno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BELL, Alan. **Language style as audience design**. *Language in Society*, Cambridge University Press, v. 13, p. 145-204, 1984.

BENFICA, Samine de Almeida. **A concordância verbal na fala de Vitória**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

BENTO, Franciele. **Chico Bento: a representação do caipira nos desenhos animados**. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 2009. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2804_1264.pdf>. Acesso em 10 de junho de 2020.

BORGES, Paulo. R. S. **A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico-social linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas**. Tese de doutorado. UFRS: Porto Alegre, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do Campo para a Cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. Tradução: BORTONI-RICARDO, Stella Maris; CAXANGÁ, Maria do Rosário Rocha. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. IN: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. 2ª edição, 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

COSTA, Marcos Antônio. Estruturalismo. IN: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. 2ª edição, 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008. Ed. 5.

CHAVES, Raquel Gomes. **Princípio de Saliência Fônica: isso não soa bem.** Letrônica, Porto Alegre, v. 7, n.2, p.522-550, jul./dez., 2014.

DUARTE, Maria Eugênia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no Português brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (orgs). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica.** 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2018.

ECKERT, Penelope. Style and social meaning. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John Russell (Eds). **Style and sociolinguistic variation.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 119-126.

FOEGER, Camila Candeias. **A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina.** Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (Orgs.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana Maria Stahl. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

KENEDY, Eduardo. Gerativismo. IN: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org). **Manual de Linguística.** 2ª edição. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

LABOV, William. The intersection of sex and social class in course of linguistic change. **Language Variation and change**, v. 2, n. 2, p. 205-254, 1990.

_____. **Principles of linguistic change: internal factors.** Oxford: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of linguistic change: social factors.** Oxford: Blackwell, 2001.

_____. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LOPES, Célia Regina dos Santos. **A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português.** Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003, v.18. p.174. ISBN: 84-8489-061-9.

_____. **A gramaticalização de a gente em Português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos.** Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 4, n.1 (47-80), julho de 2004.

_____. **O quadro dos pronomes pessoais: descompasso entre pesquisa e ensino.** Matruga, Rio de Janeiro, v.19 n.30, jan./jun. 2012. Disponível em <

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraca/article/view/22624/16167>>
Acesso em 07 de agosto de 2019.

MATTOS, Shirley Eliany Rocha. **Goiás na primeira pessoa do plural**. 2013. 136 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MENDONÇA, Alexandre K. de. **Nós e a gente em Vitória: uma análise sociolinguística da fala capixaba**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Linguística/Ufes, Vitória, 2010.

MENON, Odete Pereira da Silva; LAMBACH, Jane Bernadete; LANDARIN, Noely R. X. Nazareno. Alternância *nós/a gente* nos quadrinhos: análise em tempo real. In: ABRAÇADO, Jussara; RONCARATI, Cláudia. (Org). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

MOLLICA, Maria Cecilia. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza. (Org).. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4.^a ed. 4^a reimpressão – São Paulo: Contexto, 2017.

NARO, Anthony Julius; GÖRSKI, Edair; FERNANDES, Eulália. **Change without change**. Language variation and change, v.11, n. 2, p.197-211, 1999.

NARO, Anthony. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza. (Org). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4.^a ed. 4^a reimpressão – São Paulo: Contexto, 2017.

_____. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza. (Org).. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4.^a ed. 4^a reimpressão – São Paulo: Contexto, 2017, p. 15-26

NARO, Julius Anthony; SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho. **Nós e a gente no português brasileiro: concordâncias e discordâncias**. Estud. lingüíst. galega. Volume especial I, 2018: 13-27. Disponível em < <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/23285>> Acesso em 07 de agosto de 2019.

NEGRÃO, Esmeralda; SCHER, Ana; VIOTTI, Evani. A competência linguística. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística: I. Objetos Teóricos**. 6^a edição. 5^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OMENA, Nelize Pires de. A referência a primeira pessoa do plural. In: SCHERRE, Maria Marta Pereira; OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machiline. (Org). **Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do Português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996, p. 185 – 215; 311 – 323.

OMENA, Nelize Pires. A referência à primeira pessoa do plural. In: PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (orgs). **Mudança Linguística em Tempo Real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. IN: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Linguística: I objetos teóricos**. 6ª ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

PINHEIRO, Frederico Pitanga. **Tá mudando? – uma análise sociofuncionalista da redução fonética do item estar na fala de Vitória/ES**. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola** — Campinas, SP Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras no Brasil).

RAMOS, Paulo Eduardo; Histórias em quadrinhos: um novo objeto de estudos. **Estudos Linguísticos**, XXXV, p. 1574-1583, 2006.

_____. **Tirinhas cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor**. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo/SP, 2007.

_____. Recursos da oralidade nos quadrinhos. In: ELIAS, Vanda Maria (Org.). **Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita, leitura**. 1ª edição. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 51ª edição. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. 27. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006 [1916].

RUBIO, Cássio Florêncio. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo**. Tese de doutorado. UNESP: 2012.

SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J. (Eds.). **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society**. New York: Walter de Gruyter, 1988. p. 984-998.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **Goldvarb X: a variable rule application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: < <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>> Acesso em: 08 agosto 2017.

SEARA, Izabel Christine. **A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana**. Revista do Instituto de Letras da UFRGS, v. 14, n. 28-29, 179-194, 2000.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. NARO, Anthony Julius; YACOVENCO, Lilian Coutinho. **Nós e a gente em quatro amostras do português brasileiro: revisitando a escala da saliência fônica**. DIADORIM (RIO DE JANEIRO), v. 20, p. 428-457, 2018.

TAGLIAMONTE, Sali A. **Analysing Sociolinguistic Variation**. New York: Cambridge University Press, 2006.

TAMANINE, Andréa Maristela Bauer. **Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba –PR**. Curitiba: UFPR, 2010.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

TAVARES, Lucia Helena Medeiros da Cunha. **Gêneros e multimodalidade discursiva nas histórias em quadrinhos**. Revista Prolíngua, vol. 5, número 2 – jul/dez de 2010, p. 69-80.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMA, Angela (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. 4ª edição. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

YACOVENCO, Lilian Coutinho. *et al.* **Portvix: a Sociolinguistics Project - the Speech of Vitória (State of Espírito Santo) on the Setting**. Alfa, São Paulo, v.56, n.3, p.761-796, 2012.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

ZILLES, Ana Maria Stahl. **O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?**. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, junho, 2007

ROSO, Adriane; STREY, Marlene Neves; GUARESCHI, Pedrinho; BUENO, Sandra M. Nora . **Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero**. Psicol. Soc., Belo Horizonte , v. 14, n. 2, p. 74-94, Dec. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822002000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 16 de novembro de 2020.